



C O N C U R S O

7. ESCRITORES
ESCOLARES



Textos seleccionados



Ficha catalográfica elaborada pela Equipe da Getec da Diretoria de Bibliotecas Públicas da Fundação Pedro Calmon.

S529

VII Concurso para escritores escolares de poesia e prosa 2023: textos vencedores / Organizado por Diretoria do Livro e Leitura - Salvador: Fundação Pedro Calmon, Secretaria de Cultura, Secretaria de Educação da Bahia, 2024.

206 p.: il.; Color.

ISBN: 978-85-61458-92-8

Vários autores

1. Poesia escolar brasileira. 2. Prosa escolar brasileira. 3. Crianças escritoras. 4. Escritos de crianças brasileiras. 5. Escritos de professores brasileiros. I. Fundação Pedro Calmon. II. Diretoria do Livro e Leitura – DLL. III. Miguez, Rodrigo (Shak). IV. Borges, Mariana. V. Pimentel, Lilian. VI. Título.

CDD: 808.899282

Ficha Técnica

Governo do Estado da Bahia
Jerônimo Rodrigues

Secretaria da Educação
Rowenna Brito

Secretaria de Cultura
Bruno Monteiro

Fundação Pedro Calmon
Vladimir Pinheiro

Diretora do Livro e da Leitura/FPC
Érica Ferreira

Edição e diagramação
Rodrigo Miguez

Revisão gramatical e editorial
Zeo Antonelli

Ilustração
Rodrigo Miguez, Mariana Borges e Lilian Pimentel



Sumário

TEXTOS DOS ALUNOS

Bahia liberta	
Josias de Almeida dos Santos.....	21
O sol da liberdade: icentenário da Independência da Bahia	
Evelyn Correia Barbosa.....	23
Bicentenário da Bahia	
Yasmim Pereira de Souza.....	25
A resistência do povo baiano	
Carla Maiane Santos Barbosa.....	27
Árdua liberdade	
Rafaele dos Santos da Silva.....	29
Farol da liberdade	
Alice Vitória Pereira de Lima.....	31
Maria Quitéria, a heroína disfarçada	
Jorge Armando Gomes Nascimento.....	35
Máquina do tempo	
Mariane Pereira Silva.....	37
Maria Felipa, uma heroína silenciada	
Cleiton Bastos Paiva de Souza.....	39
Um novo olhar sobre a Independência da Bahia	
Ana Beatriz da Silva Cruz.....	41
A verdadeira Independência	
Lavínia de Souza de Rodrigues.....	47

Após o grito de D. Pedro
Manuella de Jesus Araújo.....49

Amado 2 de Julho
Victória Moura Menezes.....51

Um brilho em 2 de Julho
Rhyan Costa Santos.....53

O anjo agraciado
Davi Áquila Neves de Souza.....55

O grito da liberdade
Hiago Silva Rodrigues.....59

Povo forte
Natã Oliveira dos Santos.....63

A vida da mulher
Kaylla Carvalho Bezerra 65

Bicentenário da Independência do Bahia e do Brasil
David dos Santos Freitas.....67

Independência entre aspas
Samuel Pena dos Santos.....69

A Independência de um povo
Juliano Jesus dos Santos.....73

Noite de crepúsculo no sertão nordestino
Ryanne de Jesus da Silva.....75

A viajante
Soraia Batista Pereira.....79

O amor de João das Botas
Lewie Jhony da Silva Santos.....83

Bahia é poesia
Sara Oliveira Xavier.....89

Independência do Brasil na Bahia
Roberta de Jesus de Souza.....93

O Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia
Geovana Góes Sá Teles Nascimento.....97

TEXTOS DOS PROFESSORES

Crônica de julho
José Avelange Oliveira Mota.....103

Eu vi Maria Felipa, eu a vejo todos os dias
Miriam Campos Brito Gomes.....105

Altivez da liberdade baiana
Clézia Geane Souza Oliveira.....107

Escárnio da odisseia
Glauber Luan Lopes Guimarães.....109

Heroínas da nossa motivação
Iracema Souza de Oliveira.....113

Cordel do Bicentenário: heroínas da Independência
Jairo de Jesus Souza.....115

Memórias da Independência
Bárbara Gabriele Lopes dos Santos Braga.....117

Marcas, identidade e território
Erivan Augusto Santana.....125

Uma garota chamada Quitéria: uma jornada de coragem e resistência
Elias Santana Maia.....127

Três mulheres guerreiras e um povo livre
Paulo Nascimento Silva.....129

Cordel da Independência da Bahia
Kátia Maria Silva Lisboa.....133

Asè Dois de Julho! Asè Bahia!
Sérgio Santos Ribeiro.....139

Uma Paixão Nordestina: amor à Luz das Três Marias
Elton Lopes de Souza.....141

A fantástica história do Corneteiro Lopes
Jaime Guimarães Barreiros.....148

Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia
Márcio Cabral de Souza Santos.....153

A revolta do tambor
Kalypsa Kardinaly Souza Brito.....157

O Protagonismo das Mulheres na Independência da Bahia
Danielma da Silva Bezerra.....161

Marias da Independência
Gabriela Leite Gomes.....163

É festa na Bahia!
Helenilda Santos de Meireles Almeida.....167

Conquista da Independência do Brasil foi na Bahia
Gilmar Ferreira.....171

Dois de Julho, um dia para lembrar!
Joselania de Souza Silva.....177

Agora sim: independentes, meu rei!
Daniela Lima Pimentel.....179

À beira do rio
Ana Claudia Valverde Santos.....181

Bicentenário da Bahia: um canto de liberdade com história
Cleane Alves Santos.....183

200 anos de Independência
Leda Soares da Silva.....185

Uma prece para Marias
Sílvia Letícia da Silva Santana.....187

Fingindo liberdade
Janildes Almeida Chagas.....189

**Escurecendo a história: protagonismo feminino e as
lutas pela Independência da Bahia**
Fabiana Correia Moura.....193

Caras pessoas,

A Fundação Pedro Calmon (FPC), por meio da Diretoria do Livro e da Leitura (DLL), tem a responsabilidade de planejar e apoiar políticas e práticas para promoção da leitura e democratização do acesso ao livro. A fim de estimular práticas de leitura e escrita, enquanto ferramenta social e criativa, o Concurso dos Escritores Escolares desempenha um papel essencial no alcance das metas do Plano Estadual do Livro e da Leitura (PELL), como um impulsionador de jovens ao mundo da leitura e da escrita.

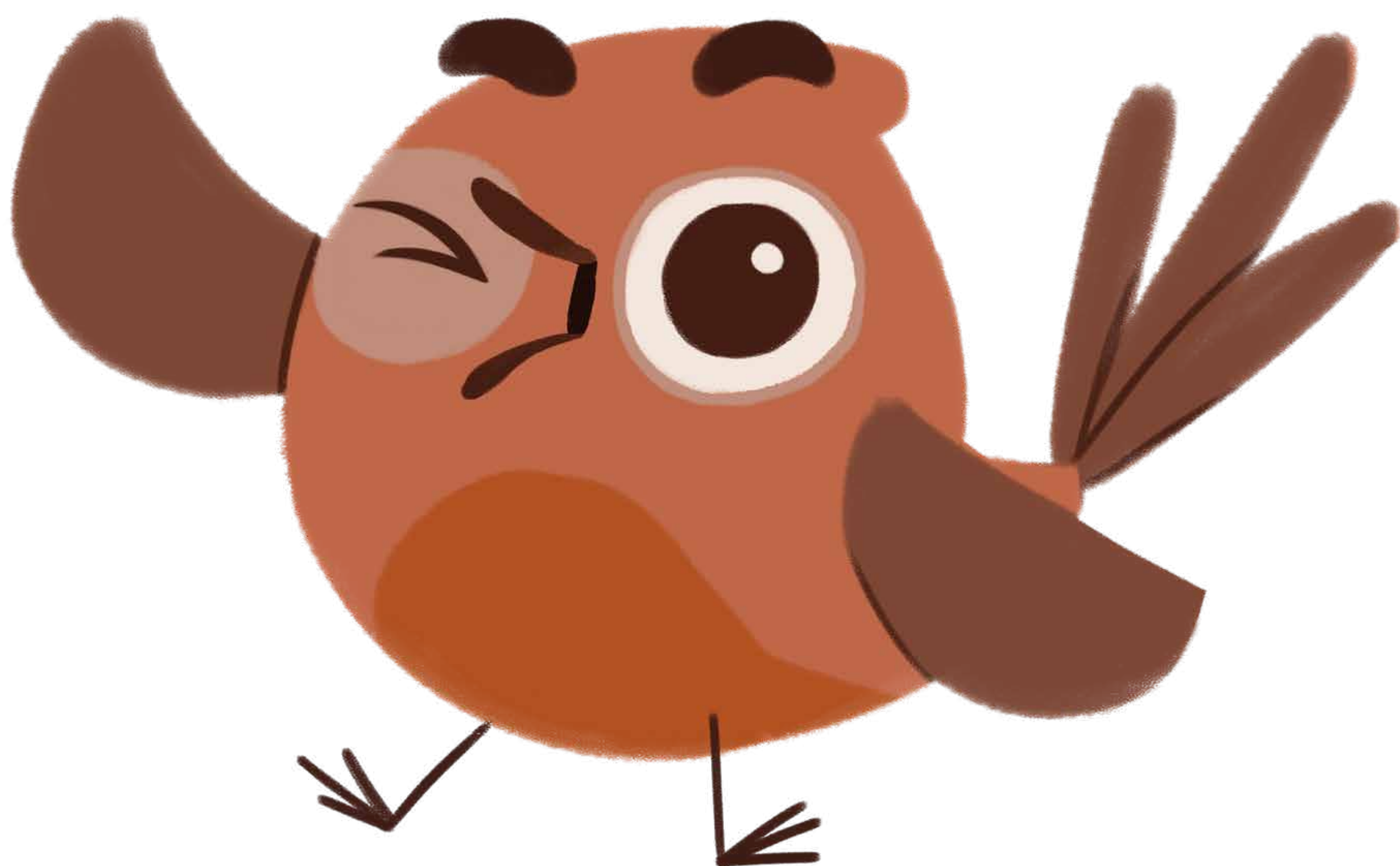
No ano de 2023, o VII Concurso dos Escritores Escolares inovou ao abordar o tema do Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia. Estudantes, professores e Unidades Escolares – representados por seus gestores – de todos os 27 Territórios de Identidade da Bahia puderam participar com textos inéditos e projetos realizados em suas escolas, explorando este tema de grande importância para a história da Bahia.

Como ex-aluna de escola pública, sei da importância da implementação de políticas que incentivem o estudante a ler e a escrever, especialmente da criação de espaços onde possam se expressar por meio da escrita, assumindo o papel de autoras e autores. O tema do Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia serviu como um guia para impulsionar os estudantes a pesquisarem e escreverem sobre a sua própria identidade e história.

A importância da premiação vai além de um mero reconhecimento formal, pois contribui para fortalecer a autoestima do estudante e pode abrir portas para o universo da escrita. O Concurso dos Escritores Escolares já revelou talentos que, posteriormente, publicaram seus próprios livros.

Como Diretora do Livro e da Leitura, é extremamente gratificante acompanhar a consolidação dos textos produzidos por estudantes e professores. Acredito que este livro reflete o potencial transformador da educação e da cultura na vida dos estudantes.

Érica Ferreira
Diretora do Livro e da Leitura da Fundação Pedro Calmon



O Concurso para Escritores Escolares é uma iniciativa da Diretoria do Livro e da Leitura da Fundação Pedro Calmon, e representa, sem dúvidas, um dos projetos que melhor retrata a disseminação, a execução e a aceitação das políticas públicas, com foco na juventude, voltadas para o livro e a leitura no Estado. Estou convicto de que a prática da leitura aliada à educação pública inclusiva e de qualidade são os melhores caminhos para o desenvolvimento do intelecto, o acúmulo de conhecimento e a formação cidadã dos nossos jovens, tornando-os adultos mais conscientes dos seus papéis políticos no mundo. Da leitura prazerosa à escrita criativa é um pulo. Ouvi essa frase em algum lugar que agora não me lembro, mas o dito, nunca esqueci: “só escreve bem quem lê muito.” E essa é a mais pura verdade. Eis o gratificante resultado!

Desde a sua concepção, e por todas as fases seguintes, inscrição, seleção, até o resultado final, tudo nesse concurso é inspirador. Em sua sétima edição, e nesta em especial, para além dos estudantes, ponto focal da seleção desde a sua criação em 2014, foram contemplados também professores e unidades escolares. O foco dessa seleção foi a etapa do Ensino Médio da rede pública estadual, uma aposta certa no jovem estudante da escola pública, aquele que já conhece suas lutas, reconhece seus pares, grita, briga e reivindica seus direitos. A aposta no jovem que rima no *hip hop* nos saraus e *slams* das comunidades periféricas, escreve versos de rebeldia e revolução, que cita Mano Brown e Emicida, Nelson Mandela e Djonga, Zumbi dos Palmares; mas que também escreve uma poesia com versos de amor para sua primeira namorada, que escreve uma crônica lembrando da sua infância e dos seus avós com carinho e gratidão, que reconhece e agradece aos seus pais pela vida e pela dedicação, e transcreve isso para um cordel, o jovem que é sensível, lê, escreve e emociona. Que conhece a sua história e se vê parte dela!

Assim, nesta 7ª edição, os candidatos foram provocados a contarem ou recontarem, às suas maneiras, a história da Independência do Brasil na Bahia, homenageando os 200 anos dos fatos históricos que, verdadeiramente, tornaram o país independente e livre do jugo português. Marias Quitérias, Felipas, Joanas Angélicas, corneteiros, indígenas, negros escravizados, libertos, quilombolas, tantos personagens foram contados em verso e prosa, rimas e estrofes... foram tantas diferentes visões dos mesmos personagens, dos mesmos fatos. Fui transportado até 1823, e vocês, leitores, também serão transportados àquela época, ao tempo em que os personagens são também transportados aos dias atuais. De várias maneiras, pode-se imaginá-los no passado, como se também vivos fossem, hoje. Através dos seus legados, eles foram conduzidos ao presente, enfrentando novos desafios, oportunidades e relações e vivendo como se neste século estivessem. Foi infinitamente prazeroso perceber, nos autores, traços dos valores absorvidos e perpetuados do legado deixado por nossos heróis e heroínas, ocupando as páginas e com-

parando-os com os fatos e personagens contemporâneos.

Mas será que as lutas de ontem, são as mesmas de hoje? Qual o sentido das nossas lutas? Qual legado nos deixaram esses personagens históricos?

Espero que, ao ler os textos aqui publicados, obras selecionadas e premiadas na sétima edição do concurso, você sinta essa mesma emoção, que se sinta também provocado a pensar e repensar a nossa história, o seu legado, a sua importância nos dias de hoje, os seus ensinamentos... e, sobretudo, que essas obras sigam despertando o prazer da leitura, o sentimento de expansão, crescimento e liberdade de viajar no tempo, no espaço, nos enredos, nos personagens. Espero, com o coração cheio de alegria, que sintam, enfim, o mesmo prazer e satisfação, a esperança que sinto agora, entregando essa publicação para o seu deleite, caro leitor e leitora.

Pode entrar, aproveite, se encante, e, lógico, divirta-se muito! Este livro é seu, é nosso, é do mundo, é vivo, e seu lugar nunca será parado e esquecido em uma estante, em um arquivo digital qualquer!

Viva os Escritores Escolares! Salve a História da Bahia e seus personagens! Viva o 2 de Julho!

14

Vladimir Pinheiro
Diretor-Geral da Fundação Pedro Calmon

É com o coração tomado de alegria e entusiasmo que escrevo as linhas que seguirão e que servirão de prenúncio para o transbordamento de beleza que é este caderno, escrito, literalmente, por muitas mãos.

Os textos aqui reunidos traduzem o esforço que o governo do Estado da Bahia, por meio Secretaria de Cultura (Secult) e da Secretaria da Educação (SEC), vem empreendendo em direção à consolidação da Bahia enquanto um Estado de leitores e de escritores. A Bahia conta com um número muito grande de estudantes e professores-escreitores interessados em lapidar e difundir o seu talento para a escrita. Os números cada vez mais crescentes, desde que o Concurso para Escritores Escolares foi criado (2014) até esta VII edição (2023), são testemunhas do engajamento e, sobretudo, da riqueza que temos em nosso Estado.

O que se registra aqui é um verdadeiro salto não apenas de ordem quantitativa, mas também qualitativa. Temos revelado escritores de primeiríssima grandeza. Esta obra que o leitor tem a oportunidade de ler em formato *e-book* e que tem, dentre outros, o objetivo de levar ao conhecimento público a produção literária das novas gerações de escritores baianos em formação, confirma a grandiosidade dos nossos escritores e escritoras.

15

Como se verificará, sob o campo visual da poesia e da prosa escrita por estudantes e educadores-escreitores existe uma teia de sentidos, duplos sentidos, alusões, elipses, subentendidos, ironias e todo um código vivencial cuja tradução apenas grandes escritores é que possuem a chave. Em sua simplicidade formal, os textos encobrem uma extraordinária riqueza de recursos poéticos, de sutilezas verbais, de soluções rítmicas e rítmicas que atravessam ideias e ideais de liberdade, igualdade e justiça social.

A iniciativa da Diretoria do Livro e da Leitura da Fundação Pedro Calmon/Secult-Ba, de escolher como temática o Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia, oportunizou que nossos escritores falassem, com a estética que é própria da arte literária, sobre ancestralidade; lutas populares; protagonismo das mulheres, em especial de mulheres negras, em processos decisórios; questionassem narrativas pretensiosamente oficiais; além de posicionar a Bahia como aquilo que a singulariza: a sua capacidade de acolher e se construir sobre as bases da diversidade, o que faz de nós a terra da liberdade. O resultado é algo surpreendente!

Finalizo chamando a atenção para o fato de que esta antologia, como todas as antologias, resulta sempre em duas: a do que foi incluído e a do que não pôde ser incluído. Mas faço questão de deixar registrado que todos os textos enviados guardam uma importân-

cia muito especial. E que o desafio de qualificarmos cada vez mais o concurso esteja nos mais bem intencionados desejos de todos nós.

Por parte do governo, há a garantia de que seguiremos firmes em nosso empenho e compromisso de promover a democratização do acesso à leitura e à escrita, entendendo a sua importância como um bem fundamental para a plena realização cidadã e humana do nosso povo.

A escola pública tem diversas atribuições, que denominamos de função social da escola. Poderíamos destacar inúmeras, todas imprescindíveis e preponderantes para o exercício completo da cidadania, porém, dentre as diversas tarefas, destacamos o papel de formar leitores e produtores de texto. Desenvolver nos estudantes o gosto e apreciação pela palavra escrita, falada, declamada e encenada. O gosto pelo texto, pelos caminhos, trilhas e viagens que as palavras, quando organizadas na forma de texto, conseguem tangenciar a vida dos nossos estudantes.

O mestre Paulo Freire escreveu que a “leitura do mundo antecipa a leitura da palavra. Por analogia, podemos entender que a escola precisa reconhecer e valorizar as experiências de vida dos estudantes, das famílias e da comunidade, trazendo tudo isso para os textos, dando sentido ao que a escola ensina cotidianamente.

Em 2023, os estudantes da rede pública estadual da Bahia, a convite da Fundação Pedro Calmon, órgão vinculado à Secretaria de Cultura, participaram do VII Concurso para Escritores Escolares 2023, tendo como objetivo potencializar e tornar visível as diversas publicações dos estudantes, educadores e unidades escolares da rede pública estadual da Bahia.

A mobilização envolvendo docentes, discentes e as instituições permitiu criar um ambiente escolar integralizador das diversas leituras e produções textuais. Mais uma vez, recorro ao pensamento freiriano, que discorre sobre a leitura como uma ação inteligente, complexa, difícil, porém gratificante. E acima de tudo uma ação possível.

Nesta edição do Concurso, foram 1.200 (mil e duzentos) inscritos nas três categorias (estudantes, professores e unidades escolares), com a seleção final de 27 estudantes, 28 educadoras e educadores e 27 unidades escolares, cumprindo assim os objetivos de fortalecer a ação de leitura e produção de texto previsto no currículo escolar, promover uma ação articulada entre a educação e a cultura, visibilizar os escritores na rede estadual e divulgar a produção literária e a história que emerge das nossas escolas.

Destacamos, por fim, que o tema proposto para as produções escritas versa sobre o Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia, data histórica de vultuosa importância e que deve ser preservada na memória dos nossos estudantes.

A rede pública estadual da Bahia celebra mais uma publicação genuína dos nossos espaços de educação. Vida longa para a produção literária feita pela comunidade escolar e despertadora de saberes e talentos do nossos educandos e educadores.

Rowenna Brito
Secretária da Educação da Bahia

Parte I

Textos dos alunos





Bahia liberta

Josias de Almeida dos Santos

Dia 2 de Julho é liberdade

Do estado da Bahia

Que guerreou contra os portugueses

Por sua total autonomia

Expulsando os invasores

Que detinham a soberania

A data marcou a nova era

A queda do poder colonial

O livre comércio

Fora do domínio de Portugal

Se tornando logo depois

Uma província liberal

Nessa batalha mulheres se destacaram

Maria Quitéria, uma personagem lutadora

A abadessa Joana Angélica

Em um santuário, era moradora

E Maria Felipa

Marisqueira e pescadora

Maria Quitéria, heroína

Muito lutou

Usando o nome do cunhado

Como voluntária se alistou

Marcada pela bravura durante a guerra

Condecorada se tornou

Outra Maria marcou esse período

Felipa, líder de mulheres que seduziram

Um grupo de portugueses

Que na ilha de Itaparica surgiram

Sendo surrados de cansaço

Expulsá-los elas conseguiram

Joana Angélica, a mártir

Que defendeu o convento

Da invasão portuguesa

Morreu naquele lamentável momento

A golpes de baioneta

Refletindo todo um sofrimento

O Recôncavo batalhou ativamente
Em Cachoeira, o primeiro movimento

A união de baianos

Local de alistamento

Saubara e Santo Amaro também participaram

No decisivo enfrentamento

As festividades desse dia

Revelam figuras simbólicas

O Caboclo e a Cabocla

Personalidades históricas

Que muito guerrearam

Em situações melancólicas.

O fogo simbólico

Representa a união

Percorre diversas cidades

Sendo passado de mão em mão

De Cachoeira até Salvador

Um percurso de saudação

A guerra por essa independência

Entre Bahia e a tropa lusitana

Completa hodiernamente um bicentenário

Marcado por uma conquista brasileira

De expulsão e garantia

Da liberdade baiana

No dia emblemático

Salvador amanheceu quase deserta

O sol brilhou

A residência foi-se aberta

O exército português havia deixado a província

A Bahia agora era liberta



O sol da liberdade: Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia

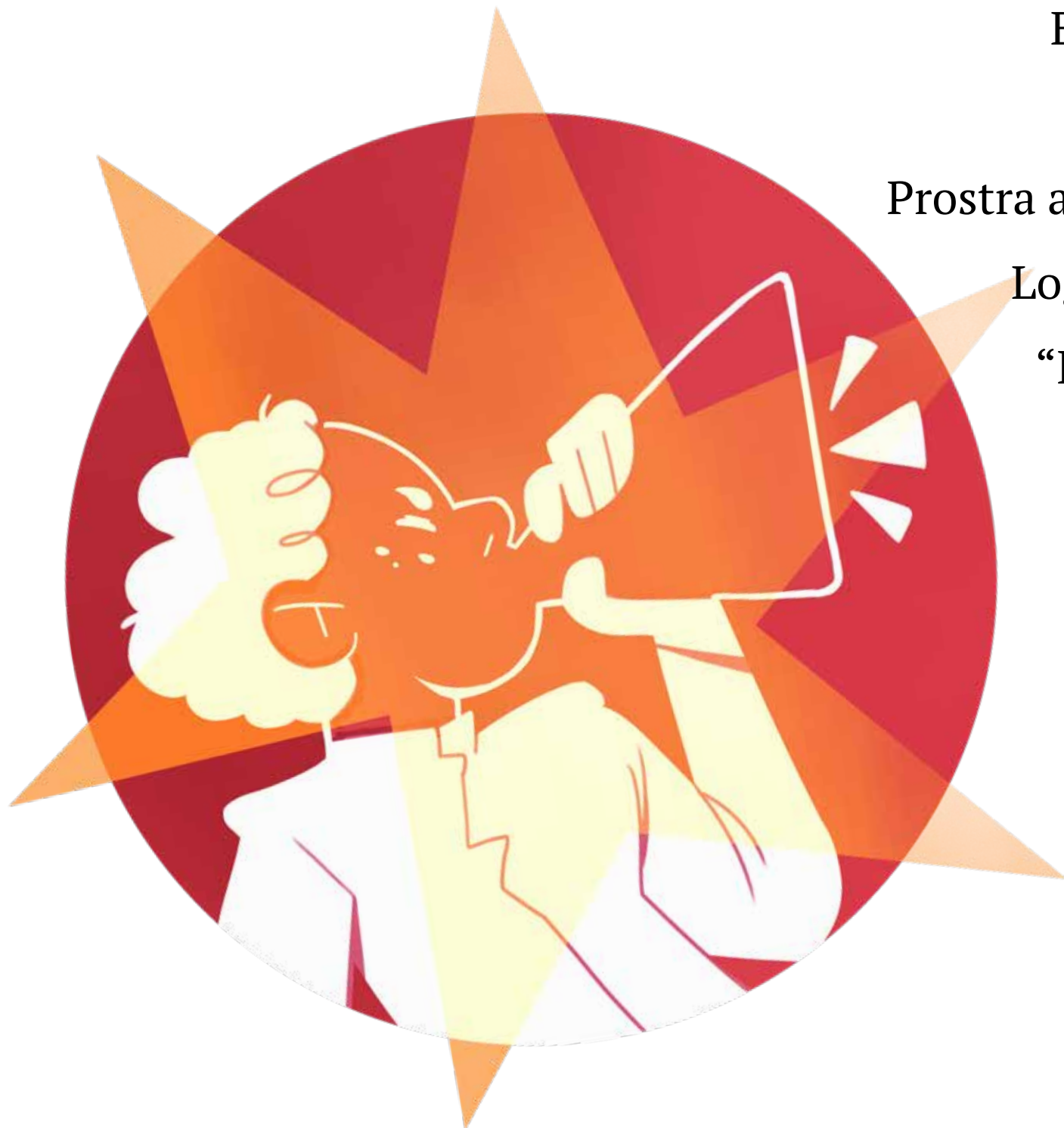
Evelyn Correia Barbosa

Principia 1822,
Portugal anuncia
um recado autocrático, predição de flagelo,
Troque Manuel de Freitas por Madeira de Melo

Houve recusa brasileira ao comando português
Pelo ocorrido inesperado
veja o que De Melo fez:
com soldados aliados, dissemina o terror
Busca árdua aos militares brasileiros, destruindo Salvador



23



Eis o convento da Lapa, abriga revolucionários
próximo ao Quartel da Mouraria
Prostra ao Senhor uma heroína que morreu pela Bahia
Logo grita Joana Angélica, concretiza seu adeus:
“Para trás, bárbaros! Respeitai a casa de Deus!”

Além da audaz mártir
outra voz fez-se ouvir
Foi saudosa, Maria Quitéria
que de homem teve de vestir
Desfez sobre si a léria
De brio e coragem verdadeiros
corta os cabelos, veste traje de guerreiro
Vai à luta como militar brasileiro
Então raia José Medeiros

Outra força imparável
Brava diante rebelião
Marisqueira indomável
derrotou escravidão, derrubou navegação
Estabeleça Maria Felipa contra os lusos
Lidera fervilhante população
Avança, Portugal, mas ainda não!
Expulsa-os, Felipa, dê-lhes surra de cansação!



Posteriormente à “Independência ou Morte!”
baianos procediam a lutar
Quiçá esmorecidos, quiçá revigorados, contavam com a sorte
Batalhando em Pirajá



Pelo sonido da corneta
por descuido ou esperteza
toca Lopes: “Avançar, degolar!”
O exército lusitano amedrontado
sem cuidado, se retira, derrotado

Logo mais, Madeira de Melo parte
pegado aos seus homens (seu baluarte)
Admitindo derrota demasiado tarde

Uma chama impetuosa arde
Chama ardente inevitável, que surge rente o orgulho
Nasce o Sol, ardente inevitável, radiante em Dois de Julho
Por fim, tal qual o poeta dos escravos assina: “Eras tu - liberdade peregrina!”
Bahia, independente, culmina.

Bicentenário da Bahia

Yasmim Pereira de Souza

Em 2 de Julho

Nasce a rima

Negra, baiana e valente, Felipa

Traz à mente sabor de cansação

Em europeu impertinente

De audácia sangra Joana

Às portas da Lapa

Com coragem e lealdade

Um feito se cria

E este, a nação jamais esqueceria

Neste dia, de festa à fantasia

Não se brinca

Eis que com ousadia

Fantasiou-se para vencer. Habilidosa Quitéria

não havia de perecer

Ainda que morressem

Verdadeiramente brasileiros

Munidos de soltura

De sangue branco-azul

E vermelho, fervor de bravura

Brasileiros, brasileiros

Pátria estimada; vermelha de sangue

Vermelha de amor

Por entre as cores da Bahia

Desenha-se grande esplendor

O que são

200 anos de história?

Quais são as cores da valentia?

São o branco

O azul e o vermelho da Bahia

De corneteiro português

Quem poderia resistir a esta nação

Que até mesmo sem armas

Faz de espada

A tal planta cansação?

Quitéria, Felipa, Joana

Lopes. De quem mais

Há de se lembrar?

Decerto, dos negros e indígenas

Que da luta não recusaram participar

25





Dos ex-escravos e descendentes
Da ferrenha escravidão
Que por mais de 300 anos
Pesou sobre a nação
Até que os flagelados disseram “Não!”

2 de Julho
O raio de sol da Pátria
O dia da expulsão
Após tantas guerras
Enfim, o som da libertação

Esqueça-se de D. Pedro
E seu cavalo branco
Da honraria imerecida
Mas devido ao delírio da arte
Por demais aplaudida

Ora, em 2 de Julho
É quando tudo brilha
E verdadeiramente reluz
Em 2 de Julho é o real heroísmo
Que a todos seduz

Goza-se da desistência
Dos ladrões da liberdade
Da verdadeira nacionalidade
Souberam que manter a resistência
É ser brasileiro por essência

Bahia do Brasil
Brasil da Bahia
Arrojo de todo um povo brio
Que muito lutou pela libertação
De um país escravocrata e sombrio

2 de Julho é o grande dia
Dia do sol forte, do fulgor da Bahia
Brasileiros, brasileiros
Marchem em direção à soberania
E à alegria

Pois este é um povo forte
De histórico de grandeza
Em verdade se afirma
A vitória que carrega no peito
Com reverente liberdade e eterna contenteza

A resistência do povo baiano

Carla Maiane Santos Barbosa



Começo este simples poema

Com satisfação e alegria

Irei contar a história

Da Independência da Bahia.

A população baiana insatisfeita

Rejeitou o monarca luso

A luta ganhou força

Não suportava tamanho abuso.

Maria Quitéria com sua bravura

Mulher forte, disposta a resistir

A Bahia da opressão libertar

Sem medo, vestiu-se de homem

E se dispôs a guerrear.

Diante dessa situação

Índios e negros se juntaram

À heroína Maria Quitéria

E os portugueses expulsaram.

Outra figura importante

Agora irei mencionar

A capoeirista Maria Felipa

Que com ousadia conseguiu

Muitas embarcações incendiar.

Joana Angélica, outra heroína

Não mediu esforços para evitar

A invasão do Convento da Lapa

Infelizmente foi assassinada

Por um português militar.

Do Corneteiro Lopes

Também irei falar

Foi uma peça importante

Fez sua corneta berrar

Tudo isso aconteceu

Numa batalha em Pirajá.

O marinheiro João das Botas

Foi uma peça fundamental

armou pequenos saveiros

Pra enfrentar a poderosa

Marinha de Portugal.

2 de Julho de 1823

A independência ocorreu de fato

Despeço-me com esses versos

Esse grande e importante feito

A todos sou muito grata.

Árdua liberdade

Rafaele dos Santos da Silva

Minha terra tem a garra
Que nenhuma outra tem
Pois em sua independência
Foi um pouco mais além
Fez mulher se alistar
E freira morrer também

Raiou o sol ao 2 de Julho
A independência já proclamada
Portugueses insistiam
Em ficar na pátria amada
E a nossa Bahia
Ainda governavam

Baianos se revoltaram
Com tamanha insistência
Partiram todos para o combate
Com fervor, sem paciência
De Cabrito a Pirajá
Toda Bahia em efervescência

Mulheres com fé e garra
Aqui lutaram bravamente
A freira Joana Angélica
Ah! Que mulher valente
Não deixou pés de tiranos
Destruí rem o solo quente

Maria Quitéria
Que entrou para o pelotão
Deixando o seu legado
Vai ter mulher no batalhão
Lutou incansavelmente
Defendendo a sua nação



E Maria Felipa

Não se rendeu à oposição

Juntou mais de quarenta

Para uma surra de cansação

Mostrando que na Bahia

Não precisa de arma na mão

Muitas mortes ocorreram

Pretos, brancos, pardos, indígenas

Os que morreram em combate

A sua missão foi cumprida

Na memória e na história

Os que voltaram para casa

Ganham todo o meu respeito

Foram todos aplaudidos

Levavam a liberdade em seu peito

E no corpo marcas eternas

Do seu histórico feito.

Da minha terra querida



Farol da liberdade

Alice Vitória Pereira de Lima

Meu leitor, minha leitora
Peço aqui sua atenção
Vou lhe contar uma história
Do povo aqui do Sertão
É do amado 2 de Julho
Que nos deu a Salvação.

Gestão absolutista
Aqui se estabeleceu
Na região leste da costa
Foi então que sucedeu
Com exílios e prisões
Povo que um dia foi meu.

Julgados na sua essência
Escravos também na cor
A morte em sua vida
Abraçados pela dor
Com um grande sentimento
O tal emancipador.

Lá no forte de São Pedro
Que a batalha iniciou
Com suas manhas e ciladas
Sua causa se espalhou
Na Província da Bahia
Liberdade debutou.

A madre Joana Angélica
Essencial no lutar
Que com fé e sua bravura
Foi matriz do despertar
Por golpe de baioneta
Sua vida se acabar.

Trazendo forte contato
De amor e restauração
Uniu diferentes povos
Em uma conjuração
Transformando-se assim
Na destemida nação.

Nossa Maria Felipa
Com coragem ela lutou
Negra e escrava liberta
Guerreira então se mostrou
Nas raízes da história
Como uma mãe liderou.

Quitéria por sua vez
Manifestou o seu amor
Nossa Pátria defendeu
Realçando seu valor
Que como uma alma fincada
No seu povo lutador.



A Ilha de Itaparica
João das Botas comandou
Protegendo a região
Onde se concretizou
Sua grande importância
Um histórico deixou.

Aquele povo oprimido
Logo se consolidou
Um momento soberano
Que a história marcou
No Recôncavo Baiano
A Esperança raiou.

Desde aqui no interior
Nas serras e diamantes
De Marias arretadas
E os Joões tão cativantes
Conterrâneos da Bahia
De legados triunfantes.

Despotismo, nunca mais!
A todos vamos falar
História que se passou
Não nascemos pra apanhar
Chega então, fim dos conflitos
Independência exaltar!

Apesar da “Independência”
A luta não acabou
Discriminação persiste
A “herança” que ficou
O negro ainda é cobrado
Por algo que não comprou.

É preciso igualdade
E a todos respeitar
Desde branco, índio e negro
A equidade reinar
Para então a almejada
Liberdade conquistar.





Maria Quitéria, a heroína disfarçada

Jorge Armando Gomes Nascimento

Terra desconhecida e inexplorada
Povos nativos, terra habitada
Por nome Bahia essa terra é chamada
Em meio ao trabalho e vida que tinham
À vista do mar caravela avistada

Só sei da história em livros e relatos
Sobre a Bahia e seu presente e passado
E o futuro, ainda está no aguardo

Brasil colônia, tanto tempo passou
E a capital se tornou Salvador
Reinado governado pelo imperador

Dom Pedro, às margens do Ipiranga gritou:
“Independência ou morte” aos céus ecoou

Dia sete, transformou-se em marco anual
Marcando a independência da pátria nacional
Numa região se comemorava
E em outra o sofrimento se amargava

A luta começa antes da data festiva
Pobreza, revolta e emancipação
Não quero ver mortes ou imolação
Então terá guerra? Eu preciso saber
Infelizmente haverá e muitos vão perecer

Pela Bahia combati bravamente
No peito carrego a vontade ardente
De querer liberdade para o povo carente
Eu, Maria Quitéria, moça valente
Me alistei. Não podia mulher, me disfarcei
Não preciso de homem que me ensine a lutar
Me tornei heroína na batalha do Pirajá

Batalha foi essa, sangrenta e brutal
Vi muitas mortes e sangue jorrando
Na memória uma cena recordo
Enquanto minha faca no inimigo afundando
Fitei aquele freira a porta estava guardando

Era a madre Joana Angélica. Doce mulher
O exército a estava emboscando
Protegia inocentes que vi pela greta
Escutei seus últimos gritos
Quando foi morta pela baioneta

Nesse embate tramado
Visualizei sangue na minha mão
Preciso seguir ir em frente
Levante e siga, avante meu coração!

Não posso fraquejar nem desistir
Morrer aqui, nem que a vaca tussa
Minha família espera por mim
Me recompus, enfrento a luta

Criança inocente sem saber de nada
Correndo pela rua, desorientada
Gajo à frente empunhando a espada
Lacremejo o olho, criança coitada
Pela brutalidade, cabeça arrancada

Ao fim do conflito excluí meu disfarce
Dos portugueses nos libertarmos
Da nossa terra já foram tarde
Finalmente livres. O que sempre sonhamos

Dia após dia, sempre tenebrosos
Quase um ano pra se ter liberdade
Concretizado no segundo de julho
Eles enfim voltaram pra sua cidade

Vencemos. Comemoramos
Minha terra, Bahia. Povo arretado
De um europeu não quero ver a fuça
Liberdade e autonomia ao nosso lado



Máquina do tempo

Mariane Pereira Silva

Eu sempre achei que mamãe tinha rosto de heroína, jeito de soldado e olhar de quem tem certeza da vitória. Certa vez, ela estava me contando sobre o processo da Independência da Bahia no Brasil, foi então, que descobri que super-heróis existem na vida real e que ela fazia parte desse memorial da “elite vencedora”.

Tudo começou com a aclamada proclamação da independência, onde alguns nobres se recusaram a sair da Bahia, causando uma revolta nos baianos, que teriam que lutar com todas as suas forças para expulsar as tropas portuguesas, lideradas por um moço chamado de Madeira de Melo. Para a surpresa deles, entre os baianos havia pessoas bem preparadas e destemidas, que enfrentariam até a morte para defender a nossa liberdade, como a madre Joana.

Durante a Guerra da Independência, várias pessoas se juntaram, mostrando que eram um povo unido e independentemente de suas diferenças, eles lutavam por um bem maior. Mamãe foi muito ousada e destemida ao cortar os cabelos e se alistar para o Exército. Afinal, é nos momentos de crise que conhecemos o coração de cada um. Dá para imaginar que um “erro” do corneteiro salvaria milhares? Ou que uma marisqueira tida como uma “simples camponesa”, conseguiria atear fogo em mais de 30 navegações portuguesas juntamente com as suas amigas? A força vai além do que vemos, é o que sentimos e pelo quê lutamos. Papai e mamãe, gostam de me contar essa história, pois segundo eles, por mais que eu seja apenas uma criança, carrego no meu peito a mesma luta, coragem e determinação. Espero que daqui a uns 200 anos, essa data seja comemorada e celebrada por todos. Eu ainda vejo o brilho no rosto

e olhar da minha mamãe pela luta e a conquista da vitória da independência. Digo sempre a ela, que se depender de todo o povo baiano irão se passar milênios sem que nossas “raízes sejam arrancadas”.

— Luisaaaaaa!!!

Ah, é o som da minha mãe me chamando... Tenho que ir, foi ótimo poder viajar no tempo e parar aqui, da próxima vez irei em 2023, só para contemplar o bicentenário de nossa linda e bela independência.

— Vai demorar até quando? Quer que eu vá aí??

Minha mãe é uma boa baiana até nesses momentos.





Maria Felipa, uma heroína silenciada

Cleiton Bastos Paiva de Souza

Em terras baianas, uma mulher negra e pobre, chamada Maria Felipa, corajosa e destemida, deixou sua marca na história ao participar da Guerra da Independência da Bahia. Ela viveu durante o século XIX, na época em que o Brasil ainda era colônia de Portugal. Maria nasceu em Itaparica, uma pequena ilha baiana, marcada pelas sucessivas ameaças do colonizador português. Ela lutou contra a opressão colonialista que assolava o Brasil. Seu legado existe, apesar de muito pouco registro, sendo registrada pelo povo da ilha de Itaparica que presenciava os acontecimentos. De modo moderno, perpassa a nossa história e continua até os dias atuais, nos quais nos deparamos com desafios e vivemos em uma sociedade em que, muitos aspectos precisam ser rediscutidos sobre o papel da mulher na sociedade e seu silenciamento.

Maria cresceu em meio à opressão e injustiças que assolavam o povo de sua comunidade. Embora a escravidão estivesse presente em todo o Brasil, ela se destacava pela forma como enfrentava os opressores.

Desde cedo, Maria percebeu que a liberdade era o bem mais precioso que almejava para si e para os demais. Ela se recusou a permitir que as correntes da opressão, a desigualdade social, a violência a silenciassem. No presente, apesar de ter passados 200 anos, nota-se a falta da representatividade feminina em diversos setores, como na política, no Judiciário e nas Forças Armadas. Temos que seguir o exemplo de Felipa na luta por uma sociedade mais igualitária. Maria enfrentou os portugueses com tamanha bravura e determinação. Além disso, as “Marias Felipas” de hoje, mesmo desempenhando funções iguais aos homens,

têm um salário muito abaixo, sem contar os diversos tipos de violência tanto por parte do Estado quanto da sociedade.

Com um espírito revolucionário, Maria decidiu lutar pelos direitos do seu povo. Ela liderou um grupo de índios tupinambás e mulheres negras, chamado de “vedetas”, elas desenvolveram estratégias para combater as injustiças e a exploração do povo nativo. E hoje, quais as lutas que as Felipas enfrentam diariamente?

Maria Felipa era uma guerreira intrépida. Ela liderou ataques contra navios portugueses que cruzavam a baía de Todos-os-Santos, reconhecidos por promoverem a violência e a submissão em nome da Coroa. Seu legado se tornou sinônimo de valentia e coragem na luta pela liberdade do povo baiano.

Hoje, ao olhar para a história de Maria Felipa, somos tomados por uma combinação de orgulho e tristeza. Orgulho por saber que, mesmo em um contexto tão adverso, uma mulher po-



bre, negra conseguiu enfrentar as injustiças e se tornar uma figura emblemática da resistência. Tristeza pelo fato de que, séculos depois, ainda estamos lutando contra problemas semelhantes, como a pobreza, a violência doméstica e a desigualdade social.

É impossível ignorar o que acontece no dia a dia do povo baiano, brasileiro. A vida de Maria Felipa descortina uma história pouco (re)conhecida sobre a sua resistência, sua bravura na luta pela Independência da Bahia. Sua luta continua para conseguir se libertar não mais das tropas portuguesas, mas da opressão de agressores, que se sentem superiores às mulheres de hoje em dia, a luta por um trabalho mais digno, e pela sua liberdade.

Nossos dias são marcados por novas formas de opressão, preconceitos e desigualdades persistentes. As correntes físicas e simbólicas que Maria tanto lutou para quebrar, de certa forma, ainda estão presentes em nossa sociedade, uma vez que

muitas mulheres se sentem presas e silenciadas, ficando à mercê da sociedade preconceituosa, desigual e racista.

Ao revisitarmos a história de Maria Felipa, somos instigados a repensar nossas próprias atitudes e ações. Felipa nos lembra que a luta pela liberdade e igualdade é uma tarefa constante, uma luta de todos e todas. Devemos estar dispostos a enfrentar os desafios e romper com as correntes que nos limitam.

Assim como Maria Felipa, nós também podemos ser agentes de mudança. Podemos trazer luz em meio às injustiças, opressão, lutarmos contra a exclusão social e a injustiça e combatermos todas as formas de opressão que ainda persistem. A história de Maria nos inspira a não nos curvamos diante das adversidades e a trilharmos um caminho de resistência, luta e resiliência.

Se mantivermos vivas as chamas da coragem e da determinação, poderemos criar um presente e um futuro em que a história de Maria Felipa não seja apenas um lembrete para o nosso povo, mas seja para nos lembrar dos desafios a serem

superados e das conquistas alcançadas, e que essas superações continuem a se estender pela Bahia e pelo Brasil, mesmo depois de a Independência da Bahia, em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.



Um novo olhar sobre a Independência da Bahia

Ana Beatriz da Silva Cruz

Em 2023 um bicentenário se formou,
200 anos de independência a Bahia completou,
graças à potência dos baianos,
que em 2 de Julho se iniciou.

Uma data que marca a história do país,
E das guerras que contra os portugueses se travaram,
Lutaram pela liberdade, toda comunidade se juntou,
em defesa de sua pátria, o povo não se abalou.

Mas, em 1º de julho, as pessoas em angústia estavam,
sem saber o que dali pra frente estaria por vir,
muitas mortes aconteciam
e a esperança se encontrava quase no fim.

Porém, no segundo dia,
o sol amanheceu com mais alegria
e sorriu de emoção,
por saber que conseguiram conquistar
a tal da libertação.



Muitos heróis se revelaram

E foram fundamentais para a independência acontecer

Religiosos, mulheres, indígenas, negros e vaqueiros,

todos estavam destemidos e prontos para vencer.

Muito sangue foi derramado,

para que hoje estivéssemos aqui,

muitos povos indígenas, meus antepassados,

deram a vida para que a paz pudesse existir.

Essa emancipação só aconteceu,

graças a união e força da população,

do conjunto de culturas, tradição e religião.

42

Ô minha Bahia amada,

como eu gosto de ti,

a marca da luta e resistência também se encontra em mim.

Um povo considerado “fraco”

que fez a independência acontecer.

E com a força de vontade fez um país se fortalecer.

Apesar dessa grande vitória,

tem um lado que muitos não hão de conhecer,

Aquele que apagam e não buscam entender.

Eu sou a voz da resistência e preciso apresentar,
o outro lado da história da independência
que ninguém se interessa em contar.

A tentativa de extermínio dos povos originários
e o genocídio que em silêncio está.

A Bahia também é terra indígena, e todos precisam saber.
Local que os povos tiveram o primeiro contato e os invasores passaram a aparecer.
Terra traçada pela força dos encantados e representada por urucum e jenipapo.

43

Sou mulher baiana indígena Tuxá, e venho aqui contar,
Sobre a participação dos povos indígenas nessa história,
e que muitos tentam negar, fingem esquecimento
e nossa existência querem apagar.

Como estudante indígena juvenil,
estou aqui para representar,
honrar a luta dos meus antepassados
que ajudaram a guerrear.

A branquitude apaga todos os registros da luta ancestral,
para negarem o meu direito aqui,
porque sabem que somos os verdadeiros donos dessa terra e resistimos até o fim.

O chão baiano, carrega o sangue dos meus,
de um povo que apesar das dificuldades sempre se reergueu.

Estamos aqui antes mesmo de 1500, e nossos direitos não podem negar,
raízes já permaneciam nessa terra antes mesmo de Cabral chegar.

Desde pequena sou ensinada pelos mais velhos, meus familiares e a escola,
que devo sempre afirmar minha identidade,
carregar comigo a minha ancestralidade
e nunca negar quem sou.

E assim aprendi, e vejo que esse pertencimento,
Carrego dentro de mim.

Isso jamais irei negar,
minha ciência comigo quero levar.

A partir disso, vejo a importância,
de mostrar esse novo olhar,
não é justo que os povos indígenas participem de algo e não possam se destacar.

É uma questão de justiça,
e nós fizemos parte desse marco importante para a história do nosso país.

Seguiremos firmes, ocupando espaços, contando o que realmente aconteceu.
Pois ser indígena é ser potência, é resistir para existir, não baixar a cabeça e seguir.

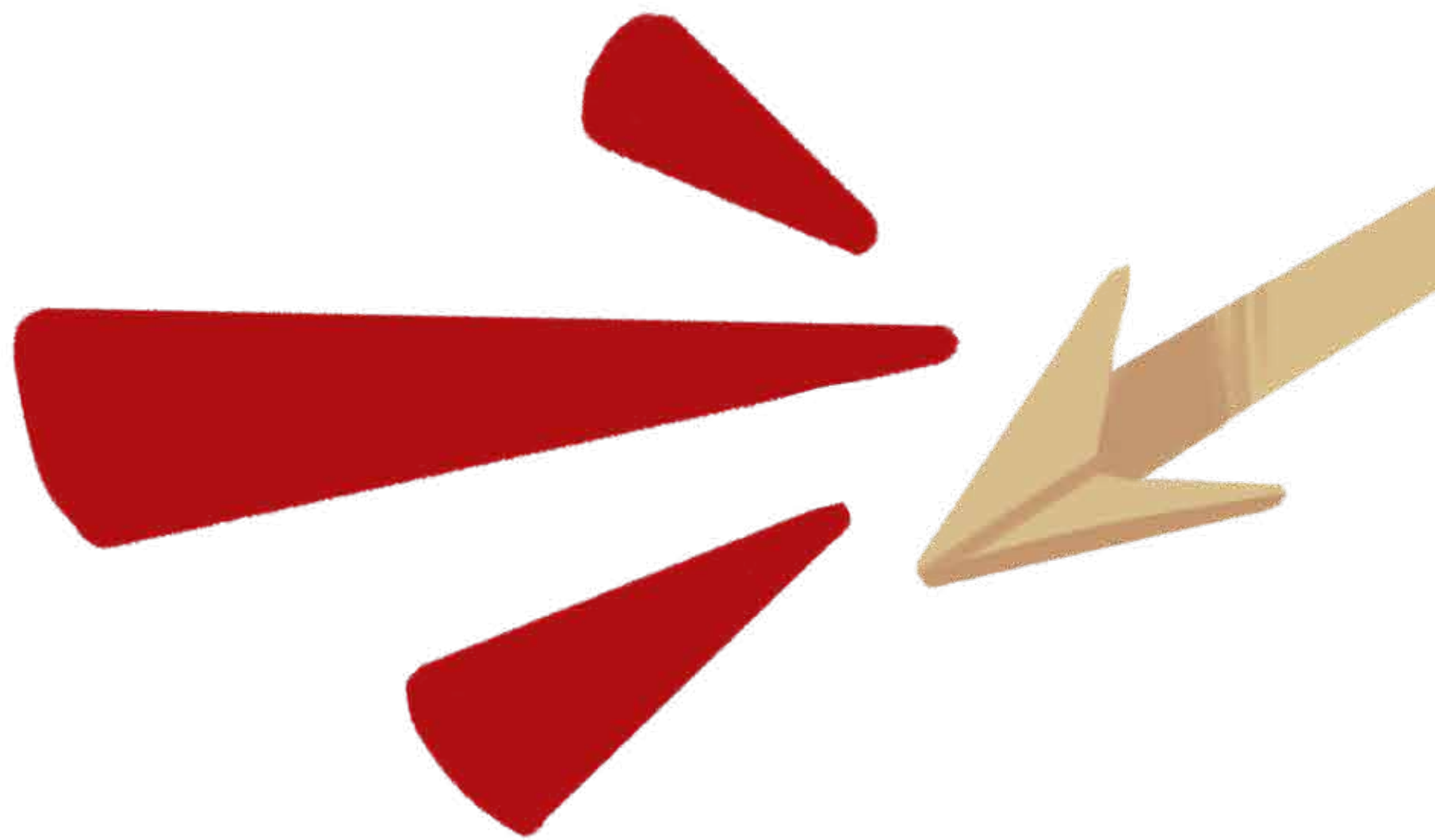
Assim como Maria Quitéria, Maria Felipa e Joana Angélica foram,
quero seguir exemplo e não ter medo de agir.

Por fim, termino este poema, com muita felicidade em meu coração,
em saber que sou baiana, e pertenço a esse sertão.

Tenho muito orgulho de ser quem eu sou,
ser baiana é sinônimo de persistência, luta e grito de resistência.

A Bahia é alegria, firmeza, diversidade de culturas, e riqueza.

Um povo forte marcado por uma linda história,
que vive em um solo de identidade e tradição!





A verdadeira Independência

Lavínia de Souza Rodrigues

Há 200 anos,
A independência chegou.
Com a batalha na Bahia,
O Brasil se libertou.

Por uma discussão familiar,
Dom João VI começou a questionar:
“Por que Dom Pedro não volta pra cá?”

Seu filho não quis retornar,
Porque no Brasil
Ele estava a reinar,
E de sua liderança não queria abdicar.

A verdade é que Dom João VI
Queria bloquear
A possibilidade do Brasil
Independente se transformar.

Felizmente, isso veio a falhar.
No mesmo ano,
No mês de setembro,
Independentes conseguimos nos tornar.

Mas o passado já estava a comprovar
Que com a chegada de Madeira de Melo,
A verdadeira liberdade
Os baianos iriam conquistar.

Malfeitor, homicida.
Longa foi sua lista.
O Governador das Armas
Fez muitas vítimas.

Nem Joana Angélica pôde escapar.
No convento da Lapa,
Com um golpe,
Sua vida veio a encerrar.

Com isso, toda a Bahia
Passou a se revoltar.

47



Pela morte da abadessa
Convocaram os civis a lutar.

E Maria Quitéria teve seu colaborar,
Fingindo ser seu cunhado,
Foi a primeira mulher
Ao Exército entrar.

O general Labatut também
Não podia ficar de fora.
Convidado por Dom Pedro,
Batalhou sem demora.

E na Batalha de Pirajá,
O Corneteiro Lopes conseguiu se destacar.

Levou os lusos a se afastar,
Ao tocar avançar e degolar.

Até Maria Felipa passou a ajudar,
Após seduzir os portugueses,
Deu surra de cansação,
Levando seus navios a queimar.

E na batalha de Itaparica,
João das Botas ao apoiar,
Lutando com astúcia,
Conseguimos ganhar.

Labatut então sentiu
Que resistir mais não podíamos
Ao cercar toda a cidade
E o abastecimento bloquear.

Os portugueses, necessidades
Começaram a passar,
E aos poucos fomos vendo
Nossa Bahia se libertar.

Assim vemos alguns personagens,
Que devemos exaltar.
A Independência do Brasil na Bahia,
Graças a eles e elas podemos comemorar.



Após o grito de D. Pedro

Manuella de Jesus Araújo



Após o grito de Dom Pedro

Muita gente não sabia

Que as tropas portuguesas

Vieram para a Bahia

Foram lutas e batalhas

Para expulsá-los daqui

Mas em 2 de Julho de 1823

Eles tiveram que sair

Joana Angélica e Maria Quitéria

Maria Felipa e outros mais

Baianas lutadoras arretadas

Não esquecemos jamais

No Recôncavo baiano

Na cidade de Cachoeira

Iniciou-se a batalha

Pela nação brasileira

Até na ilha de Itaparica

Seguindo para Salvador

Houve lutas e batalhas

Contra o povo invasor

Corneteiro Lopes, João das Botas

Pedro Labatut general

Lima e Silva entre outros

Lutaram até o final

Hoje homenageamos

Esses guerreiros lutadores

Heróis da independência

Combateram invasores

Minha Bahia querida

Com atrativos mil

Terra mágica abençoada

A mais linda do Brasil!!

Mais um ano de independência

Bicentenário com alegria

Pela história aqui contada

O Brasil nasceu na Bahia

Amado 2 de Julho

Victória Moura Menezes

Nas terras da Bahia, um grito ecoou
A voz da independência, que nunca se calou.
E o dia 2 de Julho, se tornou memorável
Foi quando o povo baiano, mostrou sua
Coragem inabalável.

Oh, Bahia, berço de coragem e bravura
Foi o amor por essa terra, que nos serviu
De armadura.
Em cada coração, o fervor da igualdade
Homens, mulheres, brancos e negros
Lutaram lado a lado, em busca da liberdade.

Espadas em punho, a Bahia resistia
A tirania portuguesa já não mais suportaria.
Em batalhas fervorosas, sangue foi derramado
Mas o sonho de um povo livre, jamais foi abalado.

A Independência da Bahia,
É um exemplo a seguir
De que juntos podemos vencer,
E nunca desistir.

Nesse dia de vitória, relembramos com emoção
A Independência da Bahia, um marco da nossa nação. Da nossa história temos orgulho,
Por isso, revivemos e saudamos com amor, o nosso amado 2 de Julho.





Um brilho em 2 de Julho

Rhyan Costa Santos



Nasce o sol a 2 de Julho...

Brilha como a panela da dona Maria, na sua moradia,
com 14 filhos, que ela criou sozinha!

É sinal que, neste dia...

Neste dia ela orou, mais uma vez, agradecendo ao seu
bom Deus, por mais um freguês.

Nunca mais, nunca mais...

Chô despotismo, a Bahia é equilíbrio,

No tempero do dendê, naquela moqueca do GG,

E o acarajé de dona Maria, que é de surpreender.

A baianinha deu o sinal, olêlê baiana

O acarajé que canta, o pelouro balança,

Com sorriso de dona Maria, que nosso solo encanta...

No 2 de Julho, ecoa o grito de liberdade,

Mas ainda buscamos a igualdade, com tenacidade.

Nossa jornada continua, sem descanso ou tréguas,

Em busca de um mundo onde a justiça reine em veras.

As correntes da opressão, tentam nos conter,

Mas no espírito do 2 de Julho, não vamos esmorecer.

Com passos firmes, trilhamos o caminho da emancipação,

Lutando por direitos iguais, sem hesitação.

Ainda há desafios, obstáculos a transpor,

Mas no coração da liberdade, encontraremos o vigor.

Em julho lembramos que a luta persiste,

Pela liberdade plena, um ideal que resiste.

Viva a Bahia, canto de encantos, tem preto, um bom tempero, o lindo molejo, um povo
que se mantém de pé e acima de tudo é um estado de fé!

O anjo agraciado

Davi Áquila Neves de Souza

Mais um dia amanheceu no convento da Lapa. Podia-se escutar as conturbações da cidade ao lado de fora dos portões e Joana Angélica, a soror abadessa, apreensiva, lembrava do sole-ne voto que fizera de servir e proteger o seu lar e aquelas mulheres que ali viviam.

Joana era a fortaleza que as guardava e protegia. Ainda que muitas vezes as freiras lhe achassem muito rígida, ela estava sempre ali cumprindo o seu dever... Dever que cumpriu até o fim dos seus dias.

— Abram os portões! Soaram vozes ao longe em uníssono, seguidas por fortes batidas na porta.

— Temos ordens diretas do general Madeira de Melo para adentrar o convento.

Os olhos de Joana se cruzaram com os de Rita, sua amiga de longa data, que estava escurada no corredor. O coração de ambas parecia ter parado de bater por alguns segundos e os seus corpos se enrijeceram ao ouvir a voz dos soldados, que ansiosamente aguardavam na porta do convento. Rita, limpando o suor que escorria de sua testa e com a respiração ofegante, dirigiu-se até mais próximo de Joana e juntou as mãos trêmulas.

— Abadessa, o que nós faremos? Indagava a irmã Rita — Certamente, está ciente da reputação desses homens... Veja o que fizeram no Forte de São Pedro! Eles não podem passar por aquelas portas! Não podem... Prezemos pela integridade dessas moças e deste lugar!

Imediatamente, mais mulheres em clausura se juntaram no corredor ao ouvir os gritos dos soldados. Joana, observando a situação, olhou a sua volta e em míseros segundos vislumbrou a trajetória de muitas que ali viviam: todas as que cresceram no convento. Joana se viu nelas. Um sentimento de amor e de força invadiu o seu coração e naquele instante percebeu que se fosse preciso lutaria por elas e morreria por elas.

— Irmã Rita, ouça-me bem! E me siga... Disse Joana, pegando nos ombros de sua amiga e a conduzindo para um lugar mais recluso, no fundo do convento. Descendo as escadas, as duas foram para o último dormitório, que naquela época era utilizado como despensa e circundado por grades bastante grossas, o que tornava impossível o acesso pelo lado de fora, mas por outro lado, facilitava, pelas suas pequenas frestas, a visualização dos soldados.

— Não há como impedi-los de entrar aqui, Rita. Veja: eles estão circundando o convento e forçando a sua entrada pela porta principal. Estou ciente de todos os horrores que esses soldados port gueses propagam por onde passam, mas não deixarei que toquem sequer em um fio de cabelo dessas meninas... então escute-me: levem-nas daqui pelo quintal.

— Mas daqui aonde, Joana? Indagava Rita, apreensiva e com o corpo trêmulo. — Aqui não tem saída!

Joana rapidamente tateou um armário empoeirado e começou a empurrá-lo para o lado. — Ajuda-me a empurrar este armário, minha amiga. Atrás dele, veja: tem um acesso para o quintal. Vocês precisam apenas se agachar e rastejar para chegar até o outro lado. Lá terá um caminho de flores roxas que levará vocês até o vale, onde ficam os barris. Eu conseguirei tempo para vocês.

Pouquíssimos feixes da luz do sol da manhã passavam pelas grades do recinto, o suficiente para iluminar o rosto confuso e cheio de emoções da irmã Rita.

— Mas e você, Joana? Indagava, mas a cada palavra que proferia, o plano ficava mais claro na sua mente. — Mas...

— Deus há de me guardar irmã, tenha fé... Foi o que Joana disse antes de dar um sorriso de sau-



dade antecipada e um abraço, que possivelmente seria o seu último. — Agora vamos.

Subindo novamente as escadas, a abadesa pensou que poucas pessoas enfrentavam a guarda portuguesa e voltavam vivas para contar a sua história. E era isso que tinha em mente em relação às suas chances...

Chegando na parte térrea do convento, avistou de longe as noviças.

— Sentirei falta dessas meninas. Joana dizia com pesar na fala. — Este é o meu lar, é onde estão as minhas irmãs, cada uma de vocês...

— Ela está chorando... Os cochichos soavam baixinhos...

Foi quando Joana as percebeu descendo silenciosas no seu rosto: as lágrimas embaçavam a sua visão e davam um gosto salgado nos seus lábios. Ela as limpou com as mãos trêmulas e andou pelo corredor com a irmã Rita vindo logo atrás, causando uma movimentação agitada no convento.

— Olá, moças... Declamou tensa para as mulheres no corredor.

— Olá, Abadessa. Cumprimentam-na de volta, olhando para baixo em sinal de respeito.

Os soldados gritaram novamente, fazendo com que a tensão no corredor se tornasse quase visível. As freiras se entreolharam e buscavam o apoio uma das outras. Em suas mentes, estavam em busca de respostas e de uma solução por parte da abadessa.

— Sim, eu sei... Falou de forma breve — Sigam a irmã Rita, sejam rápidas, atentas e avisem às outras.

— E você? — Uma voz soou entre as moças. E irmã Rita encarou o chão com a pergunta.

— Ficarei bem. Garantiu. — Deus há de atender minhas preces e ele jamais me deixou só.

As moças foram conduzidas para a sua rota de fuga, e Joana, por um lapso de momento conteve-se, apreciando cada segundo de quando estava ainda naquele corredor. Ela poderia continuar ali por mais cinco, dez minutos ou uma hora. Talvez pudesse ficar ali para sempre: parada naquele momento, lembrando de tudo o que

viveu ali em seus tantos anos de vida. Mas um último grito de aviso dos soldados soou do lado de fora, ela se dirigiu até a porta do convento e abriu, deixando-a entreaberta.

— Olá, senhores. Cumprimentou secamente com um aceno de cabeça.

— Agradeça pelo meu bom humor hoje, minha senhora. Porque você nos deixou bastante tempo esperando. Comentou o oficial mais próximo da porta, enquanto os outros soldados gargalhavam. — Eu já estava mandando colocarem esse portão abaixo. Finalizava em tom de audácia.

Joana olhou em volta e contou, ao todo, 12 oficiais. Se não fossem as circunstâncias da guerra, aquela seria mais uma manhã agradável, com o cheiro do verão no ar e a luz do sol tocando a pele que a típica vestimenta do convento deixava a mostra, mas em vez disso o gosto amargo na sua boca atrapalhava todos os outros sentidos.

— Desculpem a demora. Respondeu com uma cordialidade fingida. — São muitas as demandas em um convento.

— Posso imaginar, minha senhora. Seu tom de voz e fisionomia pareceram mudar, igualmente como o assunto. — Mas temos motivos suficientes para acreditar que existem rebeldes abrigados no convento. Ordeno que abra a porta para podermos avaliar essas suspeitas.

— Oras! Indagou Joana. — É um convento, não encontrará rebeldes aqui, somente freiras. E encclusuradas! Seria heresia aos olhos do Nosso Senhor.

— Mas eu terei de ver com os meus próprios olhos, senhora. Disse o oficial, dando um sorrisinho que mostrava todos os seus dentes desalinhados. — Abra!

— A menos que queiram entrar para confessar os seus pecados, não entrarão aqui.

— Rebateu, fazendo o oficial semicerrar os olhos.

— Saia, mulher! Ou nós te tiraremos daí a força! disse impacientemente enquanto deixava a coluna mais ereta, em uma pose de alerta — É o nosso último aviso.

— Seus atos não estão impunes! Joana gritou olhando nos olhos de cada um deles. — Vocês estão cercados por uma nuvem de testemunhas e Deus julgará cada ato de vocês, esta terra clama pelo sangue inocente que vocês vêm derramando!

Os protestos da abadessa, porém, não adiantaram. Com um sinal de cabeça, os soldados se dirigiram à porta, arrombando-a e fazendo Joana recuar.

— Para trás! Gritou. — Para trás bandidos! Será que vocês não respeitam nem a casa de Deus? Eles se olharam aguardando a ordem.

— Recuem! Alertou novamente. — Só entrarão aqui por cima do meu cadáver.

O cheiro pesado e metálico do sangue já havia embebedado todo o ar do local.

Antes mesmo que a baioneta tivesse terminado de perfurar a abadessa, naquele momento era como se até os pássaros parassem e prestassem atenção no que estava acontecendo. Por um segundo, a capital da Bahia se entristeceu.

Joana, olhando fixamente, segurou-se no oficial, já sem força para se manter de pé depois do golpe no ventre. Enquanto isso, os outros soldados já haviam invadido o convento e começavam a revirar tudo.

O oficial desvencilhou-se de Joana, que caiu ensanguentada próxima a um dos bancos. Além do cheiro, o vermelho do sangue começava a macular não só o ambiente, como também as vestes da vítima e as mãos de seu agressor, que não apresentava emoção para o que acabara de fazer.

— Servirá como exemplo. — Ele murmurou antes de deixar Joana para trás. — Assim, pensarão duas vezes antes de abrigar rebeldes e trair Portugal.

Porém, os olhos de Joana tremulavam enquanto suas mãos faziam um esforço em vão para estancar a ferida no seu ventre. Conforme perdia o seu sangue, sentia o pior se aproximando, mas ela não tinha medo. O que mais doía em Joana era estar só naquele momento, longe da sua família e amigos, mas ao mesmo tempo, sentia uma satisfação sabendo que Deus haveria de atender suas preces... Não para salvá-la, mas para que suas irmãs estivessem em segurança, saindo pelo esconderijo e correndo pelos cam-

pos de flores arroxeadas em busca de sua liberdade. Joana sentiu que havia cumprido o seu voto.

O coração de uma freira parou naquele convento, mas o nome Joana Angélica não. Pelo contrário, ressoaria por gerações como o nome de uma heroína para sua terra.

O grito da liberdade

Hiago Silva Rodrigues

Sou da terra de guerreiros
Que tem sede de vitória
Venho de muitas batalhas
Que hoje guardo na memória
Sou um sabiá baiano
E essa é a minha história.

Estive na independência
Que foi há 200 anos
Presenciei as batalhas
De expulsão dos lusitanos
Voei pela liberdade
Do nosso povo baiano.

Vi muito sangue inocente
Derramado sem piedade
Eu vi homens e mulheres
Batalhando em igualdade
Conquistando a braço forte
A tão sonhada liberdade.

Eu presenciei de perto
A morte de Soledade
Que em batidas de tambor
Aclamava a liberdade
Cumpru com honra a missão
Foi guerreiro de verdade.

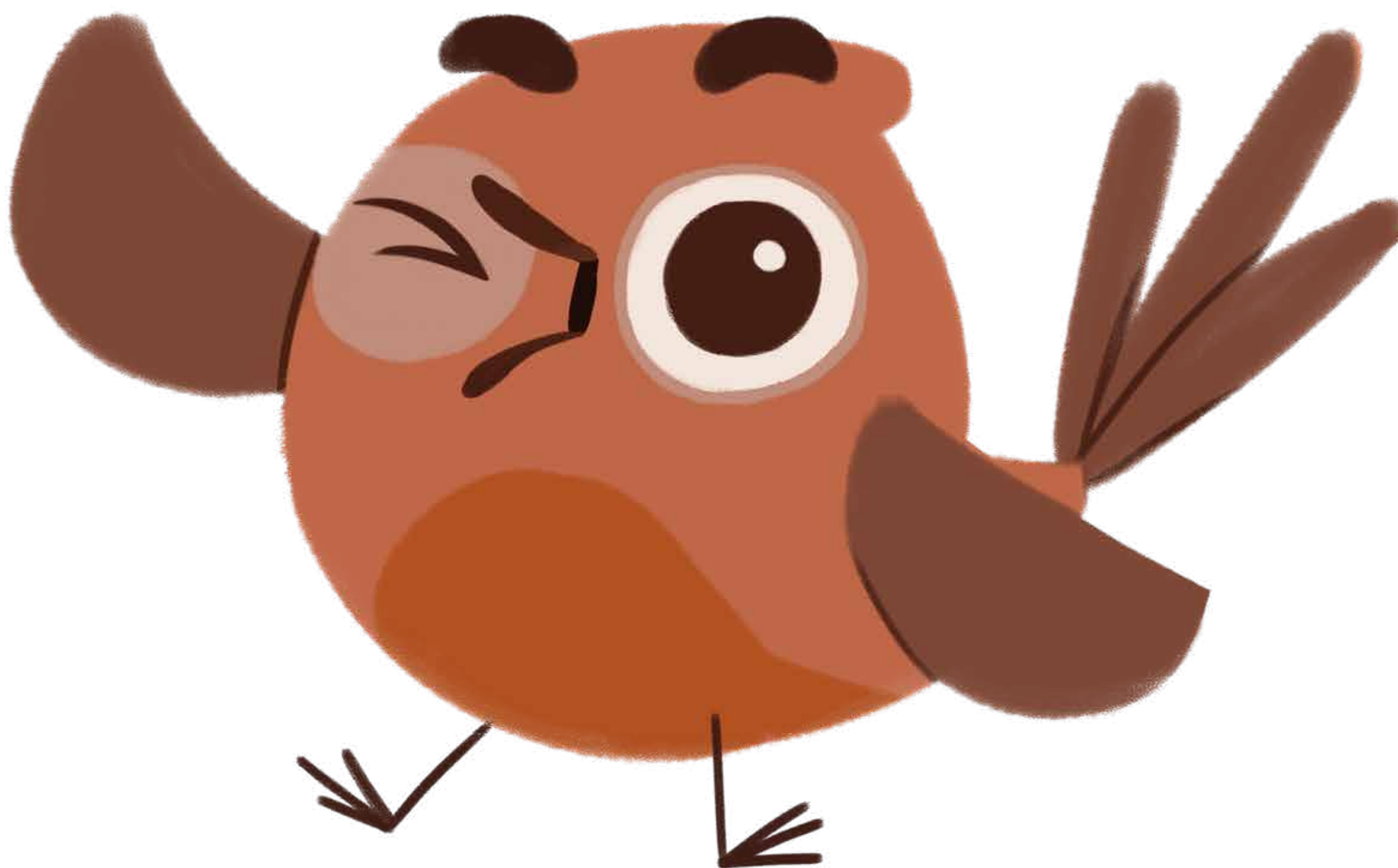
Com o coronel Santinho
Eu estive em Pirajá
Combatendo os lusitanos
Que ainda estavam por lá
E a união de muitas raças
Eu pude presenciar.

Os índios, negros e brancos
Formavam a força armada
Que expulsaram portugueses
Na Estrada das Boiadas
Mostraram a união
Pela causa apresentada.

Na ilha de Itaparica
Tive a honra de estar
Eu vi o povo unido
Lutando sem descansar
Resistindo aos portugueses
Que queriam avançar.

Ainda em Pirajá
Houve outra luta armada
Muitos homens portugueses
Avançavam pela estrada
E a tropa brasileira
Estava quase derrotada.





Pressentindo a derrota
Pensaram em recuar
Eu não pude fazer nada
Pois eu sou um sabiá
Mas entoei o meu canto
Pra quem pudesse escutar.

O corneteiro Luís
Mesmo com muito espanto
Se encheu de esperança
Quando ouviu o meu canto
E ao invés de recuar
Deu o toque de avanço.

Ao ouvirem a corneta
Os soldados lusitanos
Pensaram haver reforços
Pra ajudar os baianos
Cessaram fogo das armas
E foram se retirando.

Nesse período de guerra
Que aqui estou relatando
Morreu Joana Angélica
Por nosso povo baiano
E assim foram muitos outros
Caíram, mas foi lutando.
Na manhã do 2 de Julho

O sol nasceu mais brilhante
Nas ruas de Salvador
Entra o povo triunfante
A liberdade cantou
Com um grito retumbante.

Até hoje se celebra
Esse dia de alegria
Essa força patriota
É o que nos contagia
E alegra os festejos
Que estão em toda a Bahia.

Hoje vivo em Mirangaba

Cá no nordeste baiano
Onde o povo comemora
Com alegria a cada ano
E o grito da liberdade
Nas ruas ouço ecoando.

Sóror Joana Angélica
Aqui é nome de escola
É aqui que tem festejos
E o povo comemora
Todo ano em 2 de Julho
Relembramos nossa história.



Finalizo o meu relato
Em versos de poesia
Desejando aos brasileiros
Muita paz e harmonia
E que o Sol da Liberdade
Brilhe mais a cada dia.



AVANÇAR

Povo forte

Natã Oliveira dos Santos

Bahia, terra de São Salvador,
Terra de beleza, riqueza e muito esplendor.
Carrega consigo a história de um povo,
Povo feliz, forte e resistente,
Resistente ontem, resistente hoje
Que desde sempre lutou
Pra trazer alívio pra sua gente,
E na independência não foi diferente.

O povo guerreiro
Cansado da opressão
Se revoltou e levantou a mão,
Para acabar com a insatisfação
De ser dominado por Portugal,
A gente da nossa terra
Com muita garra,
Se pôs em guerra.

Madeira de Melo,
Pretendia comandar com esmero
As tropas portuguesas
Naquele lugar tão belo.
E o nosso passado,
Deixa bem claro
Que ele estava do lado errado.

Mortes e massacres
Desse conto de luta
Fizeram parte.
E ao pintar esse quadro,
Encontram na busca pela liberdade,
O esquadro para sua arte,
Para moldar a história,
Que do futuro faria parte.





E no meio da confusão,
Chegou a notícia que traria irritação para Portugal
Três vilas abandonaram o medo,
Tomando o lado de Dom Pedro.
Madeira de Melo não estava pra brincadeira,
Então enviou um barco pra atacar Cachoeira,
O povo que se revoltou,
Em vinte e cinco de junho,
Parou a embarcação e a capturou.

Com medo de tudo que rolou,
Muitos fugiram, tomados pelo medo.
E o que não era segredo,
É que estavam todos do lado de Dom Pedro.
Com a independência declarada em vinte e dois,
Apenas se agravou o que viria depois,
Dom Pedro e suas tropas foram pra Bahia defender, quem merecia.

Motivados pelo sonho de ter liberdade
Eles buscaram acabar com a covardia
Que fizera parte
Da nossa gente um dia.
De Melo ainda assim não admitia
Que o povo quase conseguia o que queria,
Por isso resistiu por sua vez
Até vinte e três.

Quando então o povo sorriu,
E fez alvorada,
Pois a tão sonhada independência
Foi conquistada.
E até hoje é lembrada
E marcada como um momento que faz perceber,
Toda a força que podemos ter.

Por isso com muito orgulho,
No dia 2 de Julho,
Olhamos para o passado
Que definiu nosso futuro.
E lembramos que com nossa gente
O jogo é duro.
E mesmo após duzentos anos
Jamais nos esqueçamos
Da luta que travamos.

A vida da mulher

Kaylla Carvalho Bezerra

Só porque sou mulher
Tentam me menosprezar
Mas sou baiana resistente
Não é fácil me parar.

Estou determinada
A mostrar o meu valor
Todos devem ver
O que minha mãe me ensinou.

Quero ter a audácia de Maria Felipa
Pois ela não teve medo de morrer
Pegou o cansaço e foi em frente
Para a Bahia defender.

Vou batalhar com garra e determinação
Sem esquecer da compaixão
Pois quero ter bravura
Mas com amor no coração.

Com a coragem de Joana Angélica
Quero aprender a lutar
Quero ser uma mulher defensiva
E minha vida entregar.

Me tratam como coitada
Achando que sou fraca
Mal sabem eles
A força que tenho guardada.

Devo levar como exemplo
O heroísmo de Maria Quitéria
Que mesmo sabendo dos riscos
Pegou a espada e foi para a guerra.

65



Hoje temos a independência
Que grandes mulheres foram buscar
E com força e disposição
Elas conseguiram se apossar.

Se tentarem me atacar
Não conseguirão me derrubar
Porque depois de tanta queda
Eu aprendi a guerrear.

Quero contar para os meus filhos
A luta que tivemos
Mas graças às heroínas
Nós vencemos!



Bicentenário da Independência da Bahia e do Brasil

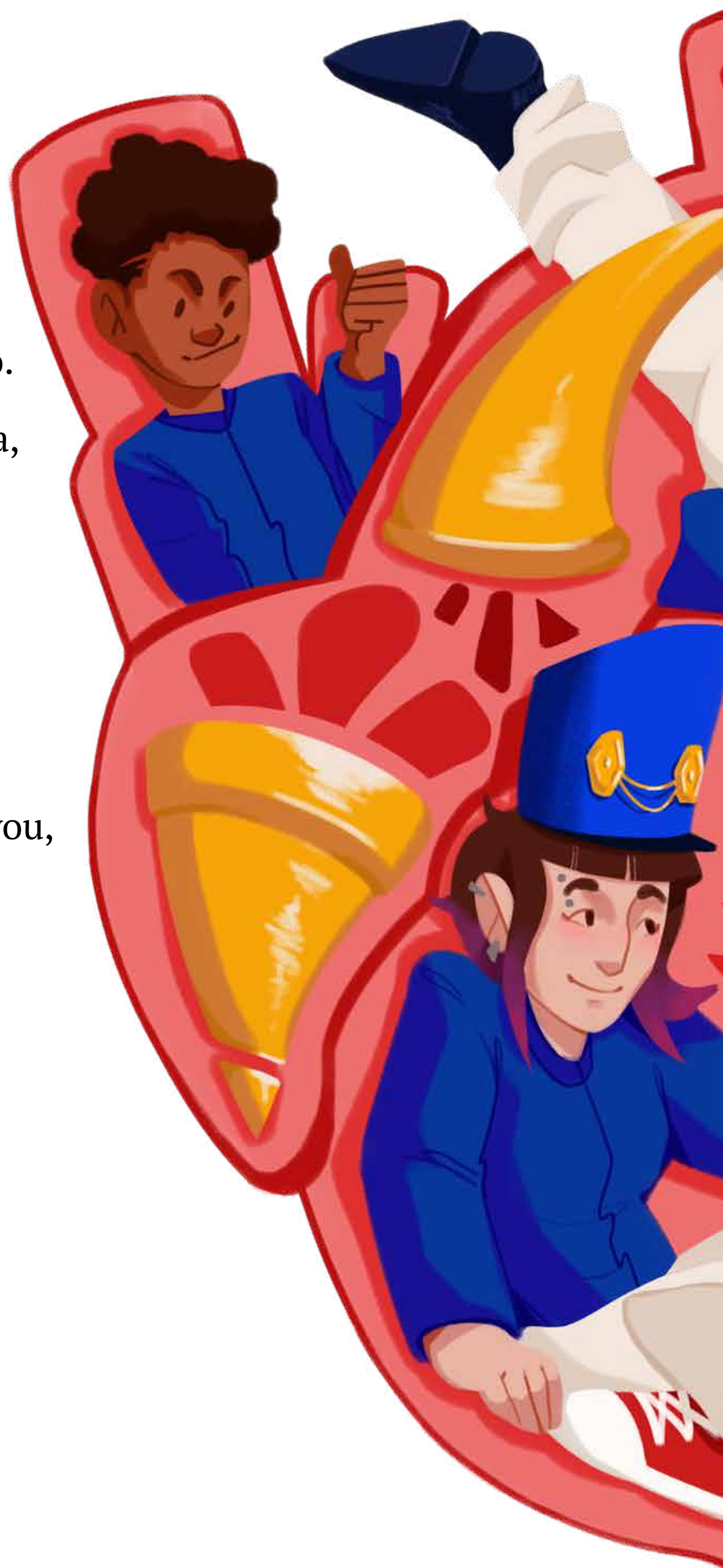
David dos Santos Freitas

Bahia, um mar de emoção,
O Bicentenário da Independência e celebração.
Muitos anos de luta, de coragem e persistência,
A história da Bahia, uma longa referência.

67

No dia 2 de Julho, a batalha que um dia se travou,
Baianos arretados, a liberdade conquistou.
Contra as tropas portuguesas, o povo se uniu,
Com coragem e garra, a independência se viu.

Mulheres guerreiras, na luta se destacaram,
Com coragem e força, a pátria abraçaram.
Soldados baianos, heróis da resistência,
Com bravura e honra, defenderam a independência.





O povo se une, em um só coração,
Para celebrar a história, com gratidão.
O Bicentenário da Independência, um marco a se lembrar,
A Bahia, berço da liberdade, a todos a encantar.

Que esse momento de glória, nos inspire a seguir,
Valorizando a história, sem nunca desistir.
Que a independência seja sempre nossa bandeira,
E a Bahia, símbolo de luta e de vida inteira.

Neste bicentenário, que a Bahia brilhe mais,
Com sua cultura rica, que encanta demais.
Que a independência seja sempre celebrada,
E a Bahia, orgulho de toda a nossa pátria amada.

Independência entre aspas

Samuel Pena dos Santos

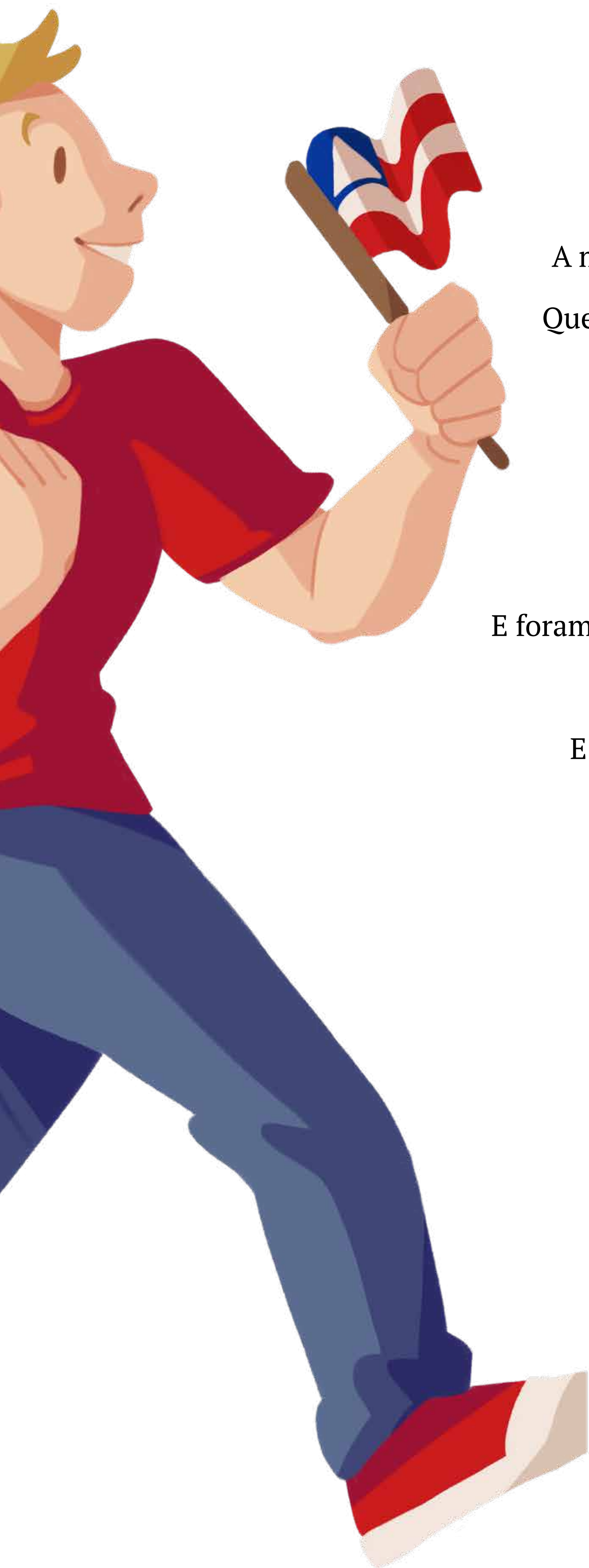
E o sol nasceu mais uma vez a Dois de Julho
E pra alguns brilha bem mais que no primeiro
O mais injusto deste dia
É que faltou lugar para muitos brasileiros

O despotismo sofreu uma reformulação e foi dividido
Lhe nomearam com cargos e o romantizaram
Hipocrisia é comemorar o fim do colonialismo
Enquanto quem sangrou não é atendido e só homenageado

Nos desvinculamos de Portugal e de todo seu autoritarismo
Mas nos sujeitamos a um novo inimigo
Eu vejo mentes jovens em busca do facilitismo
Herança herdada do cibercolonialismo

Nossa sociedade é sempre vítima
Rica em diversidade e pobre em política
Mudamos muitos contextos e sempre a mesma classe que sofre
Mulheres, nativos, pretos e pobres





E em todo lugar que olho posso enxergar
A mais bela reprodução de heróis e heroínas
Que continuam a lutar para tentar se libertar
De tanta covardia e hipocrisia

Quantas queriam separação
Muitas só queriam proteção
E foram atingidas por baionetas, tiros e até facão
A cada minuto gera uma tensão
E é mais uma Joana Angélica caída ao chão

Nos olhos de uma mãe eu vejo
A valentia de Maria Quitéria
Assume com tanta beleza um preço
E exerce uma figura paterna
Há quem diga que mães são boas de mira
E se atihar a sandália, só se vê os gritos.
Fazem o possível pela própria vida
Mas o impossível é pelos seus filhos

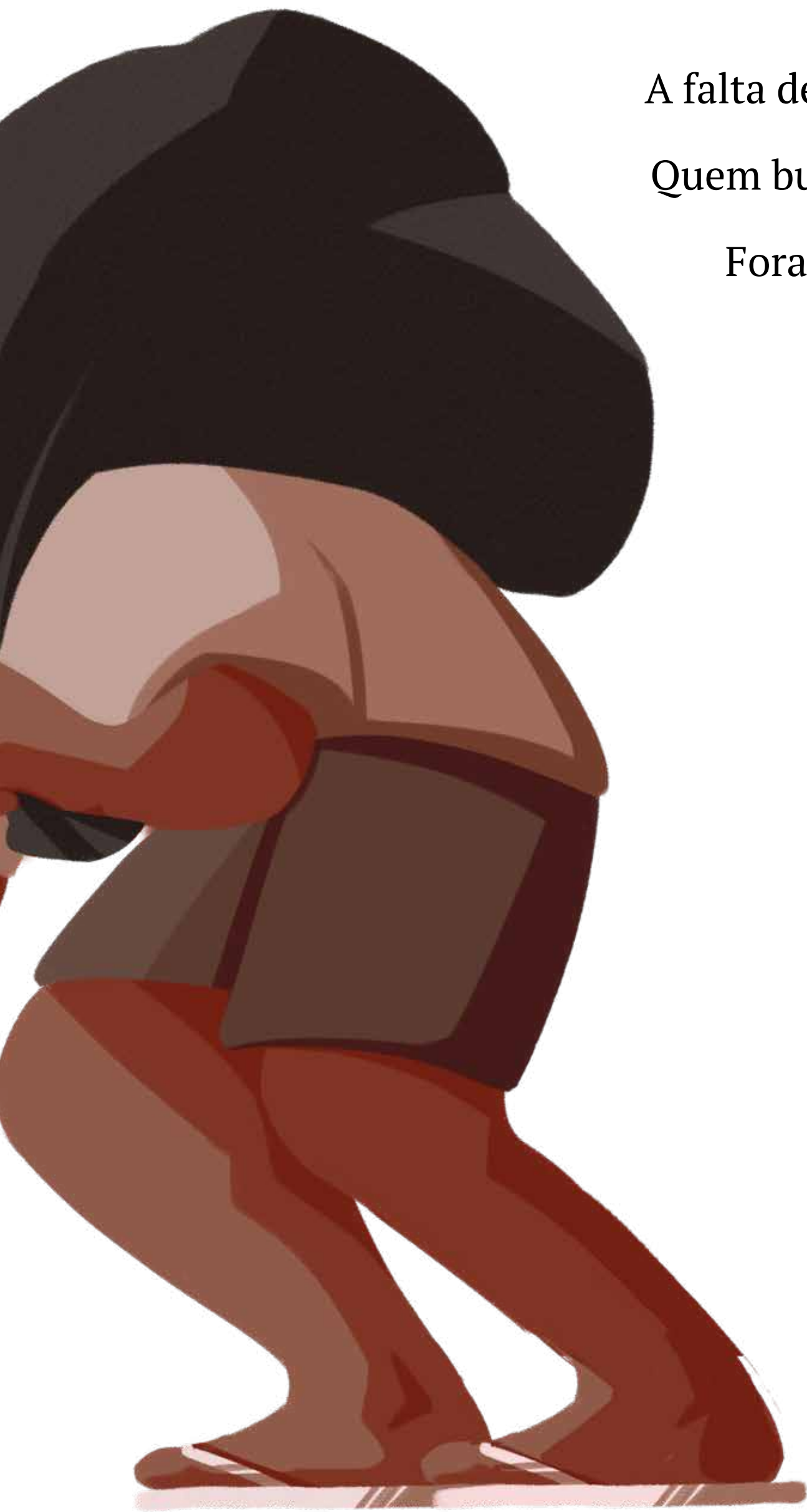
Favela, asfalto, praças ou biqueiras
Não importa onde seja
A bala sempre vai ao encontro de uma vida negra
E o tocador de tambor que lutou contra a opressão
Foi gravemente ferido por uma bala de canhão
Muitos Manoel Soledade são vistos na cidade
Com tantos dons e pouca idade
Leigos de letras e números e dotados de malandragem
Intolerantes julgam seus tambores e seus trajes
E mesmo sendo vítimas de um brutal ataque
Morrem sem direito a resgate

71

Falando em direitos
Não me parece tão justo com os nativos
Terem suas terras tomadas e morrerem pra que tudo
fosse dividido
E ainda ver o seu povo após receber tão pouco ter
seus terrenos poluídos
Queimados e novamente invadidos
Julgados simplesmente por serem diferentes
tanto nos quereres quanto na fé
Não consigo imaginar o desgosto que sentiria nosso
honroso Bartolomeu Jacaré



Também não consigo achar lógica
O por quê tanta imensidão e pouca protagonização
Ainda somos dependentes e a maioria ignora
Por que tudo que não é brasileiro é melhor?
Por que tanta devoção?
Por que não valoriza nosso suor?
Por que todas essas classes e separação?
Tanta biodiversidade e exportação
E nada na mesa de alguns irmãos
A falta de entendimento não gera a própria opinião
Quem busca conhecimento incomoda quem se cala
Foram muitas reflexões e enfim uma conclusão
Independência? Entre aspas.



A independência de um povo

Juliano Jesus dos Santos



Alguns dizem invasão,
Outros dizem descobrimento.
Um país marcado pela opressão,
A história de um povo jogada ao relento.
O sangue que antes corria pelas veias,
Foi então jorrado ao chão.
O mesmo sangue que corria pelas veias,
Trouxe então a temível escravidão.
Assim surge o povo brasileiro,
Em sua pele, uma mistura de raça.
Um povo bravo e guerreiro,
Cheio de virtude e de graça.
Após anos de injustiça,
A independência foi proclamada.
O povo ergueu a voz e lutou por justiça,
Na Bahia, pelo Brasil, nossa terra adorada!
A Bahia tem figuras excepcionais,
Figuras essas que mostraram devoção,
Homens e mulheres de forma sagaz
Trouxeram honra e glória a esta nação.

Com sentimento de bravura,
Maria Quitéria guerreou,
Escondeu sua ternura,
E como qualquer outro homem lutou!

Joana Angélica se pôs à frente,
Ao seus, ofereceu proteção.
Defronte aos seus inimigos, se manteve rente.
Com fé, atuou na libertação.

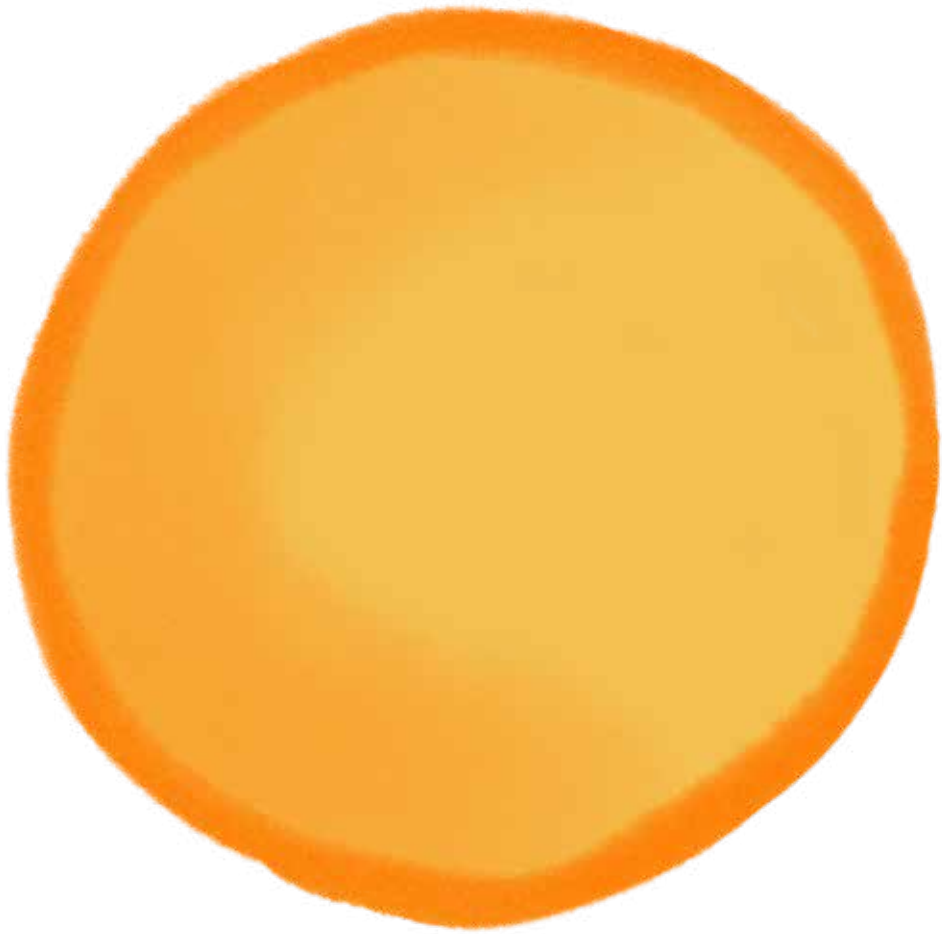
Mulher, negra, escrava liberta.
Maria Felipa lutou com integridade.
Comandou tropas, sempre alerta,
Para trazer a nossa liberdade.

Nossa gente lutou bravamente.
Contra os portugueses, não tiveram perdão.
Pela pátria, com admiração ardente,
Mostraram quem os povos dessa terra são.



Noite de crepúsculo no sertão nordestino

Rayanne de Jesus da Silva



No sete de setembro, o sol recusou-se a luzir
Não foi um grito, foi um ataque contra o povo.

O combate e a ira a reluzir

Dois de Julho, o baque final

A espada levantada ao bravejo exclamado

Entre goles de fel, o final resultado

De uma longa história cruel.

Mulheres violadas, homens escravizados

Sofreram amarguras por seus direitos roubados

Vidas aniquiladas e um povo invisibilizado.

Pelo ódio enfurecido, escrevendo as linhas de dor

Com gemidos e bramidos silenciados

A sede saciada com sangue inocente e ardor.

Anos de escravidão, almejando a glória da liberdade.

As lágrimas de sangue derramadas no Pirajá ao sol ardente

Esperando na senzala, a felicidade

Com uma esperança transcendente.

A fome, sede, angústia e aflição

De uma batalha em busca da Independência do Brasil na Bahia

Lutando contra os inimigos para viver uma emancipação

Do sabor da conquista através da força que frutos colheria.

Bahia, amada minha, por que estás a chorar?

Por que seus vestidos estão ensanguentados?

Sobre os cadáveres vem a caminhar

Ouvi no sereno da madrugada os seus bramidos.

Soluçando e chorando lágrimas de alegria, atravessando com sua

lança o Coração da escravidão

No crepúsculo nordestino, erguia-se a bandeira da nova geração

Bêbada de espanto e admiração

Por ferir as profundezas da desejada libertação.



Debruçados sobre o lago de sangue, cantavam
A liberdade acalentava-me, e passava sobre meu rosto o sumo da abolição
A luta infinita que findavam.
Aos meus vestidos lavados com suor das veias
Daqueles que pleiteavam consolação
Derramado aos gemidos inexplicáveis de memória
inevitável Suplicavam a razão com coração
E o clamor de uma vivência interminável.

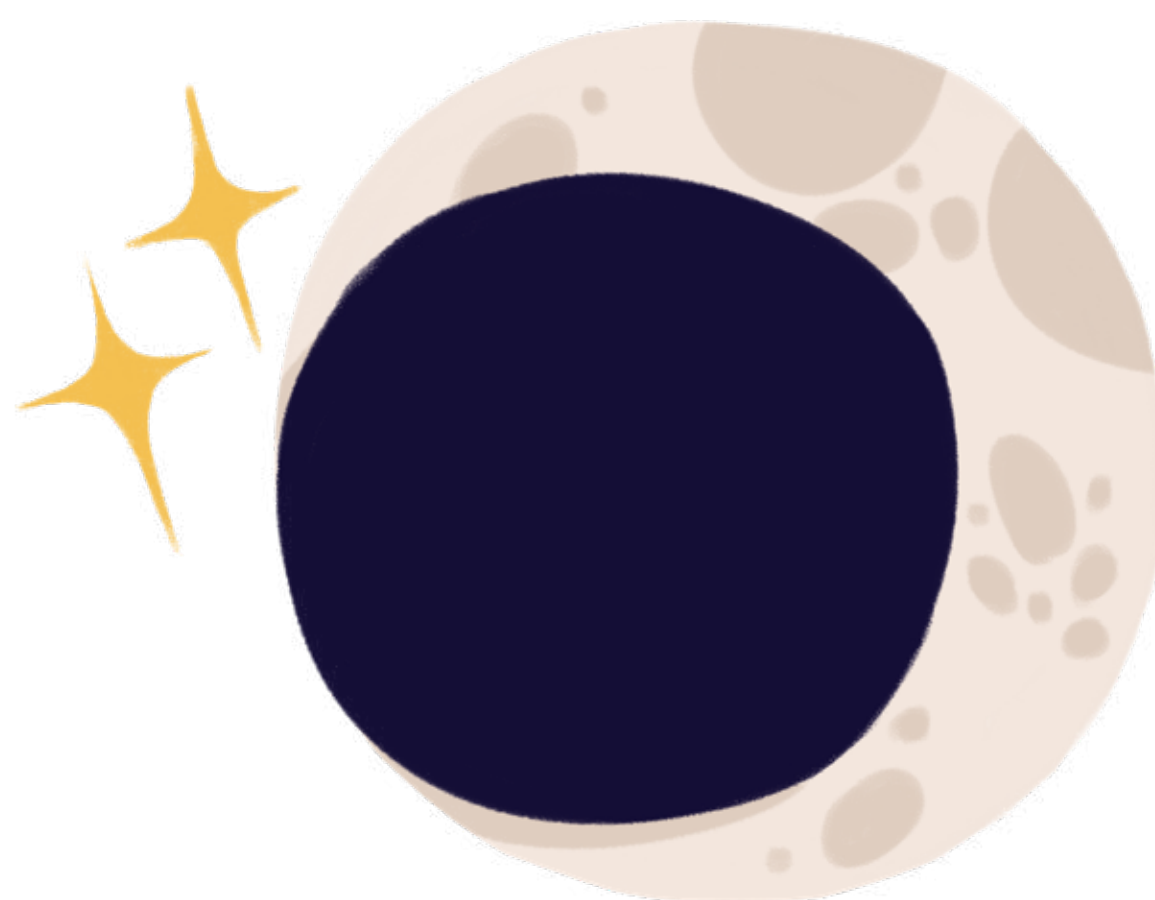
As mulheres que lutaram com fervor
Joana Angélica, Maria Felipa e Maria Quitéria
Foram heroínas que guerrearam com bravura e ardor
Através de cada luta e com seus sangues os solos baianos libertaram
Consolidaram um legado com peripécia
E das garras dos tiranos nos salvaram.

Falecia Joana Angélica no convento da Lapa em Salvador
“Respeitai a casa do meu Deus!”
“Para trás, bandidos!” Bravejou!
“Entrarás apenas se por cima do meu cadáver passar os pés teus”.
A invasão das tropas enfrentava com ardor
Como em Mateus 22:39 o sacrifício da vida ofertou
Pelos irmãos baianos e a Deus, sua vida a guerreira Angélica entregou.

Depois de liberta fez da liberdade o tesouro de sua vida,
O belo canto de sereia entoava
A mulher negra seduzente liderava homens e mulheres
Para defenderem, com tochas de fogo, as embarcações inimigas.

Era Maria Felipa que a ira expelia
E da ilha de Itaparica dia e noite vigiava
Labaredas de fogo subiam
Felipa com sua garra defendia a lutapela Independência da nossa Bahia.

A Maria Quitéria que seu fuzil levantou
A fim de vencer com vigor
Ao corneteiro que a melodia da liberdade tocou.
Com Independência a Bahia coroou
Avançar, matar e degolar
Graças ao manejo de armas e da disciplina em batalhar
O tão esperado anseio aconteceu
O sol já resplandeceu
Enfim, conquistar nosso lugar.



Madeira de Melo achou que poderia
Arrancar das nossas mãos a alegria?
Madeira nos “lombos” levou
Por que Labatut a guerra travou
João das Botas, com ímpeto conduziu
As flechas que as costelas dos portugueses atingiram.

A todos que sem medo enfrentaram
Os adversários que nos atormentavam
Na aurora da noite, assustaram
Os abéculas que dormiam



Naquela noite, eles não sabiam
Que a libertação suas cabeças custaria

O sol nasceu novamente
O céu estava resplandecente
Pirajá amanhecia diferente
O brilho em seus olhos, óh Bahia, é aparente!
Levanta-te, pátria minha, vem radiante
Iluminada de resistência
Coroadada com a Independência!



A viajante

Soraia Batista

Olá senhoras e senhores
Irei fazerv uma revelação
Sou uma viajante do tempo
Que fugiu da estação
Uma charada irei fazer
Peço a sua atenção

Do lugar de onde vim
Irei lhe dizer
Mas você deve ser esperto
E prometer não esquecer
Vamos começar
Detalhes irei lhe oferecer

A guerra 17 meses durou
Um estado se movimentou
Com raça e fé
De Portugal se libertou
O dia 2 de julho
Na história se eternizou

Comandante Madeira de Melo
Teve sua nomeação
Substituindo Manuel Pedro
Houve uma agitação
As tropas portuguesas
Riam do cidadão

A população se revoltou
Os portugueses tinham que expulsar
Foram três dias de lutas
Mas não conseguiram ganhar
Uma derrota à resistência
Que você deve se lembrar

No convento da Lapa
Um ataque aconteceu
A madre Joana Angélica
Sua vida perdeu
Mas depois deste dia
Tudo renasceu



Joana Angélica de Jesus
Um símbolo de resistência
Várias mulheres inspirou
Mostrou toda a sua persistência
O Brasil a elegeu
A mártir da independência

Maria Quitéria de Jesus
Com sua determinação
Se tornou mulher-soldado
Mostrou para a nação
Que lugar de mulher
Pode ser no batalhão

Maria Felipa de Oliveira
O seu povo liderou
Marisqueira e pescadora
A liberdade conquistou
Em 42 navios portugueses
Fogo, ela colocou

Outros nomes importantes
A história eternizou
João Francisco de Oliveira
Aos portugueses abandonou
Seu apoio e coragem
Aos baianos ofertou

80

Tendo a força de Iansã
Os portugueses enganou
Embriagava os soldados
Sua esperteza reinou
Heroína do povo
Ela se tornou

O Manuel Soledade
Com seu tambor alertou
Aos seus aliados
Que os inimigos chegou
Um herói negro
Que na história ficou

Por ser mulher
Soldado não podia se tornar
Seu pai não apoiava
Mas estava no seu sangue lutar
Então fugiu
E Medeiros começou a se chamar

O movimento mais destemido
Irei lhes contar
Os Encourados de Pedrão
Sem treinamento militar
Os suprimentos dos portugueses
Conseguiram roubar

A batalha do Pirajá
Na memória está
O corneteiro Luís Lopes
Cometeu um erro ao falar
“Avançar cavalaria”
Vitória para a Bahia

Almirante Lord Cochrane
O lobo do mar
O cacique Bartolomeu Jacaré
Com arcos e flechas foi batalhar
O militar Lima e Silva
Os portugueses fizeram recuar

O tempo está passando
Então vou lhe perguntar
Se prestou atenção
Não vai se enrolar
Quem sou eu
Você deve adivinhar

Minha charada no início
Você deve se lembrar
O bicentenário da Bahia
Acabou de recitar
Então lhe pergunto
Há algo para explicar?

Se já não adivinhou
Meu nome irei dizer
Sou Urânia Vaneiro
Muito bom te conhecer
Se quiser mais informações
Uma dica: adoro escrever

Sobre a Independência da Bahia
Queria mais lhe contar
Sobre minha importância
Queria lhe revelar
Mas minha estação me achou
A um lugar para visitar:
2023...
O que será que acontece neste lugar?





O amor de João das Botas

Lewie Jhony da Silva Santos

Em um avião, com destino a Salvador, um homem parece um tanto quanto angustiado, falando sozinho.

— Eu não acredito que eu acabei dormindo demais, agora o que eu vou falar para a Agatha? “Desculpe, dormi demais!” Não posso falar a verdade. Que tal “perdi o avião” ou melhor “perdi o ônibus”? Eu vou apanhar com certeza.

A viagem continua até que ele chega no aeroporto Luiz Eduardo Magalhães. Ao descer do avião, ele começa a andar o mais rápido possível para não perder mais tempo nenhum e pega um táxi até a Praia do Forte. Próximo do destino, percebe que o trânsito está muito intenso, desce do carro e continua andando distraído, enquanto ia às pressas um ciclista que se bate com ele e o lança em direção à areia da praia.

— Hoje não é o meu dia, eu já estou completamente atrasado e agora mais essa! Vou ficar todo cheio de areia.

— Ei, senhor, está tudo bem aí?

— Estou sim garoto, pode seguir seu caminho.

— Certo, senhor, me desculpa, não te percebi, me separei dos meus amigos aí sabe como é quando estamos com pressa, né? — Ele dá um sorriso enquanto vai saindo.

— Eu sei muito bem como é! — Responde limpando a areia das roupas.

Quando ele sai, em direção à escada, acaba percebendo algo muito desgastado e enterrado no canto da parede. Curioso como todo historiador, vai em direção àquele objeto e quando o pega, nota que estava coberto por um pano que não dava para ver mais a estampa que estava ali, apenas um bordado que ele logo identifica como sendo do tempo da independência. O símbolo era de uma bota e uma caravela. Quando ele desenrola o objeto, percebe que era um tipo de diário que tinha uma capa desgastada, mas bem

resistente. Enquanto ele sai andando, continua analisando, dando para perceber que não é algo desse século. Com muito cuidado e muita esperança, ele vai abrindo aquele diário.

“Nunca achei que precisaria fazer isso, mas aqui estou eu fazendo, então... como começo? Verdade, já comecei, tá bom, hoje encontrei uma pessoa e percebi minha fraqueza, pois estou agindo igual a todos aqueles que sempre critiquei, me apaixonei e não sei mais o que fazer. Não posso me distrair com essas coisas, mas ela é tão linda, guerreira, corajosa, determinada, ela se chama Maria, Maria Quitéria, ela é uma soldado do Exército brasileiro.”

— Eu não acredito nisso, já sei a desculpa perfeita para o meu atraso.

Ele começa a correr até chegar na casa da Agatha. Bate na porta e espera, até que escuta a tranca se abrindo e, preocupado, ele aguarda a reclamação.

— Lucian, novamente, você atrasado desse jeito? Você não poderia chegar na hora, pelo menos uma vez na vida? Ainda mais hoje que teremos a inauguração do nosso achado no museu. Você esqueceu o trabalho que tivemos até encontrar aquela corneta? E qual vai ser a desculpa dessa vez? Perdeu o avião ou perdeu o ônibus?

Sorrindo, Lucian revela o diário:

— Vamos ficar ricos, acabei de encontrar algo que parece ser o diário do João das Botas e você não vai acreditar no que tem aqui.

— É o que? Você não está inventando isso não, né? Larga de mistério e desembucha logo seu velho gagá.

— Ei, eu não sou velho, mas certo, certo, vamos lá? Aqui mostra que o João das Botas teve um caso com Maria Quitéria, quer dizer, mostra que ele gostava dela, mas eu só li um pouco enquan-

to vinha para cá. Vamos para o museu de táxi para dar tempo de lermos isso.

— É a primeira boa ideia que você deu em muitos anos, vamos adiantar – ela entra rapidamente para pegar o celular e sua bolsa.

Naquele momento, eles se juntaram e foram saindo em direção ao ponto de táxi. Assim que entraram, Lucian começa a ler o conteúdo do diário para ela. A história é tão rica em detalhes que dá para perceber que o João das Botas tinha mania de contar suas histórias, talvez em bares para se gabar de seus feitos ou até mesmo para conseguir encantar belas mulheres.

“Me encontrei com ela pela primeira vez em Salvador, quando a cidade foi libertada pelos brasileiros. Ela era filha de um comerciante que apoiava a independência e que me ofereceu abrigo e comida. Era bonita, inteligente e gentil. Ainda me ensinou a ler melhor e a apreciar a literatura e a música. Ela me deu um colar com um pingente de coração, que eu usava no pescoço como meu amuleto. Eu nunca havia mudado antes meu amuleto, sempre tinha sido minhas botas, que me deram muita sorte e proteção, mas agora tinha esse colar dado a mim por minha amada.”

E continuou a narrativa: “Me apaixonei por Maria Quitéria à primeira vista. Eu vi nela uma mulher diferente de todas as outras que havia conhecido. Vi nela uma mulher forte, valente e honrada, uma mulher que lutava pelos seus ideais e pelo seu país.”

“Desde que a conheci comecei a cortejá-la com galanteios e presentes. Contei-lhe as histórias sobre os meus feitos no mar, mostrei as belezas da Bahia, lhe prometi mundos e fundos, mas no fim ela não queria se envolver comigo. Ela tinha um objetivo maior: libertar o seu país do domínio dos portugueses. Esse foi um dos motivos que realmente me fez entrar nessa batalha. Tínhamos um único objetivo central nesse combate, o último reduto dos portugueses em Salvador, a fortaleza de São Pedro.”

— Tá aí, mais um homem que resolveu arriscar a própria vida para impressionar uma mulher, isso me lembra alguém né, Agatha? — Lucian dá um sorrisinho enquanto olha para ela.

— Arriscar a própria vida? Ele eu entendo, mas você só matou uma aranha que me assustou. Ela fala enquanto dá uma olhada de deboche para ele e o taxista deixa escapar uma risadinha.

Lucian percebe a risada do taxista e nervoso fala:

— Ah, que é isso? Ela era enorme e se eu não estivesse lá, você não iria encostar nem na porta para sair.

Quando ele percebe que Agatha vai respondê-lo novamente, logo começa a ler o diário de novo e ela percebe que ele ficou envergonhado, apenas segue prestando atenção.

“Após algumas noites analisando a fortaleza, percebemos que só tinha uma forma de abrir os portões. Tínhamos que enviar uma mulher disfarçada de lavadeira, pois elas saíam todas as tardes para lavar roupa no rio e voltavam durante à noite. Quando descobrimos isso, Maria logo se ofereceu para fazer isso, mesmo que essa missão significasse suicídio, e eu fui o primeiro a me opor, não deixaria ela assumir esse risco. Eu não queria perdê-la, tentei ao máximo dissuadi-la, mas ela era cabeça dura e não me ouviu, falando que era seu dever e sua honra, falando que eu não conseguiria entender os seus motivos porque eu não era brasileiro, e me ofendeu dizendo que só pensava em mim mesmo e em minhas riquezas, me deixando extremamente magoado e completamente ofendido. Eu não sou assim!”

Lucian percebe a curiosidade de Agatha e continua a leitura:

“Tentando fazê-la mudar de opinião, assumi que a amava e que queria me casar com ela, mas o fundo do poço foi quando falei que eu era um herói e que ela tinha que me respeitar, pois eu merecia isso, a chamei de ingrata e teimosa, e foi quando começamos a brigar. Ela foi embora e

não a vi mais. Percebi meio tarde o que ela disse sobre eu pensar apenas em mim mesmo. Depois me falaram que ela havia ido para a missão, cogitei várias vezes invadir a fortaleza sozinho para resgatá-la, mas me impediram várias vezes. Eu sempre soube que o amor era uma fraqueza e era uma fraqueza tão grande que me fez cometer tantos erros nas minhas táticas de combate, apenas percebi isso quando aqueles cadetes me alertaram sobre meus erros, e quando entendi isso, ouvimos soar uma corneta e os portões foram abertos.”

Nesse momento Agatha gargalha descontroladamente enquanto diz:

— Tome na cara seu idiota, ficou duvidando dela, agora está aí, ela cumpriu a missão.

Lucian para de ler e olha para Agatha:

— Você já sabia que ela iria conseguir cumprir a missão, por que toda essa animação?

— Me empolguei ver ele tratando-a como se fosse inferior, me afetou um pouco, aí esqueci do resto da história e apenas queria ver ele percebendo que mulheres também são fortes, mas continua, continua, quero ver a reação dele.

Lucian ri com a animação dela e continua lendo:
“Após aquele grande embate, conquistamos a vitória e todos comemoramos naquela noite. Foi uma noite incrível de festas pela nossa vitória...”

— Calma, tem algo riscado aqui.

— Riscado? Como assim riscado, Lucian?

— Ele escreveu alguma coisa e riscou, deixa eu tentar ler... é.... “enquanto estava na bebedeira Maria veio até mim e... e.... pediu para nos casarmos, mas após aquelas últimas palavras, não aceitei e decidi ir embora”.

— É o quê? Eu não acredito que ela fez isso, ela não pode ter feito isso, eu não acredito nisso...





— Calma, calma, como falei, isso estava riscado, tem mais coisa aqui:

“Quem eu estou tentando enganar? Acho que a mim mesmo! Eu fui até ela naquela noite, pedi desculpas por tudo que eu falei e novamente tentei pedi-la em casamento, mas ela recusou, pois tinha novos objetivos e não queria ficar presa a ninguém. O general Labatut a havia chamado para fazer parte de seu batalhão. Respirei fundo naquele momento e concordei com ela: chega de tentar controlar o destino das pessoas! E eu me surpreendi depois, pois ela me beijou e saiu”.

— Está vendo, quando as pessoas não são completos babacas, a recompensa vem, eu acredito que se ele não tivesse tratado ela daquela forma, eles teriam ficado juntos.

— Acho que não, eles tinham objetivos diferentes. Não acho que ele mudaria o próprio pensamento e seguiria com ela, acho que eles brigariam muito, afinal, são dois líderes, né?

— Acho que você tem razão, continua aí.

“Eu já não tinha mais nada para fazer naquele lugar. Então decidi voltar para o mar e continuar a navegar em busca de mais aventuras e novos tesouros. A partir desse momento eu nunca vou esquecer Maria Quitéria. Nunca me casarei e nem vou me apaixonar por ninguém. Maria é e sempre será meu único amor. Sempre carregarei em meu pescoço o amuleto que você me deu.”

“Em minhas longas aventuras ouvi falar muitas vezes sobre a Maria Quitéria, que foi para o Rio de Janeiro, havia sido recebida pelo imperador Pedro I, o qual lhe concedeu a patente de alferes e lhe deu uma medalha de honra, fiquei muito feliz por ela, espero que conquiste ainda mais medalhas e continue crescendo, acho que não tenho mais o que escrever aqui, vou jogar isso ao mar para que outra pessoa possa encontrar e falar mais sobre mim, quer dizer, sobre nós”.

— Eu nunca iria imaginar algo assim Agatha, um romance entre Maria Quitéria e João das Botas. Podemos organizar tudo isso e transformá-lo

em um livro e podemos colocar o diário no museu também.

— Você estava fuçando a minha mente? Eu pensei exatamente a mesma coisa! Estamos quase chegando, vamos usar essa apresentação da corneta para darmos introdução a tudo isso, vamos planejar o que devemos falar.

Eles passam o resto da viagem analisando as falas e revendo tudo que sabem sobre João das Botas e Maria Quitéria. Eles criam um breve roteiro, organizam as anotações e repassam as falas sobre a corneta do Corneteiro Lopes, e pensam na oportunidade perfeita para encaixar as novas descobertas.

Durante a apresentação, os dois prestes a encerrar, começam a falar:

— E agora algo que vocês nunca pensariam antes, uma descoberta por acaso e que vai revolucionar não só os historiadores, mas também os livros e os cinemas.

— Exatamente Agatha, quem aqui já ouviu falar sobre o João das Botas? Ou até mesmo sobre a Maria Quitéria? Bom, João Francisco de Oliveira, apelidado de João das Botas, foi um militar brasileiro. No contexto das lutas da Guerra da Independência na província da Bahia, combateu as embarcações portuguesas nas águas da baía de Todos-os-Santos, nomeadamente no trecho entre a praia da Ponta da Areia e a barra do rio Paraguaçu. Destacou-se como um dos principais responsáveis pela defesa naval da ilha de Itaparica, diante das tropas portuguesas, sob o comando do governador das Armas da Bahia, Inácio Luís Madeira de Melo.

— E por que estamos falando disso? Encontramos o diário de João das Botas, o qual nos revelou um romance entre ele e Maria Quitéria, algo que nenhum de nós nunca imaginamos.

Ao falar tais palavras, a plateia ficou chocada e curiosa ao mesmo tempo, foi exatamente a reação que os dois acharam que eles teriam.

— Esse diário vai ser colocado em exposição aqui mesmo no museu, mas além dele, iremos escrever um livro e dependendo dos resultados, financiaremos um filme! Esperamos que todos gostem do que está por vir.

— Eu tenho certeza Lucian, que todos irão gostar, principalmente as mulheres, quando verem como Maria Quitéria havia agido com o João das Botas. Muito obrigado a todos e tenham um ótimo dia.

As luzes se apagaram e tanto Lucian quanto Agatha estavam com os sentimentos a flor da pele, escutando todas aquelas palmas, aqueles sons de murmúrios. Enquanto saíam do palco, e escondidos de todos, no camarim, eles estavam pulando e gargalhando sobre essa descoberta. E em meio a toda aquela alegria, sorridente, Lucian desce com um dos joelhos até o chão, coloca a mão na sua mochila e retira uma caixinha preta.

— Agatha, sempre carreguei isso comigo, tentando tomar coragem para te falar essas palavras, mas nunca tive. Mas depois de ter lido o que aconteceu entre João das Botas e Maria Quitéria, achei que esse seria o melhor momento. Sempre que precisei, você estava lá, sempre que chorei ou sorri, você sempre me mostrou ser a melhor pessoa do mundo, sinto muito ter demorado tanto tempo, mas agora eu sei o que realmente quero, é viver com você por toda a minha vida. Agatha, você aceita se casar comi...

Antes de ele terminar as últimas palavras, ela abraça-o pelo pescoço e o beija.

— Claroooooo que aceito! Eu te amo, te amo, te amo, mesmo sendo um pé no saco às vezes. Ela fala enquanto sorri — Demorou, mas finalmente chegou. Muito obrigada meu amor.

Bahia é poesia

Sara Oliveira Xavier

E aqui no meu peito
Bate um coração cheio de orgulho
E amor pela minha Bahia
O amor que cresceu e floresceu
Em meio ao pedregulho
Assim como a poesia
Digo com prazer que sou deste lugar
Essa minha raiz tem história
Nunca irei dela me envergonhar

E há 200 anos acontecia a guerra
Que eu me orgulho em dizer que foi nesta terra
Foi aqui que lutou Maria Quitéria
Mostrou a coragem e bravura de uma mulher
E na força não houve miséria

Esteve também a brava Maria Felipa
Que liderou seu povo e lutou
Deu uma surra de cansação nos soldados portugueses
Também teve coragem e não hesitou



Corneteiro Lopes não podia faltar
Sua participação foi cômica e heroica
Dele eu tenho que falar
Mandaram-no dar o toque de recuar
Mas, oxe!
Ele mandou o de avançar!
Os portugueses ficaram sem entender
Logo depois mandou o de degolar

Joana Angélica, eu não poderia esquecer
Se colocou na frente dos soldados portugueses
E disse que para eles passarem ela teria que morrer
Eles foram tão impiedosos que a mataram
Mas ainda assim, serviu como mais uma motivação para o povo baiano lutar
E assim a independência conquistar

E mais um bravo homem que lutou pela nossa Bahia
Foi João das Botas
Combateu as embarcações portuguesas
E comandou uma pequena frota
Ele lutou bravamente
Foi um dos heróis na nossa Bahia
Lutou e ajudou a conquistar a vitória
Assim nos trazendo a alegria

E o tambor Soledade

Também foi importante na nossa luta

Ele batia o tambor avisando a chegada dos inimigos.

Sem ele essa poesia não seria justa

Grande homem, Soledade

Que com seu tambor nos ajudou a conquistar a liberdade

E em busca da felicidade

Lá também estavam eles

Vestidos com couro

Vaqueiros

Os Encourados de Pedrão não tiveram medo

Estavam lá para ajudar

Representaram todo o sertão

Com sua coragem e determinação





Delas também vou falar;
Caretas do Mingau foram espertas
Espalharam que havia fantasmas pelo lugar
E os inimigos não tinham coragem de ir lá
Então levavam comida para os nossos soldados
E assim, para lutar, foram sustentados

Aqui a independência conquistou
Por isso o orgulho pela minha Bahia em meu peito se firmou
Tenho amor pela minha terra
Essa é a minha raiz
E nunca esquecerei dela
Na minha filosofia a poesia é emoção, é vida, é cultura
Aqui tem história, luta, amor e alegria
E por falar em cultura e cortesia
Bahia é poesia

A Independência do Brasil na Bahia

Roberta de Jesus de Souza

Vou começar meu cordel
E é com grande alegria
Que falarei da independência
Do Brasil aqui na Bahia

Essa data é muito importante
E guardamos com orgulho
Recordamos a independência
Que ocorreu em Dois de Julho

Na luta pela independência
A Bahia comemorou a sua vitória
E vou lhe contar um pouco
Do que sei sobre essa história

Tempos atrás
O Brasil foi colonizado
E pela Coroa portuguesa
Passou a ser dominado

Os portugueses exploraram
Nossas riquezas naturais
Levaram ouro e pau-brasil
E plantaram canaviais

Desmataram nossos campos
Queimaram nossas florestas
E escravizaram nosso povo
De formas tão desonestas

Na Independência do Brasil
Dom Pedro I é bem conhecido
Pois seu nome é lembrado
Como bravo e destemido

“Independência ou morte”
Frase que ficou na memória
Porém nem todos conhecem
Toda a verdade da história

Foi uma guerra muito feia
E até hoje eu me lembro
Pois se comemora a vitória
No dia sete de setembro

Bem antes disso
Os baianos já lutavam
Contra os portugueses
Que o Brasil escravizava

A revolta levou o povo
A fazer revolução
Para acabar de vez
Com toda a exploração

Se juntaram com um propósito
O povo da nação baiana
Queriam acabar de vez
Com a exploração lusitana

Inspirados pelos ideais
Dos iluministas franceses
Eles se organizaram
E lutaram contra os portugueses

Uma das marcantes mortes
Ocorridas nesse tempo
Aconteceu em Salvador
Na porta de um convento

A madre superiora
Para impedir a invasão
Prostrou-se em frente do templo
De Nossa Senhora da Conceição

Os colonizadores portugueses
Não tiveram piedade
E executaram a madre
No convento da cidade

Seu nome era Joana Angélica
E foi uma grande guerreira
Além dela tiveram outras
Que contribuíram de tal maneira

Entre elas, Maria Felipa
Não podemos esquecer
Ela mostrou sua coragem
Lutando contra o poder

Heroína da independência
Pela sua grande coragem
Construíram-lhe um monumento
Como forma de homenagem

E João Francisco de Oliveira
Conhecido como João das Botas
Abandonou a armada portuguesa
E se juntou com os compatriotas

E a baiana Maria Quitéria
Foi uma jovem guerreira
Empoderada e corajosa
Representa a mulher brasileira

Ela queria lutar na guerra
Mas não era permitido
A inscrição de mulheres
No Exército era proibido

Então se disfarçou de homem
Pegou farda e nome emprestado
E fez seu alistamento
Com a identidade de seu cunhado

Tambor Soledade, Frei Brayner
E os Encourados de Pedrão
Pedro Labatut e Corneteiro Lopes
Também merecem atenção.

Entre outros grandes nomes
Que não citei nesse poema
Mas são todos importantes
Cada um tem seu dilema



As mulheres da independência
Mostraram o seu empoderamento
Com sua força e coragem
Resistiram bem antes daquele momento

E as Caretas do Mingau
Defenderam a sua identidade
Representando o povo baiano
Em busca da liberdade

A cidade de Cachoeira
É importante para o nosso estado
Pois teve história marcante
Nas batalhas do passado

São mais de duzentos anos
De independência conquistada
E os baianos comemoram
Essa data magna e abençoada

Nosso povo é maré de sorriso
Nosso estado é um mar de alegria
Por isso sentimos orgulho
De sermos filhos da Bahia.



O Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia

Geovana Góes Sá Teles Nascimento

Senhoras e senhores,
Agora vou lhes contar.
A história do 2 de Julho
Que dá muito o que falar.
Do Sul ao Norte do país
Essas memórias vão passar.

Salvador era o centro
De toda aquela corrupção.
Madeira de Melo comandava
E pela força, tomou a nação.
Os portugueses se achavam
E a guerra se espalhava pelo sertão.

No Recôncavo se juntavam
Quase que os baianos tudo.
Em Cachoeira agradeciam
Dom Pedro 1º, um escudo.
Pois o exército se encontrava
Cada vez mais miúdo.

A primeira heroína baiana
De fato se sacrificou.
Em sua enorme coragem
O convento da Lapa se fortificou.
A força de Joana Angélica
Madeira de Melo vivificou.

A freira os enfrentava
Sem temor ou aflição.
“Respeitai a casa de Deus”
Dizia em sobreposição.
Mas com golpes de baioneta
Angélica deixou nosso sertão.

Outra heroína é Maria Quitéria,
Ô mulher retada de forte.
Os soldados que não a enfrentaram
São cheinhos de sorte.
Com sua espada avançava,
Pois já bastava de tanta morte.

Na Batalha de Pirajá
Com força, Maria lutava.
Salvador de cabo a rabo
Quitéria enfrentava.
Seu espírito de guerreira
Como soldado Medeiros se mostrava.

Labatut organizou as tropas,
A batalha ia começar.
A postos estava o exército
E o Corneteiro Lopes, a comandar.
Havia uma desvantagem
Mas nunca, nunca iam recuar.

Esse tal de Corneteiro Lopes
Foi um bichinho arretado.
A corneta chamava a tropa
Em um toque equivocado.
Até sem seguir as ordens
Deixou o seu legado.

O corneteiro a Melo dizia
“E aí, meu rei! Não vai arredar?
Já tá mais que na hora
De nossa terra tu deixar.
Porém, se não quiseses
A cavalaria vou chamar”

E olha ela aí! A Maria Felipa
Sua força ultrapassa os montes.
Juntava as guerreiras em peso
E combatiam as frentes.
Itaparica tentavam roubar
Mas Felipa encarava as serpentes.

40 guerreiras faziam história
Maria, seu lugar defendia.
“Ô seu cabrunco ardiloso
Arrede de nossa moradia
Faremos pó de seus barcos
E voltarão com correria.”

Tantos heróis e heroínas
Nossa Bahia podia contar.
Pessoas corajosas e valentes
Aos portugueses foram falar
“Cercados desse jeito
Aconselhamos a recuar.”

2 de Julho amanheceu belo
E a alegria enfim reinou.
Não havia sinal dos lusitanos
E da maldade que Melo deixou.
Agradeciam também a Dom Pedro 1º
Que a nossa Bahia tanto apoiou.





O cheiro de liberdade se espalhava

Assim como os grãos de areia.

As pessoas de alegria, vibravam

A esperança corria em cada veia.

O calor da vitória queima

E como fogo, incendeia.

“Nunca mais o despotismo

Regerá nossas nações”

Diz o hino ao 2 de Julho

Que vive em nossos corações.

Enfim esse cordel lhes contou

A história do povo valente como leões.

Do sol que é brasileiro **100**

E dos heróis das canções.

Parte II

Textos dos professores

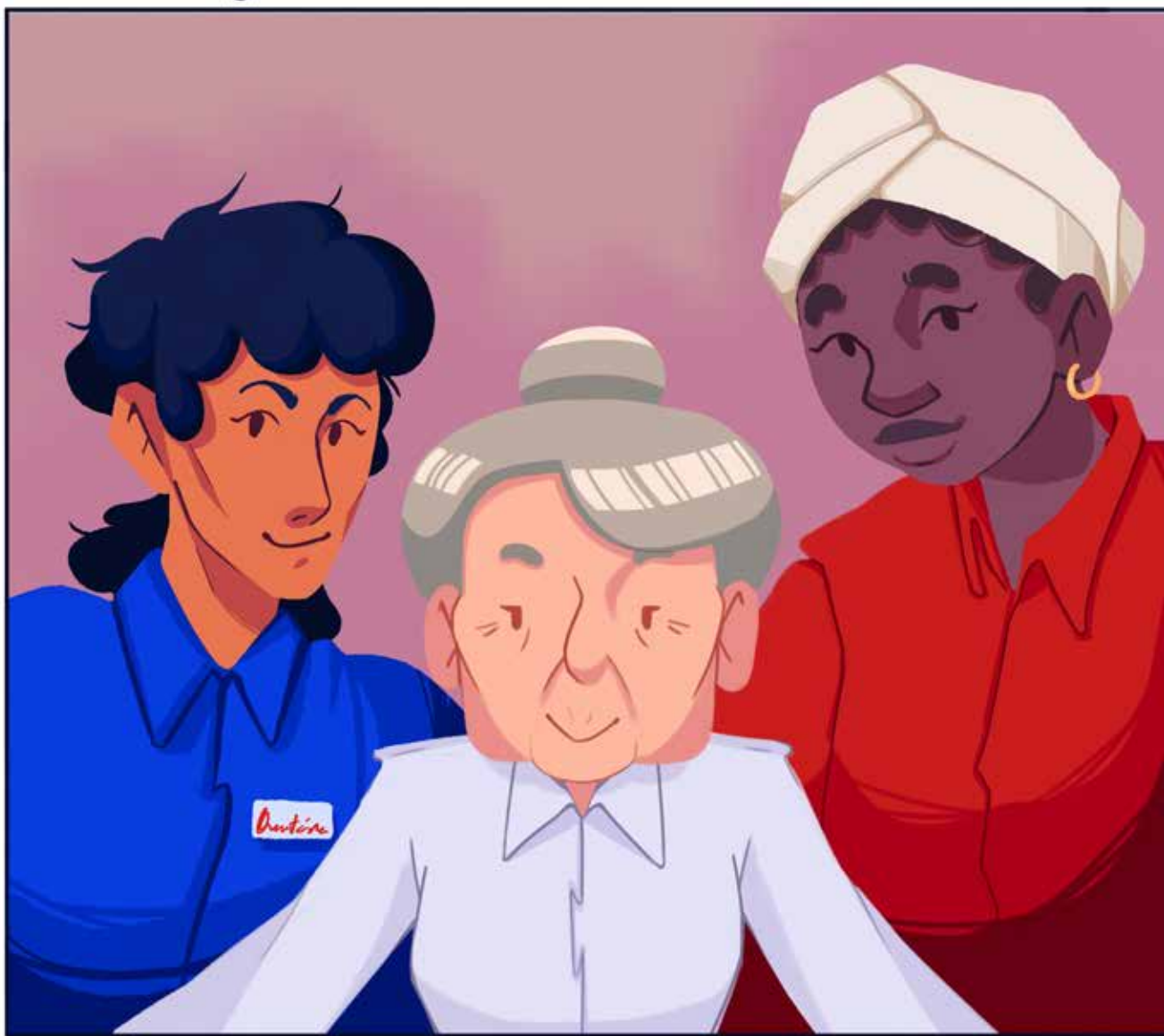




Crônica de julho

José Avelange Oliveira Mota

○ 2 de julho



103

O filho do doutor Fonseca foi à portaria da Escola do Campo Luiz Gama, no povoado Gitirana, naquela manhã de julho de 2018, porque lhe disseram que certa professora vinha fazendo política, em sala de aula. O coronelzinho afoito levou a tiracolo dois jagunços da fazenda, conhecidos por promover arruaças, pela redondeza.

— Quero falar com a professora Filipa. Ela está? indagou o Fonsequinho, ostentando falsa polidez, que mal disfarçava suas verdadeiras intenções.

— Ela está em aula, explicou o porteiro Lopes, sem dar passagem ao visitante e seu pequeno séquito, por conhecer a má fama daqueles cavalheiros todos.

— Mas, é caso de necessidade! Declarou o fazendeiro, com olhar intimidante sobre o agente de portaria e avançou junto aos jagunços para abrir, eles mesmos, o portão cerrado com cadeado posto, sem bater.

Num gesto ágil, o porteiro Lopes pressionou o cadeado e fez o assobio de atacar inimigo para o seu cão *Guará*, que sempre o acompanhava ao trabalho e ficava descansando embaixo do cajueiro grande, nas imediações, onde um ou outro vaqueiro às vezes também parava para esperar por seus companheiros, ou descansar. De pronto, o cão ver-

melho e grande riscou no terreiro da escola, latindo para expulsar a trupe ameaçadora. Um dos jagunços disparou tiros de espingarda para o ar, enquanto Fonsequinho entrava, à toda, em sua camionete estacionada logo à frente e, pondo a cabeça pela janela do veículo, xingava e ameaçava o porteiro, garantindo que “isso não fica assim!”.

A essa altura, toda a escola estava em polvorosa. As turmas se amontoavam junto à portaria para tentar decifrar o que se passava. Professores e gestores, inteirando-se de tudo, buscavam acalmar os ânimos, de forma que, em pouco tempo, os estudantes se reencontravam em suas salas e o dia letivo começou a retomar seu curso natural, com aquela tranquilidade da palma do ouricurizeiro, quando ela parece bailar levemente, ao ritmo do vento matinal.

Na biblioteca, a diretora Joana encontrou-se com Filipa para conversar sobre as circunstâncias das ameaças que a professora, de fato, vinha recebendo, da parte de pais de alunos — uma minoria de comerciantes e fazendeiros — fosse através de mensagens

digitais ou presencialmente, como registrado há pouco. As duas educadoras estavam de acordo quanto a não recuar, nenhum milímetro, no tocante à formação do pensamento crítico dos estudantes, sobretudo em relação aos retrocessos democráticos que o país veio enfrentando, nos últimos anos. Finda a conversa, a diretora se pôs de pé, junto à porta da biblioteca e qual não foi sua surpresa, ao ver Fonsequinho se acercando, depois de ter saltado o muro dos fundos da unidade escolar, com seus jagunços.

— Sei que ela está aí. Quero falar com ela!

Nesse ínterim, ouvia-se a voz vibrante da merendeira Quitéria, que entrou, ela mesma, em luta com os jagunços, junto a um corredor estreito, para impedi-los de avançar nas dependências da escola, ansiosos por reforçar as ameaças do patrão afeito à onda neofascista. Empunhando uma colher de pau, com muita coragem e presença de espírito, a mulher conseguiu que os tabaréus infames se detivessem onde estavam, esperando até que Fonsequinho conversasse, só ele, com a gestora da unidade escolar.

— Aqui, o senhor não entra! Garantiu Joana ao fazendeiro raivoso.

No interior da biblioteca, a professora Filipa estremeceu, mas, não se intimidou. Ficou de pé, olhando detidamente para o malcriado, junto à porta, enquanto ele mirava a olhos fixos a diretora, como se lhe exigisse o direito de invadir o recinto.

— Negra comunista! Não tem vergonha nessa cara, não?! Fazendo política, em vez de ensinar os meninos o português direito... a tabuada! Bradava o coronelzinho, fitando Filipa, por sobre os ombros de Joana.

No pátio e nos corredores, alunos voltaram a se agitar. Não se contendo em seu rancor, Fonsequinha avançou sobre a diretora, enquanto ela tinha o braço posto, ao longo da porta da biblioteca, sem qualquer intenção de dobrar-se à insolência daquele infeliz que, aliás, havia sido seu aluno, na infância. Ao perceber que ele adentrava mesmo o espaço, com punhos cerrados, Filipa saltou o janelão ao lado, mas, se manteve ainda ali.

— Covarda! Berrou o fazendeiro, alcançando os cabelos da professora, que logo havia se abaixado para recolher algo, no canteiro, ao pé da janela.

Joana já checava o sinal em seu telefone celular, para acionar as forças de segurança, que viriam ainda da sede municipal. Foi quando Filipa, levantando-se aos poucos e estrategicamente, esfregou folhas de urtiga no rosto do seu agressor.

— Comunista desgraçada! Gritou Fonsequinha, com a cara ardendo em brasa.

Ao perscrutar um pouco de longe que o patrão estava em apuros, os jagunços convencidos pela trabalhadora Quitéria a ficarem quietos nas imediações da cantina, comendo sobrecoxas de frango, assadas para o almoço dos alunos, quiseram ir imediatamente em socorro do chefe. Acontece que Maria, auxiliar de cozinha, logo os advertiu, enquanto mexia um panelão de mingau de tapioca a ser distribuído, em poucos minutos, para as turmas.

— Se vocês forem bulir com a professora Filipa, a gente vai atijar mingau pelando de quente em vocês!

Com força moral imperturbável, Joana havia conseguido acalmar Fonsequinha, recorrendo também à memória de quando este fora seu aluno, então um menino calado, que fazia traquinices às escondidas.

Ao escutar a velha mestra e, depois de argumentar muito mal, em defesa de suas idéias tortas e raivosas contra a professora Filipa, o fazendeiro terminou um pouco embaraçado em suas emoções, porque sua rudeza nada podia contra aquela outra mãe que seu olhar menos raso conseguiu ver, por um instante, quando a diretora procurou demonstrar-lhe a estupidez de seus entendimentos sobre educação, política e tudo. Fonsequinha tinha a face então duas vezes enrubescida. Foi então que os dois jagunços se aproximaram, contudo, muito bem advertidos pelas mulheres da cozinha e pelo porteiro Lopes. Um pouco tarde, ele descobrira a astúcia dos invasores sorrateiros e agora os acompanhava de perto, junto à pequena tropa de estudantes que tinham lhe contado o que se passava do lado de dentro, além de terem enviado mensagens a seus pais e viabilizado um post corajoso, nas redes sociais, escrito pela brilhante aluna Urânia, quanto à inadmissibilidade do que estava ocorrendo, na escola e no país. Vendo o patrão consternado, com ar abatido e sem ânimo de guerra, os jagunços chegavam a parecer vegetais plantados, junto à porta da biblioteca. Ao notar Lopes por perto, Filipa sentiu-se mais à vontade para sair em busca de outras providências, enquanto Joana administrava o acontecimento insólito. A diretora então convidou os dois homens brutos a tomarem assento à mesa, ao lado do patrão.

— Vou emprestar aos senhores esse livro sobre a Independência da Bahia, disse Joana, ao fim de longa conversa, oferecendo exemplar da valiosa publicação a cada um dos invasores, e acrescentou: Quero que o leiam inteiro e quero que voltem para conversarmos sobre o que aprenderam! Os senhores entraram aqui pela porta dos fundos, mas, prefiro que saiam dignamente, pela porta da frente.

Em pouco tempo, se aproximaram os pais de alunos Ubiratan e Raíra, a convite da direção escolar, para conduzir os invasores até a saída.

Eu vi Maria Felipa, eu a vejo todos os dias

Miriam Campos Brito Gomes

105

Mais um dia comum em uma escola normal com professores, estudantes, funcionários e pais sem muita distinção de tantos outros que existem por esse Brasil de meu Deus — opa, desde quando pessoas são comuns? Desde quando são tão facilmente comparadas se são diferentes, vindos de situações diversas e realidades tão distintas? A gente até pode achar que aquela máxima de que “só muda o endereço, mas são todas iguais” vale para todos os ambientes escolares, mas vamos pensar um pouco: é comum vermos mulheres iguaizinhas às que já pisaram nesta terra de meu Deus há 200 anos? É normal e corriqueiro em qualquer canto que olhamos ver uma Maria Quitéria ainda lutando por igualdade entre os gêneros? Isso é natural? Pode até ser, mas a que vejo aqui ao invés de arma, espada e roupa de homem, veste um legítimo vestido florido tão feminino, mas tão feminino que essa delicadeza só é quebrada pela régua gigante que carrega nas mãos, haja vista que é professora de matemática e está ensinando trigonometria, pois, já que insistem em compará-la inferiormente a outro professor do mesmo componente curricular só porque esse é homem, sua luta diária não é provar que é melhor, mas sim mostrar que ensina igual, tem formação igual ou superior e seus alunos aprendem igual ou melhor que os dele. Oh vida batalhada que é a de uma professora onde a consideram “sexo frágil”! Aonde? Justo ela que para chegar ao ambiente de trabalho pilota uma moto velha mais de 40 km todos os dias?

Que coisa, hein? Quando ela pensa nessa situação fica tão revoltada que só consegue serenar quando encontra com aquela colega que é crente e defensora de sua lei, sua doutrina, sua fé. Esta amiga tem uma conversa tão boa que a acalma, mesmo ela não comungando dos mesmos pensamentos. Lembra aquela mulher retada que morreu defendendo seu chão sagrado daqueles violentos portugueses que queriam invadi-lo. Ora, ela faz todos os dias isso e ainda tentam invadir seu coração com ideias de proibição de professar sua religião e vestir suas roupas tão peculiares a sua fé. Se dizem que uma heroína morre, estão enganados,

consigo ver Joana Angélica três vezes por semana, pois são os dias de sua aula na escola que trabalho.

Sim, depois de tantos anos de batalha silenciosa, a luta de todas as mulheres é ainda um pouco parecida; elas se assemelham a tantas que já viveram antes delas e às vezes é uma luta inglória, pois se já tivessem ganhado, não voltariam ao mesmo chão de guerra. Mas, deixem-me desviar o olhar um pouco, me chama a atenção alguém que conheço de longas datas, alguém que se parece comigo, que tem minha cor, que carrega também minhas dores e marcas na alma. Olhar dela é de quem já perdeu muito, já se gastou muito. Os arranhões das fugas por baixo das cercas da vida não são visíveis, mas conseguimos sentir por já saber de suas grandecíssimas pejeas travadas com colonizadores não mais de terras ou países, mas que são chamados traficantes que ainda aliciam soldados e o próximo pode ser um dos seus já que o lugar onde vive ainda é de mestiços, meninos também pretos que como ela não têm “eira, nem beira”. Ela também está formando um exército de esfarrapados para lutar contra o invasor que agora traveste-se de oportunidade de crescimento.

A Maria Felipa que observo daqui também não tem armas, mas ela luta com o que tem, certamente dará uma surra de cansação no opressor, só que essa planta tão perigosa agora cresce em bibliotecas, hoje é chamada de livros. Dá-lhe Maria Felipa, continue mariscando meninos perdidos e os traga para a escola. Você é de ganho, mas não é mais escrava. Seus encantamentos, mandingas e armas de sedução hoje são chamados de conhecimento, de educação. Ninguém mais te apaga, ninguém mais vai fingir que tu não existiu. Se hoje tu é conhecida como conselheira tutelar, te vemos como eu, me vejo em ti, também sou como tu, sou Maria Felipa, preta, nordestina, trabalhadora dedicada e eu também criei instrumentos de guerra, hoje os chamo de Projetos de Intervenção.

Vida longa às Marias, às Felipas, às Quitérias, às Angélicas. Vivas a mulher brasileira!



Altivez da liberdade baiana

Clezia Geane Souza Oliveira

Por volta de 1822,
pelas bandas do sertão,
a população estava aperreada,
com extrema agitação,
pelas ameaças de Portugal
em retomar nossa nação.

A população insatisfeita
com o desmando português
enfrentou com muita garra,
lutar foi o que mais fez,
perdeu muitas das batalhas,
mas não perdeu a altivez.

Antes mesmo de D. Pedro
declarar a independência,
Portugal já planejava
retomar o Brasil com prepotência,
através daquelas províncias
onde ainda tinha influência.

Na praça da Piedade,
esse povo padeceu,
mesmo com tanta sangria,
ainda não esmoreceu,
estava disposto a conquistar
o lugar que já era seu.

Enviou para a Bahia
grandes tropas para lutar,
nem ao menos imaginava
que iria encontrar
um povo bravo e determinado
à sua liberdade conquistar.

Essa não foi a única batalha
que o povo enfrentou,
fracassou em muitas delas,
mas os pontos não entregou,
para manter posse da terra
a qual sempre almejou.



Nesses conflitos incessantes,
 muita gente se esforçou,
 ganharam destaque três guerreiras,
 de quem a maioria desacreditou,
 porém cumpriram com maestria
 o propósito em que cada uma se empenhou.

Maria Quitéria, mulher guerreira,
 fez o que é raro de se encontrar,
 caracterizou-se como homem,
 para ao exército se alistar,
 deu desgosto até à família
 para pela Bahia poder lutar
 e ainda deixar como lição
 que mulher pode estar onde quiser ficar.

Maria Filipa não ficou atrás!
 Preta, pobre se destacou
 por liderar um grupo de mulheres
 que aos portugueses infernizou,
 até surra de cansação
 a bendita utilizou.

Na Ilha de Vera Cruz,
 as baianas montavam vigília
 para impedir que os portugueses
 invadissem aquela ilha,
 sendo assim muitos importantes
 nesses atos de guerrilha.

Joana Angélica, freira incomum,
 até avenida na capital baiana nomeou,
 por defender as nossas tropas
 que em seu convento resguardou.
 ela morreu para salvar
 quem pela Bahia lutou.

Depois de muita provação,
 muitos combates e sofrimento,
 2 de julho de 1823
 marcou o fim desse tormento,
 celebrando a Independência da Bahia,
 terra mãe de acalento.

A Independência do Brasil na Bahia
 enfim se concretizou,
 não foi breve nossa luta,
 mas a liberdade conquistou,
 Bicentenário da Independência da Bahia,
 2023 consagrou.

Escárnio da odisseia

Glauber Luan Lopes

Sou o escárnio dos pecados
Travados pelo romper da aurora
Carregados pelos egos inchados
Dos 200 anos de história

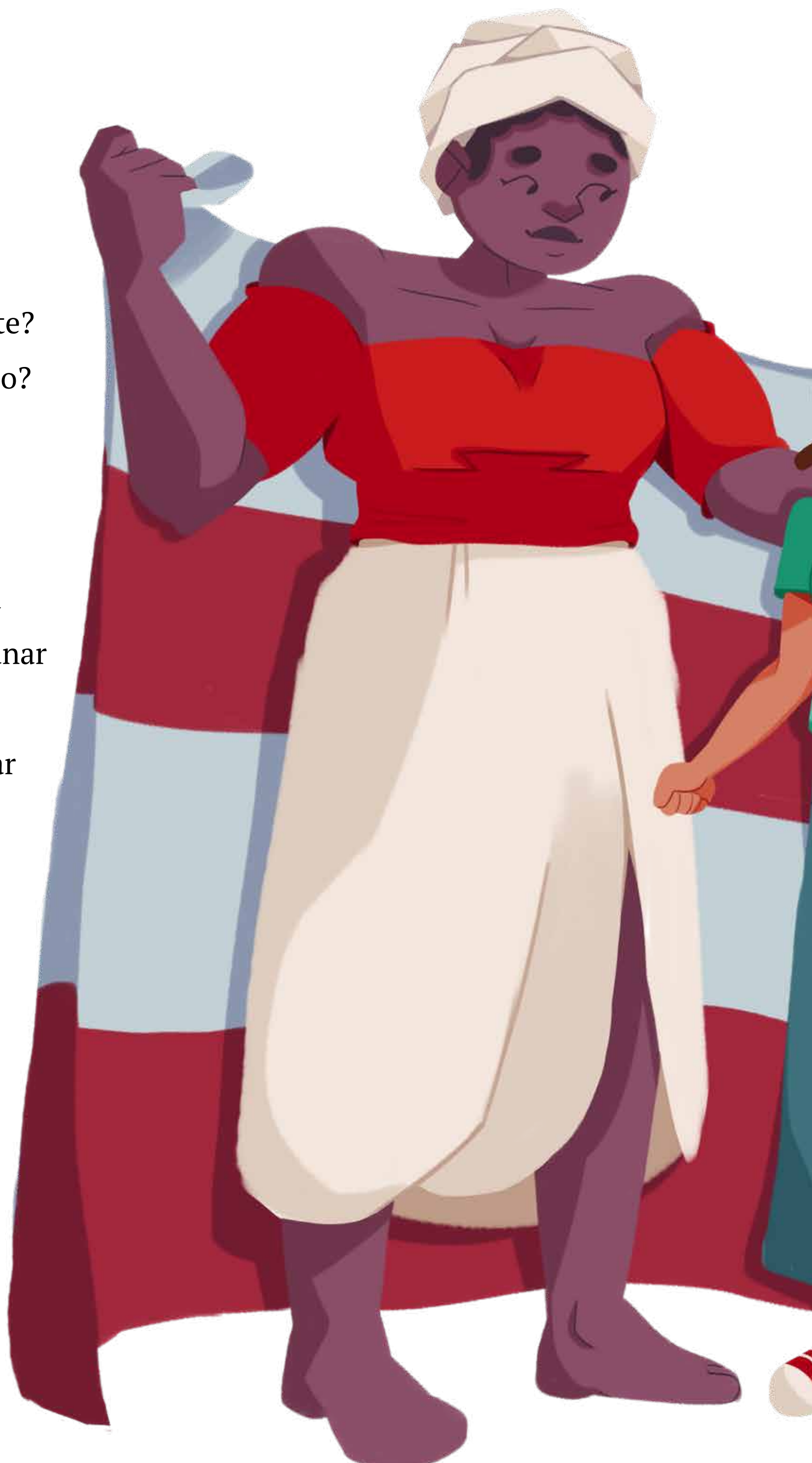
Será que sou de fato independente?
Será que temos realmente a noção?
Será que vendo tu és crente?
Mas por que tanta ingratidão?

Eu luto pela bandeira de Quitéria
Para nunca mais ser preciso enganar
Não necessito me vestir homem
Para os meus problemas enfrentar

Sou “soldada” e não soldado!
Sou cadete e não medeiros!
Sou mulher, sou arretada!
O meu povo vem primeiro!

Vai à rua e caia fora
Abra a porta sem demora
Vai-te reto com a tropa
Mas não leve minhas memórias!

Minha história me mudou
Mas deixei o meu legado
Carregaram o meu suspiro
E fiquei no anonimato





Na mente dos que não persistem
No peito de quem não vai à luta
Nos lábios dos milicianos
Na carne que é sempre dura

Afinal somos tantas
Marias Afinal somos tantas histórias
Marcadas pelo tempo
Mas com a mesma trajetória

Nossa missão foi liderar
Mesmo em meio à exclusão
Mesmo com o preto sendo negro
Mesmo em meio à escravidão

Fui retratada em Ubaldo
Em crônica e poesia
Não somos muitas Felipas
Mas somos muitas Marias

Por isso ecoamos alto:
Para atrás seus bandidos!
Respeitem meu santuário
A casa do nosso Cristo!

Essa é a nossa lida
A vida com muita bravura
De guerreiras e mártir da fé
Que lutaram com postura

Esperamos que todos os dias
Possamos ser independentes
Que 200 não seja um número
E que memórias estejam presentes!

Heroínas da nossa motivação

Iracema Souza de Oliveira



Início este cordel, com muita satisfação
Em lhes contar a história das heroínas do sertão
Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa
As guerreiras que orgulham essa nação.

Em terras baianas, dentre as grandes batalhas que ocorreu
O fim do domínio português, foram as maravilhas dos feitos seus
Que com audácia e muita determinação
Essas guerreiras baianas libertaram o nosso sertão.

Maria Quitéria com sua bravura e resiliência
Vestiu-se de homem, para conquistar a nossa independência
Comandou tropas e lutou sem temor
Debaixo de chuva e sol para mostrar o seu valor

Joana Angélica que teve em Deus sua fortaleza
Movida pela fé, nem se importou com a sua pureza
E no convento da Lapa quando enfrentou a invasão
Sem temor sacrificou-se, pela pátria com muita devoção.

Maria Felipa que na ilha de Itaparica nasceu
Negra arretada e destemida, defendeu os filhos teus
Contra a invasão portuguesa nas águas da baía de Todos os Santos ela guerreou
E até surra de cansação esses portugueses levou

E, por fim os portugueses, tiveram que recuar
E aqui nas nossas terras, não puderam mais governar
Com bravura e resiliência as nossas guerreiras se dispuseram a lutar
E libertaram a nossa terra do domínio português que nunca mais irá voltar.



Cordel do Bicentenário: heroínas da Independência

Jairo de Jesus Souza

Introdução

No belo Nordeste brasileiro,
Na Bahia encantada e quente,
Uma guerra levou muita gente
A lutar por sua nação.
A liberdade e a paz almejada,
Nessa data hoje é celebrada:
2 de Julho de glória e emoção,

Heroínas da independência
Demonstraram bravura e ardor,
Com estratégias, com fé e amor,
Relutaram contra a opressão.
Joana Angélica, Felipa e Quitéria,
Compreendendo o teor da “matéria”,
Resistiram à colonização.

No século dezenove o Brasil
Curvava-se ao poder lusitano.
Desse modo, o povo baiano,
Fatalmente, ao luso servia.
Mas, a chama da insurreição,
Que queimava por libertação
Aumentava ao calor da Bahia.

Maria Felipa: guerreira da Bahia

Jamais será esquecida
A coragem exemplar
De mulheres e destemidas
Que decidiram lutar
Pra libertar o Brasil,
O nosso povo gentil,
Do opressor secular.

Já começo por falar
De uma grande guerreira
Chamada Maria Felipa,
Mulher preta, marisqueira;
Vestia saia rodada,
Lutava até desarmada,
Pois sabia capoeira.

Maria Felipa de Oliveira
Nasceu em 63,
No Brasil, século dezoito,
Sob o domínio português,
Mas, no século posterior
Mostrou seu nobre valor,
Grande proeza ela fez.

Reuniu de uma vez
Na ilha onde morava
Uma tropa de mulheres
Que contra Portugal lutava.
Em Itaparica – Bahia,
O bando chamado “As Marias”
Felipa era quem liderava.

Ela não se acanhava
Nem temia truculência,
Na ilha de Itaparica
Ofereceu resistência,
Pôs fogo em barcos de guerra
Para defender sua terra
Na luta pela independência.

Quem só via aparência,
Nela não acreditava,
Pois, preto, mulher e pobre,
A elite destratava.
Mas, na alma da Bahia,
Maria Felipa ascendia:
Mulher, preta, forte e brava

Felipa não aceitava
Tal política social
De total submissão
Ao reino de Portugal.
Lutou pelo que queria,
Fez declinar na Bahia
O domínio colonial.

Maria Felipa, afinal,
É heroína “Ora, pois!”
Pois, “quem sabe faz a hora.”
Não espera pra depois.
Quem quiser negar, que prove.
Foi no século dezenove
O ano era vinte e dois.

Joana Angélica:

a freira da Independência da Bahia

No convento da Lapa,
Em Salvador, na Bahia,
Lutou com fé e ousadia,
Joana Angélica a freira.
Foi no século dezenove,
Que pela independência
Mostrou toda resistência,
A nossa nobre guerreira.

Com fé e muita coragem,
Na entrada do convento
Ela fez um juramento,
“Nunca irei me entregar!”
Mas a tropa portuguesa
Veio sem temor algum,
Pois o seu plano era um:
Todo o Brasil dominar

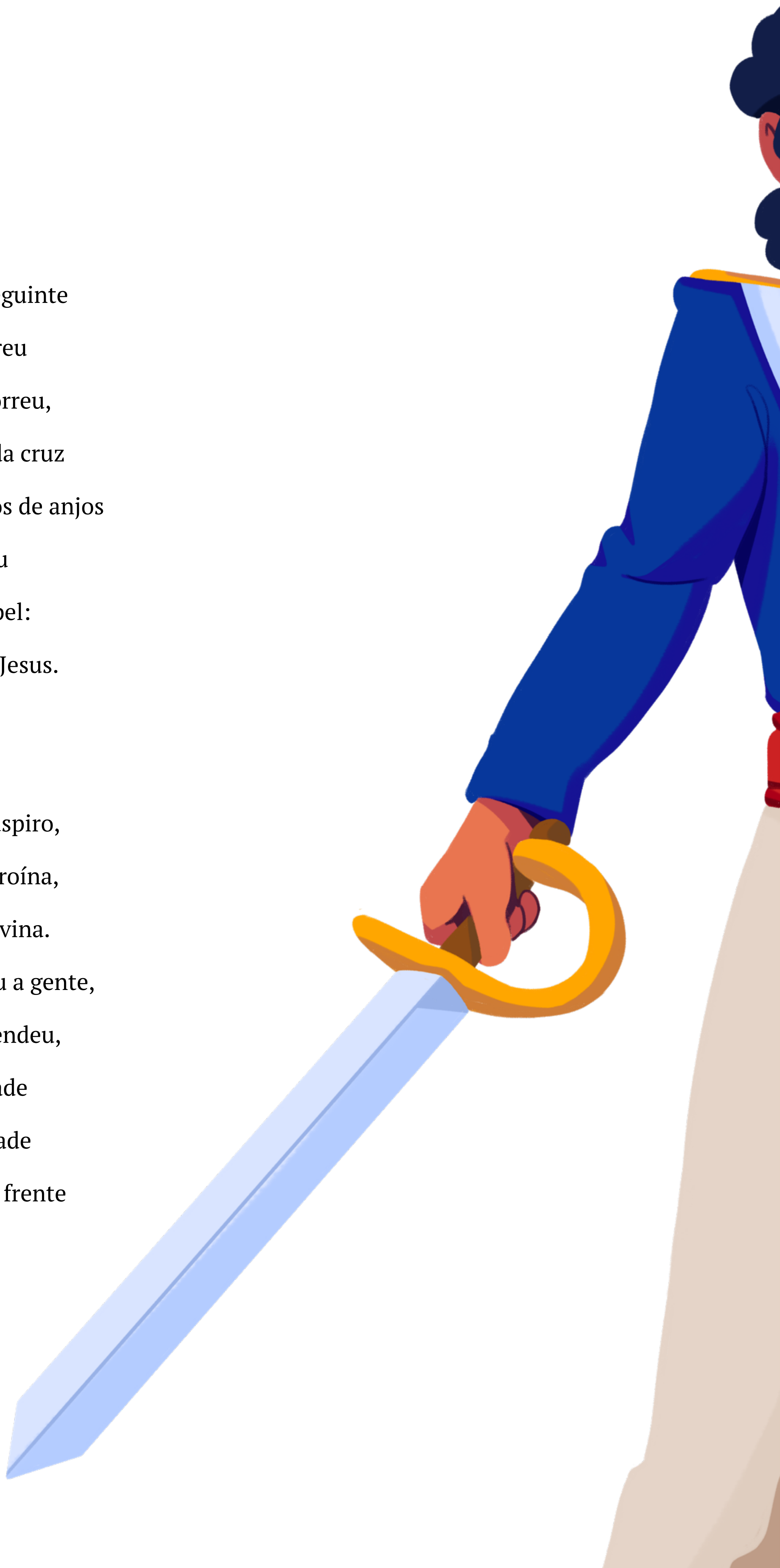
Veio a tropa portuguesa,
Com muita fúria e afronta
Pensando que estava pronta,
Para demonstrar poder
Pois queriam dominar
Toda terra brasileira,
Foi aí que a santa freira,
Pôs-se a nos defender

Joana Angélica foi ferida,
Tamanha foi sua dor,
Porém, contra o invasor
Ainda mostrou resistência
Não entregou o convento,
Não cedeu ao vil terror
Pois com fé e destemor,
Só queria independência

Contudo, no dia seguinte
Ao ataque que sofreu
Joana Angélica morreu,
Sucumbiu diante da cruz
Por certo em braços de anjos
Foi recebida no céu
Pelo seu nobre papel:
Joana Angélica de Jesus.

119

Com seu último suspiro,
Tornou-se uma heroína,
Senhora, Santa, Divina.
Sua morte inspirou a gente,
Joana Angélica acendeu,
No coração da cidade
A chama da liberdade
Mais forte dali pra frente





Em 1823,
Dia 2 do mês de julho
A Bahia, com orgulho
Afinal se libertou
A guerrilha portuguesa
Foi expulsa da cidade
O grito de liberdade
Do Brasil se aproximou

120

Assim, a luta da freira
Destemida e valente,
Fica gravada na mente,
Na história e no papel.
Se a igreja canonizar
Joana Angélica merece.
Honras em forma de prece
Desse singelo cordel

Maria Quitéria: a guerreira da Independência

Maria Quitéria valente e destemida,
Ecoou com vida seu nome na Bahia.
Em tempos de lutas pela independência
Com resiliência uma heroína surgia.

Com espada e farda, destemida a lutar,
Maria fez seu lugar na batalha intensa.
Pela independência tornou-se guerreira,
Brilhou na trincheira a sua presença

121

Nascida em Feira, destemida sertaneja,
Sua história veja com inteligência.
Vestiu-se de homem, no exército entrou,
Com coragem lutou pela independência.

Maria Quitéria, mulher de valor,
Sem nenhum temor, à pátria serviu
Seu grande exemplo inspirou a nação,
Com força e ação em prol do Brasil

Nos campos de batalha Quitéria ingressou,
Ao Brasil ajudou com força e armada.
Nas fileiras do exército ninguém sabia
Que ali combatia uma mulher disfarçada

Sua luta nos enche de orgulho e glória,
Símbolo da história: “Honra é coisa séria!”
Uma heroína que o Brasil não esquece.
A pátria engrandece Maria Quitéria.

Conclusão

No enredo da independência,
2 de Julho hoje dia de glória,
Uma data marcada na história
De um povo herói que surgiu.
E o sol que nasceu nesse dia,
Liberdade, amor e alegria
Espalhou sobre todo Brasil.

No bicentenário desse feito
Lembramos com admiração
De mulheres que, com fé e ação
Tornam-se heroínas na história.
Na Bahia a terra do encanto,
Liberdade hoje estende seu manto,
Corações enchem-se de memória.

Três mulheres hoje são lembradas:
Maria Quitéria de Jesus,
Joana Angélica de Jesus
E Maria Felipa de Oliveira.
Por seus feitos de amor e bravura.
Seus nomes simbolizam a ternura
E o poder da mulher brasileira

Muita gente envolveu-se na luta,
Que nos trouxe a independência.
A Bahia, berço de resistência,
Comemora hoje o bicentenário.
Dois de Julho é o dia da gente,
Nesse dia o sol nasce mais quente
E a justiça faz aniversário.

Memórias da Independência

Barbara Gabriele Lopes dos Santos Braga

Nos velhos ventos que assobiam ao longe
Ouço vozes de um passado que me inspira
Contam-me histórias célebres de outrora
Que ecoam na memória de toda a Bahia
Os feitos heroicos de três mulheres
De bravuras indômitas e destemidas
Que lançaram-se sobre a morte certa
Defendendo seus ideais de vida.

Uma tríade inigualável
Às vezes, desacreditadas
Por serem mulheres; santa, guerreira e negra
Travando uma árdua batalha
Enfrentando homens, família e preconceito
Rumo à liberdade sonhada
Pondo à prova uma sociedade
Acostumada à existência de mulheres caladas.

Com sua fé inabalável
Joana Angélica relutou
De pé ante os seus inimigos
Mesmo frágil batalhou
Pois acreditava que o temor da morte
Não poderia lhe impedir
De ajudar seus semelhantes
Na guerra que estava por vir.

Maria Quitéria por sua vez
Cansou-se de esperar
Que seu pai compreendesse





Que em casa não era seu lugar
Fugindo, alistou-se como um homem para lutar
As batalhas por independência
Provando seu imenso valor
Como soldado de grande coragem, muitas vitórias ela alcançou.

Maria Felipa astuta e sagaz
Seus feitos jamais serão esquecidos
Ainda que tentem apagar teu nome
Sabemos que fostes, uma mulher sem igual
De força, perseverança e garra
Que pela Bahia e o Brasil pelejou
Que apesar de toda a violência sofrida
Com a liberdade nos presenteou.

124

Lendas, vultos, folclore
A verdade que não se pode refutar
A tríade da independência ainda vive
Em cada brasileiro que resiste
Às segregações, opressão e violência
E o Brasil que respira aliviado
Deve em sua consciência
Essa memória preservar.

Pois, se já não somos mais oprimidos
Ainda que tenhamos dores diárias
Nada segura ou impede o grito de liberdade que há em nós
Com luta, obstinação e inteligência
Conquistamos a tão sonhada independência
Quando a Bahia ao Dois de Julho despontou
Angélica, Quitéria e Felipa
Seus nomes a história consagrou.

Marcas, identidade e território

Erivan Augusto Santana

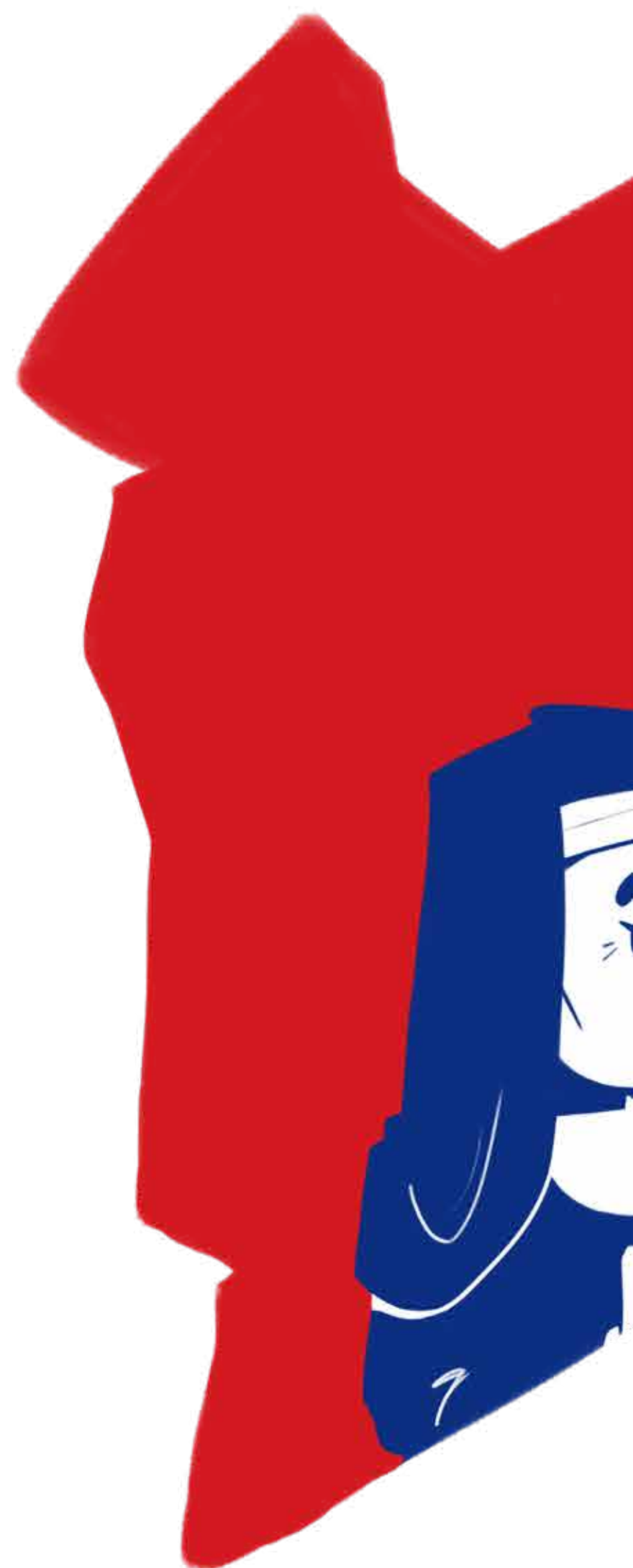
Ó Bahia, o que devemos fazer
Para sermos dignos de ti?
Nos deste este chão, este céu, este mar
Aqui, nascemos e recebemos em
Essência, a marca da nossa identidade

125

Aqui, aprendemos a cada dia, a sermos livres
Terra de mártires nobres e virtuosas:
Maria Felipa escreveu com a sua vida
Mostrando a grandeza da nossa ancestralidade

Joana Angélica e Maria Quitéria empunharam
A bandeira da coragem, do heroísmo e da liberdade
Forjando o caminho da independência sempre
Em construção: corpo, alma e território

Marcas que nos sustentam, origens que nos libertam:
Bahia de todos nós, aqui nasceu o Brasil!





Uma garota chamada Quitéria: uma jornada de coragem e resistência

Elias Santana Maia

Não há como não se impressionar com a incrível coragem dessa garota chamada Quitéria. Desde cedo, ela carrega em sua pele a herança de lutas e resistência, tendo percebido que a sociedade não tolera aqueles que desafiam as normas ou ousam pensar de maneira diferente, especialmente quando se é uma menina preta, nascida na periferia de Irecê. Mesmo diante de todas as adversidades, enfrentando resistência da família e da sociedade, a jovem Quitéria sempre se esforçou para defender suas ideias e lutar pelas causas dos injustiçados, mesmo com a oposição de sua mãe.

Até completar seus 13 anos, Quitéria não entendia bem o significado por trás de seu nome. Pouco importava se ela fosse chamada de Maria, Joana ou Felipa. Desde tenra idade, ela desafiava sua mãe nas tarefas domésticas. Enquanto sua mãe a sobrecarregava com afazeres como lavar pratos e cuidar das roupas da família, seus dois irmãos tinham o privilégio de ajudar o pai no mercado da família, reivindicando o sofá e a televisão como suas propriedades. O controle remoto, em especial nos dias de jogo do Bahia, era uma prerrogativa dos homens da casa.

Em meio a uma família majoritariamente masculina, ser uma garota naquela casa era uma prova diária de resistência e perseverança. A escolha das roupas para festas de rua ou eventos religiosos não estava nas mãos dela, mas sim submetida à aprovação paterna. Essa dinâmica se estendia aos irmãos e, naquela casa, as mulheres eram destituídas de voz. No entanto, Quitéria não se contentava com essas regras. Embora rotulada como rebelde e atrevida desde muito jovem, ela nunca silenciou, ciente de que viver como mulher negra em uma sociedade machista e racista impunha um fardo que parecia exceder sua capacidade. Ela enfrentava os insultos dos irmãos e a opressão do pai enquanto defendia seu direito de ser mulher. Quantas vezes ela não se pegou desejando ter nascido homem, olhando para um arco-íris e esperando que as histórias fossem verdadeiras, que passar por debaixo dele a transformasse instantaneamente em um homem? Assim também pensava a Maria Quitéria lá das Itapororo-

cas, que confessou à irmã que desejava ser homem para se juntar aos combatentes, após ouvir a conversa do seu pai ao se recusar a doar um dos escravos ao Exército para defender a Bahia da tirania portuguesa.

Conforme a Quitéria do sertão das Caraíbas se tornava mais consciente de sua não aceitação dos valores patriarcais de sua família e do destino predefinido para as garotas, ela não imaginava quantas surras e castigos estavam reservados para ela. Não podia brincar de bola na rua como seus irmãos, nem sequer andar acompanhada por um garoto que não fosse da família. A vigilância era sufocante, e embora possa parecer para os desavisados que essas restrições eram apenas precauções para proteger a única filha da casa, quanto mais Quitéria se submetesse às regras patriarcais, mais certo seria seu futuro ao lado de um marido, continuando a perpetuar os princípios daquela família.

Quando ela expressou seu desejo de se tornar policial ou jogadora de futebol para sua mãe, quase foi tragada por um furacão de resistência. Sua mãe implorou para que ela não abrisse a boca para falar com seus irmãos, muito menos com o pai. Mas Quitéria não se deixava podar por atitudes familiares que sufocassem seus sonhos e seu desejo de liberdade. Com uma determinação irracional, ela desafiava a família, buscando imprimir sua própria personalidade. Ignorando as recomendações maternas, ela se dirigiu a seu pai, com um desejo ainda incerto de se tornar jogadora ou policial. Para o pai, uma figura um tanto castradora e inflexível, essas conversas soavam como provocações e insultos.

Mesmo com dois séculos de distância, a realidade da Quitéria ireceense parece não estar tão distante da garota nascida em São José das Itaporocas, Maria Quitéria/Soldado Medeiros, filha do lavrador Gonçalo Alves e Quitéria Maria de Jesus. Essa heroína da independência, mesmo com seu pai se opondo a sua ida ao campo de batalha para expulsar os portugueses do Recôncavo baiano, a Quitéria heroína, em vida, não foi celebrada nem mesmo nas celebrações do 2 de Julho; somente após um século foi reconhecida como heroína e até tema de enredos

de dezenas de escolas de samba do carnaval carioca desde a década de 1960, homenageada até mesmo pelo governo Vargas. A jovem negra de Irecê, de cabelos trançados, personifica identidade e resistência. Ela não precisou alisar seu cabelo conforme desejava sua mãe, tampouco precisou cortá-lo para jogar bola como os garotos ou adotar uma identidade masculina. No entanto, ela sente na pele a constrição de seus sonhos impostos pela família. Suas lágrimas molham seu minúsculo quarto sempre que é forçada a abandonar o campo de futebol porque seus irmãos a denunciaram ao pai. Sob gritos e puxões de orelha, ela é arrastada para casa, deixando um jogo inacabado para ajudar a mãe a terminar o almoço.

Os conflitos que permeiam sua família são uma constante. Quitéria recusa-se a aceitar o destino que a sociedade e sua família impõem a ela. Por que não poderia jogar futebol, alistar-se no Exército ou ingressar na Polícia? Por que uma garota não poderia fazer coisas que, equivocadamente, são consideradas “coisas de homem”? Quitéria está decidida a romper com os dogmas familiares e a desafiar os estereótipos sociais. Ela busca secretamente compreender a realidade das mulheres em campos predominantemente masculinos. Nas noites silenciosas de seu quarto ou quando encontra acesso à internet na praça da prefeitura ou na escola, ela lê sobre as mulheres que lutaram por espaço na sociedade, por liberdade. Ela se inspira nas mulheres baianas, como Felipa, e muitas outras figuras que, apesar de não terem sido reconhecidas como heroínas ou imortalizadas em estátuas, são exemplos para inúmeras jovens negras das periferias da Bahia. Essas heroínas, mesmo em tempos passados, romperam com os padrões estabelecidos, desafiaram o sistema patriarcal e machista e gravaram seus nomes na história. A Quitéria do subúrbio de Irecê não almeja ser uma heroína ou uma militante; ela deseja apenas fazer escolhas e encontrar a felicidade.

Como garota periférica, Quitéria não se vê representada em muitos setores da sociedade baiana. Ela se sente deslocada em muitos contextos sociais, mas essa falta de representação não a impede de so-

nhar por uma sociedade com equidade. Ela entende que o caminho não será fácil. Além de enfrentar a falta de apoio familiar, ela precisa enfrentar os comentários dos amigos e das pessoas da vizinhança. Quitéria sempre foi vista como a esquisita do bairro, a diferente da escola, a garota com gostos peculiares. Ainda que enfrentando oposições de diversos setores e até mesmo de seu pai e irmão, mesmo se tivesse o apoio da mãe, sua vida talvez não fosse mais fácil. O lugar que ela esperava encontrar consolo e força, de forma ilusória, era o mesmo lugar de maiores críticas e oposições a suas escolhas.

Quitéria nunca teve a intenção de romper completamente com sua família. Ela almejava uma sociedade onde homens e mulheres pudessem ocupar os mesmos espaços, independentemente de ser na polícia, no esporte ou em qualquer outro campo. Ela percebe que outras garotas enfrentam oposições semelhantes. Um exemplo é Joana, uma jovem de 15 anos, de Morro do Chapéu, pertencente a uma família cigana. Ela teve que fugir de casa para trabalhar para outra família a fim de poder estudar. Seus pais não apoiavam sua educação, uma vez que ela já tinha um noivo, consideravelmente mais velho, de família respeitável e pronto para levá-la ao altar.

Entre as jovens que decidiram romper com esses valores conservadores, muitas Quitérias existem nos diversos bairros da capital baiana e no interior do estado. Muitas garotas, apesar de seus sonhos e objetivos, têm suas vidas interrompidas pelo conservadorismo arraigado de pais que invocam tradições obsoletas, limitando a liberdade e as aspirações das meninas, como fez a família de Quitéria e tantas outras. No entanto, a garota do subúrbio de Irecê não seguiu esse caminho. Nem surras nem ameaças foram capazes de extinguir seus sonhos ou adormecer suas aspirações, algo que até mesmo sua mãe tentou fazer.

Desafiando a família e os irmãos, a jovem Quitéria manteve-se fiel aos seus sonhos de se tornar jogadora de futebol ou seguir a carreira militar. Mesmo que optasse por não seguir essa carreira esportiva, ou se afastar da polícia militar, ela jamais abriria



mão de seu direito de escolha. Ela almejava ser dona de si mesma, ter o poder de escolher e ser responsável por seu próprio destino. Ela acreditava que não havia mal nenhum nisso.

Ao longo de sua jornada, ela enfrentou inúmeros obstáculos. Sua conexão com a internet foi cortada por semanas, meses. Seus livros foram jogados no lixo, seus cadernos rasgados. Ainda assim, ela nunca desistiu de seu desejo de estudar, de lutar por aqui-

lo que desejava. Diferentemente de muitas, ela não precisou mudar seu nome, adotar roupas masculinas para jogar futebol, nem teve que adotar características masculinas para ganhar o respeito dos garotos. Foi sua habilidade, sua persistência e sua determinação que convenceram seus pais de que para uma jovem negra e periférica, nada é inatingível. Ela compreendia a dificuldade da jornada. Sabia que não seria fácil, não apenas para ela, mas também para



outras jovens como as Marias e Felipas da Bahia. No entanto, ela se recusava a permitir que escolhessem por ela. Seu caminho foi moldado por suas próprias decisões. A história de Quitéria, essa jovem do subúrbio, é uma prova viva de como a determinação, a coragem e a busca por igualdade podem transformar vidas. Através das páginas de sua jornada, vemos a importância de desafiar as normas e enfrentar adversidades em nome de uma vida autêntica e repleta

de escolhas. Ela nos ensina que, apesar das dificuldades, é possível construir um legado significativo através da resiliência e da luta por justiça, igualdade e liberdade.

Três mulheres guerreiras e um povo livre: 200 anos da Independência da Bahia

Paulo Nascimento Silva

Nesta data tão sublime
2 de Julho é o dia
Da nossa independência
Da amada terra Bahia.

As lutas foram intensas
Há 200 anos atrás
Claro, tudo valeu a pena
Domínio de Portugal, jamais.

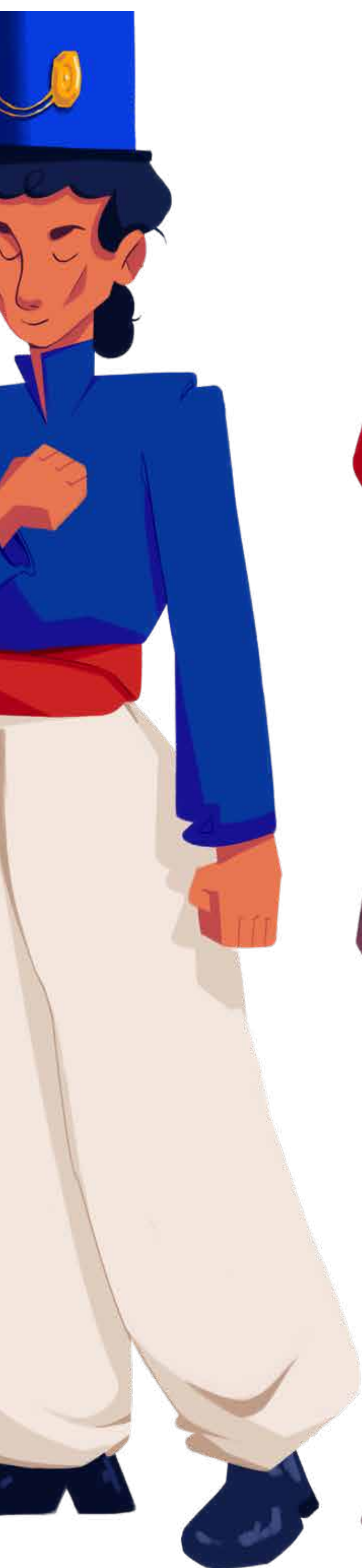
A partir da histórica data
Deu-se um basta na miséria
Com a valentia da mulher
Chamada Maria Quitéria.

A fé é tão importante
Para se vencer o mal
Assim, Joana Angélica
A mártir assassinada
Lutou até o final.

Três mulheres três guerreiras
E os soldados também
Maria Felipa foi forte
Lutando com muito porte.

Para a nossa alegria
Neste ano vigente
Contentes comemoramos
A Independência da Bahia.





Independência da Bahia

Kátia Maria Silva Lisboa

Amigos por favor!

Prestem atenção!

Nos versos a seguir

Tem história de montão

De gente que lutou

Por emancipação

Com as navegações

A África chegou

E explorações iniciou

Como consequência

A escravidão estimulou

E diáspora africana

Rapidamente começou

Vamos devagar

Sem nos apressar

Pois antes dessa história

Há outras pra contar

Nesses versos populares

Historiografia

Vamos relembrar

Bartolomeu Dias, o navegador

A Boa Esperança contornou

A Vasco da Gama preparou

E a Cabral acompanhou

Quando o Brasil achou

No povoamento

Nativos escravizou

Através das navegações

Um continente surgiu

Pós Cristóvão Colombo

A América descobriu

Diante da exploração

E choque de civilização

O nativo sumiu

Com as invasões

A ocupação iniciou

Por séculos o Brasil dominou

Continuamente explorou

Com a escravidão

Os recursos efetivou

E rebeliões abafou

A baía de Todos os Santos
Nesse contexto surgiu
Dando nome ao estado
Mais antigo do Brasil
Onde o governador
Na época administrou
A colônia Brasil

Agora, preste atenção!
No que vou te dizer!
O estado em questão
Prestígio escolheu ter
Mesmo antes de nascer
Teve produção, extração
De pau-brasil e algodão.

A Revolução do Porto
Repercussão causou
E D. João VI
Sem opção ficou
E a Portugal retornou
Seu filho em seu lugar ficou
E o Brasil libertou

No dia do fico
Uma história começou
O príncipe regente
Tornou-se imperador
E as novas terras
Uma nação formou
Onde o multiculturalismo

Marcas deixou
Após a declaração
Portugal determinou
Madeira Melo a liderar
As tropas pra guerrear
Com essa decisão
Conflitos passou a formar
Com vários em Pirajá

Os conflitos em curso
Movimentos formou
Na cidade de Pedrão
Um grupo se destacou
Que de vaqueiros participou
Do grupo libertador
Que o frei recrutou

Um castelo medieval

Na Bahia existiu

Próximo ao mar

Um forte construiu

Como local tático

Na guerra serviu

Na luta pelo Brasil

Em Cachoeira

A praça Aclamação

Campo de guerra virou

Com bombardeio e canhão

No rio Paraguaçu Tambor Soledade

Junto a população

Virou um grandioso chefão

Nesses versos curtos

Tenho muito a falar

Na busca por liberdade

A resistência foi popular

Unindo-se as raças

Fez a invasão terminar

Para a paz retornar





Com as dificuldades
Causadas pela invasão
Pierre põe-se a formar
Um grande pelotão,
Trocando a liberdade
Pela participação
Buscou negociação

O general tentou convencer
Os donos de escravos
Que inserções queriam ter
E em troca o senhor
Uma doação fazer
O escravo ceder
E a liberdade ter

Conseguindo o objetivo
Labatut formou
O batalhão Periquito
Que prontamente expulsou
Invasores de Salvador
Corpos no chão ficaram
Impossível não sentir dor

Não posso terminar
Esses versos
Sem elas exaltar
Maria Quitéria, Felipa
Decidiram lutar
E Joana Angélica
Mártir virar

O que falar da mulher
Que pelo Brasil lutou
Se vestiu de cadete
E se voluntariou
No uso com armas
Conhecimento demonstrou
Da guerra participou

Na região da Lapa
A guerra se acirrou
Resistentes amigos
No convento entraram
Inimigos ao descobrir
Invadiu o local
Para os ferir

No Recôncavo baiano
Uma negra existiu
Na ilha de Itaparica
As vedetas instituiu
Um foco de resistência
Que prontamente
Expulsou o invasor

Com satisfação v
Escrevo essas linhas
Deixo meu obrigado
Aos heróis e heroínas
Que na dificuldade
Buscaram igualdade,
Liberdade e fraternidade

No bicentenário
Não devemos esquecer
Que faz duzentos anos
Que nativos e africanos
Lutaram para a paz restabelecer
Mas, o etnocentrismo
Não deixou, reconhecimento ter

Termino essas linhas
Exaltando meus irmãos
Africanos e indígenas
Que lutaram pela separação
Procurando a liberdade
E pôr fim a exploração
Em nossa região

Asè Dois de Julho! Asè Bahia!

Sérgio Santos Ribeiro

139





Nestes esguelhos traçados versos,
neste soslaio pueril dia,
Asè Dois de Julho! Asè Bahia.
Aboar a província no ludo,
raios de liberdade advir,
esgueirando opressão por aqui.
Agora em todo canto e beira,
ecoam ventos livres de recôncavos,
barulhos de Cachoeira.
OuvIU-se pugna desigual,
chão vermelhado, espelhando céu azul,
bordunas de mestiços índios,
bravuras indígena Paraguaçu.
Nunca mais o despotismo afronte,
nem governos ergástulos turvos,
liberdade já iluminou o Brasil no horizonte.
Nestes esguelhos traçados versos,
neste soslaio pueril dia,
Asè Dois de Julho! Asè Bahia.
Agora são mais outras guerras por aqui,
outros tiranos, outros vis planos,
novas quimeras, velhos sonhos...
Nunca mais o pesadelo
voltará ao nosso sono,
tampouco adormeceremos cativos,
escravos pelas cabeças,

Nestes esguelhos traçados versos,
condenados pelos umbigos.
neste soslaio pueril dia,
Asè Dois de Julho! Asè Bahia.
Reivindicamos mais outras liberdades agora...
Ecoaremos gritos por igualdade negado outrora:
pelo direito de respirar mesmo com joelho sobre
jugular, nos atabaques dos terreiros,
nos versos de Castro Alves,
nos diplomas das faculdades.
Quantas cores tem a Liberdade?
Quantas dores cabem num “não”
Com tiranos não combina
um baiano coração...
Que novas Marias Felipas
renasçam na força do braço
de toda negra mulher como itaparicas.
Que os santos da Lapa a Nazaré,
ergam escudos em romaria,
protejam as Joanas Angélicas das Mourarias.
Que a bravura indômita de Quitéria,
seja lampião como inspiração,
ascenda exemplo e ilumine todo coração.
Nestes esguelhos traçados versos,
neste soslaio pueril dia,
Asè Dois de Julho! Asè Bahia.

Uma paixão nordestina: amor à luz das Três Marias

Elton Lopes de Souza

Ao fundo se ouve a Canção da Catingueira, composição do mestre cancionista Elomar Figueira.

A praça está cheia de pessoas, animada e colorida. Severino, um jovem simpático e apaixonado, encontra-se ansioso à espera de Lindaura. Ela chega acompanhada de algumas amigas e encontra o jovem franzino rapaz.

Essa é mais uma já conhecida e encantadora saga do amor “matuto”, genuíno e puro entre um jovem honesto, humilde e sonhador e um mocinha encantadora filha de um rico e truculento coronel do agreste nordestino. Em tempos sabe-se lá quando, em território ali pelas bandas áridas de nosso imenso e ermo “sertãozão” de meu Deus, se passa essa linda história de amor e busca.

Um filho da terra seca tenta provar a sua bravura e conquistar o doce amor de sua vida Lindaura...

Severino nervoso, exclama para sua prometida: — *Lindaura, minha amada, como é bom te ver! Ela, Lindaura, muito tímida, responde: — Severino, você sabe que não podemos ficar juntos. Meu pai, o coronel Tibúrcio, não aprova nosso amor.*

Severino, com um ar de determinação, interpela: — *Mas nosso amor é verdadeiro, Lindaura. Eu lutarei por você, enfrentarei qualquer obstáculo. A jovem Lindaura, preocupada diz: — Eu também te amo, o meu coração é só seu Severino, mas tenho medo do que meu pai possa fazer se descobrir.* — *Não tema, meu amor. Eu farei de tudo para te assumir e ganhar a aprovação do seu pai. Mesmo que para isso eu me “arregace” todo lutando com umas dez jaguatiricas, umas vinte cobras jararaca, diz o jovem apaixonado Severino. Então, os dois passam momentos juntos e logo se despedem e seguem para suas casas.*

No outro dia em sua casa o jovem Severino pensativo, começa a escrever uma carta de amor para Lindaura. E seus pensamentos eram tão fortes que se ouvia de longe: “Minha doce Lindaura, desde o momento em que nossos olhares se cruzaram, meu coração foi tomado por um amor tão intenso que não encontro palavras para descrever. Mas temo que a força do amor que nos une não seja

suficiente para enfrentar a fúria de teu pai, o valente coronel Tibúrcio.”

Na sua residência o coronel Tibúrcio soube do encontro na noite anterior, logo sai em busca de Severino, ao chegar na casinha do moço, logo bate na porta com força e grita: — *Severino, abra essa porta imediatamente! Tenho assuntos a tratar contigo!* O jovem nervoso e com medo responde: — *Sim, sim senhor!*

Severino abre a porta e o coronel Tibúrcio adentra a sala, olhando Severino com desdém, e fala: — *Severino, já estou cansado de suas investidas para conquistar minha filha! Ela é jovem pura e precisa de um homem de verdade, de boa família e não de um sonhador lascado sem eira nem beira como você!*

Morrendo de medo o jovem responde: — *Mas, senhor, meu amor por Lindaura é verdadeiro! Eu faria qualquer coisa por ela!*

Tibúrcio com uma risada sarcástica, indaga: — *Qualquer coisa?*

E continua: — *Então prove isso, meu jovem. Prove que é digno de minha filha. Prove pelo menos que é destemido e faria qualquer coisa para ser o futuro marido dela. Provando sua bravura e coragem – coisa que eu duvido muito!, eu darei a mão de Lindaura para você.* E logo sai da casa bufando orgulho.

Severino passou o resto do dia todo aperreado e pensativo, andava de um canto pra outro agonizando e sem saber o que fazer para realizar essa empreita e dobrar o “coroné” Tibúrcio. Era uma tarefa quase impossível. Mas ele tinha muita esperança. De tanta agonia o coitado caiu no sono; e de repente...

Como num sonho, Severino está caminhando pela estrada, angustiado e determinado a cumprir sua promessa. Ao longe, ele encontra um grupo de ciganas. Ao chegar perto, logo apresenta-se e diz: — *Por favor, boa senhora, vejo eu que a senhora é cigana. Estou tão aperreado! Peço-lhe: leia minha mão e me diga como posso conquistar o amor de minha Lindaura e dobrar a ira daquele coronel tihoso pai dela. Preciso provar minha bravura.*

Prontamente, a cigana o responde: — *Jovem apaixonado, tua face está a te denunciar, tua missão fácil não será! Se queres conquistar de vez o coração de tua amada, um desafio terás que enfrentar, vá em busca das estrelas que do alto estão a brilhar, da constelação das Três Marias estou a falar. Olhe fixamente para meu véu e veja elas brilham juntas no céu. Como no céu não poderás ir buscar, nos recantos do nosso lindo Nordeste e fora dele terás que vagar. Encontrarás uma [estrela] em cada lugar e uma lição para o teu amor provar. Virtuoso conquistarás o teu labor, entregarás nas mãos do pai furioso e junto a sua amada conquistarás o seu amor.*”

Confuso, Severino a questiona: — *Mas como farei tal jornada? Nada tenho e nada conheço, como saberei onde começar e como farei para minha promessa completar?*

De forma enigmática ela explica: — *O teu amor te guiará! Sem medo e sem temor terás que se aventurar. Terá que ser “cabra da peste” e o bando de Lampião terás que ingressar. Provando sua bravura uma insígnia irá ganhar e um conselho de amor receberás e ele ao seu próximo destino te guiará.*

Animado e grato Severino responde: - *Obrigado, sábia cigana! Partirei imediatamente!*

Severino se anima, volta correndo pra casa e logo começa a fazer sua pequena trouxa de roupa, pega seu crucifixo, um pouco de comida, se benze e sai logo cedo. E parte em direção às terras sergipanas, pois sabia que era lá que Virgulino Ferreira o temido Lampião estava.

Severino numa saga constante anda e se deixa seguir por vários dias a fio, até que então chega até o povoado do Angico, foi conseguindo notícia de canto em canto. Ao chegar... ele observa o céu estrelado. E olhando para o céu sussurra: *“aqui, nas terras Sergipanas, buscarei a primeira estrela para conquistar o amor de Lindaura. Que a coragem de Lampião e o amor de Maria Bonita me guiem!”*

Severino andou incansavelmente pelas terras secas, e logo pela manhã encontra o esconderijo do cangaço, e vai até a gruta dos Cangaceiros, onde encontra Lampião e Maria Bonita. Levado pelos parceiros de Virgulino, logo recebe uma investida do chefe do bando.

Virgulino, o Lampião fala: — *Ora, ora, quem temos aqui? Para ter chegado até aqui és muito bravo e corajoso. Um jovem destemido que busca entrar em nosso bando, é isso?*

Severino temeroso, mas esperançoso responde: — *Sim, mestre Lampião. Pretendo entrar em seu grupo para provar minha bravura e conquistar o amor de minha doce Lindaura. O pai dela não acredita que sou um bom marido para ela e me desafiou a provar meu valor. Preciso de uma prova para demonstrar meu amor por Lindaura.*

De longe, ao observar todo o primeiro contato, a companheira de Virgulino aproxima-se e diz: — *Corajoso és, jovem enamorado! (passando um lindo punhal de prata levemente em seu rosto, como forma de intimidação). E continua: — Se quiseres poderás levar a prova de tal bravura, assim que verdadeiramente conseguir cumprir tua passagem aqui no nosso bando, logo se saberá que por aqui esteves e terás provado merecê-la. Mostre-me que és digno desse amor. Lutarás à frente de nosso bando por oito luas cheias e assim conseguirás ao teu amor regressar. E junto a si essa estrela de oito pontas também irá.*

O jovem destemido lutou e enfrentou muitas situações antes nunca vivenciadas, e passado o prazo dado, Severino mostrou-se cangaceiro arregrado, valente e destemido, não era páreo para as investidas da volante polícia do Estado que caçava os cangaceiros. Provou bravura e conquistou a confiança de Virgulino, o Lampião. Mas nosso rapaz já não estava se aguentando de saudades...

Aperreado, Severino se abre e confessa: — *Já não aguento mais de saudades de minha Lindaura, meu coração dói e chora noite e dia, desse jeito vou morrer nessa agonia. Preciso regressar pra minha menina.*”

Após ouvir Severino, Virgulino o responde: — *Eu poderia te chamar de um fracote, mas vejo em teus olhos a sinceridade de teu amor. Maria de Déia interrompe e fala: — Levarás a prometida estrela, nossa insígnia de raro esplendor, prova mais astuta não encontrarás, provará que no bando de um cabra tihoso e arretado esteve a lutar. E entregando a Severino uma estrela do chapéu de Virgulino, continua a proferir um conselho: — Provastes ser*





merecedor, mas saibas que na jornada está o verdadeiro valor, jornada esta que farás por tua amada. Lembre-se! o amor tudo vence. Inclusive tempestades e a imensidão do mar. E, é lá, no mar, que outra estrela encontrarás, das mãos de uma heroica negra mulher, receberás. Para as bandas da Bahia, a uma ilha teu destino te levará.

Grato, Severino responde: — *Muito obrigado Lampião, meu mestre-rei! Muito obrigado Maria de Déia, nossa rainha do cangaço, das tuas palavras jamais esquecerei!.*

O destemido jovem Severino, agora ex-cangaço, segue rumo à Bahia em busca de sua próxima conquista. Na saga de sua bravura provar, um pouco de história ele irá presenciar.

Dias a fio pelas estradas, enfrentando chuva e sol, problemas dos mais diversos, o destemido Severino chega ao arraial da Ponta das Baleias, hoje conhecida como Itaparica e encontra uma formosa mulher preta sentada à praia junto com outras mulheres a catar mariscos nas pedras da beira-mar, era Maria Felipa – a marisqueira. Ele então a observa e logo se aproxima.

Sem se demorar, chega e diz: — *Bom dia minha senhora! Vejo que a senhora tem um bom trato com suas companheiras, deve ser a chefe daqui. Busco uma prova de bravura para conquistar o amor de minha amada Lindaura.*

Maria Felipa logo responde: — *Ah, meu bom jovem! Vejo que o moço não é daqui e tampouco um dos infelizes que estavam com o tal do “engomadinho” Madeira de Melo naqueles navios da esquadra lusitana. E com nojo completa: — Aquela “marotada” infeliz!*

Severino aos risos, indaga: — *Não entendo nada do que me falas. Sou do sertão, venho de longe, uma cigana leu meu destino e nele venho correndo trecho e agora estou aqui diante de vós. Decerto, se eu lhes contar minha última jornada não acreditarás em mim, mas... minto não. Estou certo que tenho que provar minha coragem para a senhora.*

A marisqueira, prontamente se apresenta: — *Perdão moço, me chamo Maria Felipa de Oliveira, sou a líder das vedetas, nós vigiamos noite e dia as praias daqui da Ponta das Baleias para defender nossa terra desses malditos portugueses. E continua: — Se queres a prova de tua bravura e destemor, terás que provar tua dedicação. A Bahia já viu muitas histórias de amores impossíveis, mas também viu o poder do amor verdadeiro. Hoje lutamos para ver nossa terra livre das amarras do despotismo autoritário português, acredite, boa parte deles já se foi, mas tem uma corja infame que teima em ficar, mas... deixem eles... nós temos um plano. Você quer ajudar?*

Continuando a conversa Severino revela seus sentimentos por Lindaura e Sua jornada em busca das estrelas. Sua estadia fica garantida na colônia dos pescadores onde Maria Felipa vive junto ao seu grupo de marisqueiras e demais membros da comunidade, ela ouve toda história e o propõe um acordo.

— *Meu coração se alegra com tuas palavras, jovem enamorado. Te darei uma prova de bravura e ela será tua, se junto com os nossos você lutar para expulsão dos marujos portugueses amanhã pela tardezinha na enseada da Ponta das Baleias, ali próximo ao outeiro do balaústre, se lá não der vamos no da Josefa.*

O jovem entusiasmado diz: — *Eu aceito! Lutarei bravamente para defender o Brasil e as terras baianas da maldade dos tiranos portugueses.*

Era o entardecer do dia 7 de janeiro de 1823, Severino lutou incansavelmente junto das marisqueiras que armaram uma emboscada para os soldados portugueses com uma surra de cansação (*Jatropha urens*), ele acostumado com os arbustos de malícia, “ortiga” facheiro, “calumbi”, xique-xique entre outras plantas da caatinga, pra ele não houve dificuldade. E assim conseguiram expulsar as tropas lusitanas.

Foram dois dias lutando, e na manhã do dia 9 de janeiro, Felipa o chama e diz: — *Estou admirada de sua força e coragem jovem moço Severino, sua ajuda foi fundamental. Vou te presentear com uma riqueza que vem dos mares. Receba essa linda estrela-do-mar ela simboliza cura e renovação devido à sua capacidade de se regenerar; ela é singela e também representa limpeza e purificação, mas lembre-se, o amor verdadeiro é como o mar: tempestades virão, mas as ondas do amor tudo superam. Aceite-a!*

Grato e feliz, o moço fala: — *Agradeço sua sabedoria, Maria Felipa! Suas palavras tocaram o meu peito. Seguirei em minha busca com mais determinação ainda!*

Como em um presságio e conselho, a líder das vedetas o aponta: — *Teu destino é claro como as nuvens do céu, vejo que conseguirás o amor de tua amada. Vejo como nas conchinhas do mar, vejo nas pedrinhas miudinhas de Aruanda, vejo na força de minha ancestralidade, vejo na terra vermelha do chão do terreiro de Dona Maria Conga, siga até ela e terás tua recompensa final.*

Severino logo sai e se lança em direção quilombo de Maria Conga, e dessa vez a jornada foi bem grande, seguiu até Magé, mais precisamente na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro.

Chegando lá logo se apresentou contou sua história a um grupo de pessoas que ali estava, logo

esse grupo o levou para falar com a sua líder a Senhora Maria da Conceição, era o nome de batismo de Vovó Conga, esse nome se deu pelo hábito de batizar os negros escravizados com nomes cristãos. Severino então conhece a líder quilombola.

Severino chega às terras quilombolas e encontra Dona Maria Conga, a sábia matriarca, princesa do Congo.

Ao se aproximar, decorosamente, Severino a saúda: — *Respeitosa Dona Maria, venho em busca de alento em minha jornada de conquistar o amor de Lindaura. Ela é uma moça que me ama, mas filha de um tirano coronel. Que me desafiou a provar bravura e tentar conquistar o coração de minha amada*”.

A líder quilombola congo-mageense responde: — *Jovem tu és corajoso, está escrito e vejo aqui no jogo de meus búzios. Serás feliz no amor! Lembre-se: o amor é uma força ancestral que move o universo. Já sei o que procuras aqui...*

Desabafando, Severino conversa: — *O tanto que lutei e ainda posso lutar, mas sinto que aqui é o lugar onde posso sentir paz, e vejo que minha jornada está chegando no final, porém necessito de uma última prova para completar minha bravura.*

Continuando, Severino revela sua jornada, seu amor por Lindaura e a promessa de conquistá-la. E sem nenhum esforço de luta, violência ou mesmo força física para provar sua coragem, destreza ou astúcia, Vovó Conga como era conhecida, princesa do Congo, ex-escravizada, liberta e libertadora da população escravizada lhe oferece uma estrela de ouro, adorno de seu altar particular.

A matriarca, com voz doce e firme o aconselha: — *Tuas palavras tocam minha alma, jovem sonhador. Recebe a estrela que tanto buscas, receba a estrela dos meus adornos, mas escute meu conselho: o amor verdadeiro é como uma chama sagrada, que precisa ser alimentada todos os dias.* Olhando profundamente nos olhos do moço ela diz: — *Jamais se esqueça: o amor é um mistério divino que precisa ser cuidado e respeitado. Que teu amor resplandeça a todo momento como uma estrela que brilha no firmamento.*

Severino então inicia seu regresso para sua terra, com um só pensamento: rever Lindaura e provar seu amor e bravura. Noite e dia pelas estradas, incansável ele não para sequer para descansar ou comer. E segue inabalável.

Severino retorna à vila do sertão e vai à casa de Lindaura, ao vê-lo pular de alegria. E diz entusiasmada: — *Severino, tu retornaste! Por onde “andasse homi”?*

Ele, muito feliz, responde: — *Em busca das estrelas, minha amada. Para provar meu amor por ti. Não busquei estrelas no céu, mas na terra nas mãos*

das mais encantadoras mulheres que assim como você ganharam meu respeito e admiração.

A amada responde: — *Oh, Severino, és um homem corajoso e destemido. Meu coração sempre foi teu.*

De repente ao longe o coronel Tibúrcio observava impressionado o relato, entra e fala: — *Ehh Severino!, tu realmente é um cabra valente. Lindaura é uma moça de sorte por te ter como pretendente. Se ajeite cabra, tu serás o marido de minha filha! E ande logo antes que eu mude de ideia.*

Severino e Lindaura se abraçam, selando seu amor diante dos obstáculos vencidos.

Alguns dias depois, Severino encontra-se na porta da igreja, seus amigos o arrumam e enfeitam e cantando dizem juntos: — *Severino, o bravo parceiro, conquistou o coração, guerreiro! Agora não tem jeito, te apruma cabra que o casamento já é um feito!*

Ao fundo da capelinha, as amigas de Lindaura a vestem e enfeitam-na, e também cantando dizem: — *Lindaura, a menina mais bela, encontrou o amor verdadeiro, agora para tudo: a noiva do momento é ela! O casal, já no altar escutam um sussurro, como num coro celestial dizendo: “Que esse amor nordestino brilhe como as estrelas do céu! Um amor encantado como nas linhas de um lindo cordel!”*

Na tão esperada hora do beijo, Severino acorda de seu profundo sono temeroso provocado pelo pai de Lindaura, o temido coronel Tibúrcio. FIM.



A fantástica história do Corneteiro Lopes

Jaime Guimarães Barreiros

Salvador da Bahia, 5 de fevereiro de 1866

Minha querida,

Remeto-lhe carinhosamente esta epístola com os votos de que a encontre bem e em saúde. Cheguei ao Brasil no primeiro dia do mês de fevereiro e encontro-me alojado na cidade do Salvador, situada no litoral nordeste deste imenso país. A estadia na capital da Bahia decorre pela necessidade em adquirir os apetrechos para a expedição em busca da cidade perdida no interior desta província, cujo relato do século XVIII chamou a atenção do imperador do Brasil, D. Pedro II e de Sua Majestade a Rainha Vitória.

Ser membro da Real Sociedade Geográfica Britânica abre muitas portas e caminhos, de modo que fui recebido pelo presidente desta província, senhor Manuel Souza Dantas, o qual, de forma muito respeitosa e prestativa, disponibilizou informações preciosas e recursos logísticos para a expedição. Partiremos em breve para a região entre os rios Paraguaçu e Una, conforme a localização descrita no manuscrito 512, documento apresentando o relato sobre as ruínas de uma “oculta e grande povoação antiquíssima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753”, atualmente em poder da biblioteca da Corte brasileira. Estou certo de que teremos sucesso onde exploradores anteriores falharam. Quero partir antes do carnaval para não ser alvejado por bolas de cera cheias de água e manter a dignidade, conforme relato de Charles Darwin quando de sua passagem por essas terras.

Por falar no polêmico Darwin, concordo com o eminente naturalista quando ele menciona as belezas da gloriosa Cidade da Bahia! Você iria gostar das cores, dos sabores e variedades de frutas e temperos daqui. E estou de pleno acordo com o nosso Charles sobre a vergonhosa escravidão defendida com ferocidade por pessoas consideradas respeitáveis desta província. Procuro esquecer este horror admirando as águas calmas da grande baía de Todos-os-Santos e,

nesta cidade pitoresca e surpreendente, travam-se conversas interessantes.

Recentemente, após concluir negociação para adquirir cavalos, bois e utensílios para transportar carga, eu retornei ao hotel na companhia de um guia que fala muito bem o inglês e, à porta do estabelecimento, um senhor maltrapilhos nos abordou com uma estranha frase: “Conto minha fantástica e heroica história por 10 réis!”. O guia procurou enxotar o velho dali, alegando que se tratava de um bêbado com histórias malucas para conseguir algum dinheiro. Mas o impedi, pois você sabe o quanto gosto de ouvir histórias de todos os tipos, principalmente as extravagantes e incomuns: não as considero malucas, afinal elas podem ter um fundo de verdade e confesso ter ficado bem curioso quando o homem complementou afirmando que ele era o herói responsável pela Independência da Bahia e do Brasil. Ademais, 10 réis era o equivalente a apenas 1 libra, mas eu decidiria se a história valeria o preço, segundo a peculiar figura à nossa frente.

Com a ajuda do desconfiado guia, ouvi atentamente o relato daquele senhor que, embora seus trajes e traços denotassem uma vida sofrida e difícil, possuía certa altivez no olhar. E contou-me uma história tão mirabolante quanto fantástica, que compartilho com você.

Meu nome é Luís Lopes, nascido nas terras portuguesas de Trás-os-Montes no ano da graça de 1804. Não conto detalhes sobre minha infância porque não há nada de interessante na vida de molecote que ajudava o pai nas oliveiras em um lugar que parou no tempo. Eu sonhava com uma vida de aventuras típica dos devaneios da juventude, e assim engajei-me no exército com apenas 16 anos motivado pela Revolução do Porto, em 1820, a fim de restabelecer Portugal para os portugueses, pois



com a derrota de Napoleão e a ausência de nosso rei fugitivo, quem administrava a nossa terra era um general inglês. Sonhava com um vistoso uniforme, medalhas, honrarias e a admiração das jovens, mas nada disso aconteceu, pois passava os dias e noites no quartel fazendo aqueles serviços que nada têm de heroicos e garbosos, como descascar batatas, limpar as latrinas e lustrar e costurar as botas dos oficiais.

Descontente por não ser valorizado na flor da juventude, surgiu algo que encheu-me de entusiasmo: a convocação de soldados para ir ao Brasil reforçar o contingente das tropas portuguesas com o objetivo de conter tumultos e levantes. Isso foi algo que muito me alegrou, pois eu tinha certeza de que novos ares fariam bem e assim desembarquei em 1821 na cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos, como os antigos a chamavam. As atribuições dos soldados, segundo o exército, seriam o controle e manutenção da ordem na cidade e ainda coibir as manifestações rebeldes que falavam em independência da colônia. Fui informado que cumpriria funções no forte de São Diogo, uma antiga e pequena fortificação situada nos extremos de uma praia na Boca da Barra e erguida em meados do século XVII. Achei que meu trabalho seria facilitado em patrulhar uma área pequena, mas qual não foi a minha surpresa quando fui colocado novamente para descascar batatas, limpar as latrinas e lustrar e costurar as botas do sargento e do tenente?

Isso bastou para que eu ficasse tão insatisfeito quanto os brasileiros em relação ao Império português, sem contar que desenvolvi afeição pelos gentis habitantes e encantos desta terra, bem como seus anseios por liberdade. Assim, em 1822, também resolvi declarar minha independência do exército lusitano, pois Pedro de Alcântara, chamado posteriormente de Pedro I por aqui, declarou a Independência do Brasil no dia 7 de setembro. Portugal, no entanto, não reconheceu a liberdade de sua ex-colônia e procurou manter o seu domínio através da força e tirania, o que acho um absurdo, afinal os corações baianos e brasileiros não combinam com déspotas e tiranos.

Coloquei-me à disposição das tropas da Bahia, onde fui muito bem recebido e imediatamente posicionado em um cargo de grande importância: corneteiro. Deram-me este posto por eu ser bastante comunicativo e a função de um corneteiro no exército é fundamental para uma tropa, pois as sonoridades dos toques do instru-

mento funcionam como códigos para transmitir comandos e instruções. Confesso nunca ter tocado nenhum instrumento musical até então e não era assim tão difícil, apesar de que eu confundia um e outro toque, mas eu contava com o apoio e simpatia de todos. O que podia dar errado?

Pedro de Alcântara havia contratado um mercenário francês, Pierre Labatut, para comandar as forças brasileiras e a cidade de Salvador já estava ocupada pelos portugueses, tanto que muitos baianos deixaram a capital da província e se estabeleceram na vila de Cachoeira, onde o movimento pela independência havia ganhado corpo bem antes do ato de Pedro às margens do riacho Ipiranga, em São Paulo. Para se ter uma ideia, em junho de 1822, sob as ordens do general Madeira de Melo, canhões foram disparados sobre a pequena vila, onde muita gente morreu, dentre eles um tocador de tambor que comandava as tropas cachoeirenses. Isso, juntamente com a revolta pelo assassinato da pobre freira Joana Angélica quando tentava defender o convento da Lapa da invasão dos soldados portugueses na capital, acirrou ainda mais os ânimos e a disposição dos baianos e brasileiros a lutarem por sua independência.

No início de novembro daquele ano, fui transferido para as divisões em Pirajá sob o comando do major Falcão de Lacerda, que não foi muito com a minha cara e quis destituir-me da função de corneteiro. Não consigo entender o que os oficiais de exército tinham contra minha pessoa. Vai ver, isso acontecia por eu não ser bajulador. Mas como eu tinha amigos entre soldados e até mesmo um sargento, o major foi dissuadido, embora com um pé atrás sobre a minha capacidade. Mas isso não iria ficar assim, pois eu provaria que era digno do meu posto e estava tomando gosto pela corneta.

A oportunidade finalmente surgiu: na manhã de 8 de novembro de 1822 as tropas portuguesas atacaram Pirajá e foi uma batalha intensa. A região era estratégica e vital tanto para brasileiros como portugueses por ser uma das principais vias de acesso ao centro de Salvador e rota para o fornecimento de víveres oriundos das vilas do Recôncavo, como Nazaré, Santo Amaro e Cachoeira. Assim, foi travada uma batalha feroz onde cada pedaço de chão era disputado com fúria pelos soldados de ambos os lados, porém era nítido que o exército português estava levando vantagem por ser mais numero-

so e melhor equipado. E por isso o nosso major ordenou que eu tocasse a retirada das tropas.

Ora, se recuássemos em Pirajá os portugueses teriam sucesso e alteraria todo o cenário de resistência e luta na Bahia. Testemunha dos bravos esforços e da coragem dos baianos e brasileiros, eu não podia permitir isso e, conhecendo bem os meus patrícios supersticiosos, fiz valer a minha liberdade e autonomia e toquei o “Avançar, cavalaria, à degola!”, mesmo sem ter cavalaria em nossas tropas. As más línguas invejosas do meu feito dizem que toquei errado, mas fiz isso estrategicamente e deu certo: os soldados e oficiais lusitanos, que acreditam em coisas como a volta de Dom Sebastião até hoje, caíram como patos e recuaram, achando que tínhamos recebido reforços e estávamos em grande número. Qual! O major Lacerda me olhou com cara de espanto e incrédulo, ficando sem ação por alguns momentos, quando eu gritei: “Avança, homem! Conduza nossas tropas à vitória pelos mares e campos baianos!”, e assim ele aproveitou o caos entre os portugueses para garantir o triunfo de nosso exército e conseguir o seu lugarzinho na história, mas graças a mim que demonstrei toda a minha capacidade e valor.

Para encurtar os fatos e poupá-los de uma longa narrativa, meus caros senhores: a batalha de Pirajá foi decisiva e essa vitória deu alento às tropas baianas e brasileiras para que, no dia 2 de Julho de 1823, o general Labatut entrasse triunfante em Salvador com o meu toque de corneta anunciando que a Bahia estava livre das tropas portuguesas e o Brasil finalmente era uma nação independente! Assim, o meu nome estará marcado na história para sempre como o Corneteiro Lopes. Senhores, vocês estão diante de um herói, penso que minha narração vale até mais do que 10 réis.

Eis, minha querida, a divertida e mirabolante história deste homem que se diz chamar Luiz Lopes, ou o Corneteiro Lopes, como prefere ser conhecido. Anotei as datas e detalhes no meu bloco de registros da expedição e achei tudo muito interessante. Paguei 1 libra de bom grado ao velho e perguntei o que aconteceu para ele chegar a esta condição de mendicância, já que era um herói. Ele me respondeu secamente que foi vítima de retaliação do major Lacerda, alvo de gracejos na caserna por ser salvo por um corneteiro inexperiente, e por este motivo não

seguir carreira no Exército. Sem soldo, família e muito menos padrinhos que poderiam ajudá-lo, precisou se arranjar no ofício de sapateiro por Salvador, pois temia voltar a Portugal e ser considerado traidor. Em tom jocoso, ainda afirmou que o Exército pelo menos serviu para aprender a lidar com botas e sapatos, que é o seu ganhador atual. Antes de partir, recomendou que se eu duvidasse da história bastava procurar por um sujeito conhecido como barão de Cajaíba, que testemunhou a batalha de Pirajá e daria fé na narração.

Saiu sem olhar para trás e perguntei ao guia qual a possibilidade daquela história ser verdadeira. Ele, que acompanhou todo o relato com desinteresse, afirmou que o velho era apenas mais um dentre os inúmeros conversadores do Taboão, local na cidade onde se reúnem sapateiros e comerciantes de produtos de couro. O simpático guia prometeu-me contar a história da Independência da Bahia com heróis e heroínas como Maria Filipa e principalmente Maria Quitéria, pois muito me interessou essa versão brasileira de Joana D’Arc.

Despeço-me por ora, minha querida, com essas notícias dos trópicos e logo desbravarei o sertão da Bahia em busca da cidade perdida que provavelmente está relacionada às minas de prata de Muribeca, o que seria uma grande descoberta. Espero que minha equipe expedicionária tenha o mesmo espírito corajoso do simpático do Corneteiro Lopes em terras bravias pelo interior, retornando coberto de glórias e festejos.

Com carinho e ternura, do seu eterno esposo,

Richard

Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia

Márcio Cabral de Souza Santos

Na semana que antecedia as festividades do dia 2 de Julho, data que é comemorada a Independência da Bahia, um professor de geografia de uma escola local, levou sua turma de estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental 2, para o espaço conhecido como Fonte da Bica, local de água natural e pura, que sai do lençol freático no morro do Alto de Santo Antônio, numa área que ainda tem resquícios de Mata Atlântica, localizada no município de Itaparica.

A explicação do professor, na aula de campo, tinha como objetivo fazer uma reflexão sobre a cidade, relacionando as consequências das mudanças nas paisagens e dos fatos ocorridos nos períodos da Independência do Brasil na Bahia e, principalmente, na ilha de Itaparica. O professor percebeu que, muitas crianças estavam espalhadas, distraídas e encantadas com este lugar aprazível, que transmite uma sensação de paz, acolhimento e tranquilidade. Observando-as atentamente, pediu-lhes que se aproximassem dele. No entanto, apenas uma pequena garotinha, sentindo-se sonolenta, com as mãos no rosto e de olhos fechados, estava sentada com a cabeça recostada no banco, próximo à pequena fonte de pedras, que fica à esquerda da fonte de azulejos que tem três torneiras, as quais regulam o fluxo das águas potáveis e cristalinas do manancial.

Nesse momento, o professor expõe alguns fatos marcantes sobre os acontecimentos da Independência do Brasil. Explicou também, sobre a importância das águas da Fonte da Bica e como a independência da ilha de Itaparica ajudou a concretizar a Independência da Bahia. Realizando gestos, como se regesse uma orquestra sinfônica, o professor disse assim:

— Em 1822, os portugueses não aceitaram a proclamação da Independência do Brasil ocorrida em 7 de setembro por D. Pedro e pas-

sou a enviar mais tropas militares para tentar reconquistar sua ex-colônia. E, em 1823, aconteceram muitos conflitos, entre parte da população baiana que, já não mais aceitava as imposições estabelecidas pelas autoridades de maioria portuguesa e suas tropas militares que eram fiéis à metrópole. Devido a esse conflito ainda em 1823, os portugueses vinham até aqui na Fonte da Bica, para abastecer as suas embarcações com água fresca, antes de irem atacar as outras vilas que eram contrárias às suas ordens. A ilha de Itaparica é um local geograficamente estratégico, pois, é perto da cidade de Salvador, de onde o comandante da Coroa portuguesa administrava o território e as cidades do Recôncavo baiano. E aqui este espaço que vocês estão vendo, se tornou mais um ponto de luta da resistência dos povos nativos contra as tropas portuguesas.

Entretanto, em um breve momento de sua fala, o professor, contou-lhes uma história pouco conhecida até mesmo pelos moradores antigos da cidade. Foi quando aguçou a curiosidade dos alunos. Ele se referiu sobre uma lenda da Fonte da Bica, que abre um portal para o túnel do tempo. Nesse instante, os estudantes ao seu redor, estavam pensativos e curiosos com o que o professor acabara de lhes dizer, fazendo-lhe uma série de perguntas. Alguns até se aproximaram das duas fontes de águas, para verificar a existência de um possível portal de túnel do tempo.

No entanto, diferentemente dos demais coleguinhas, a garotinha que estava levemente adormecida no banco, ouvia atentamente tudo o que professor explicara naquela aula de campo, até o momento que ela escuta o professor falar a palavra “chave especial”. Despertou em sua memória, uma conversa que ela tivera no último recesso junino com sua avó, que mora defronte à principal praça no distrito de Amoreiras, lugar banhado pelo

mar da baía de Todos-os-Santos, tendo como vizinha à margem oposta a cidade de Salvador.

A avó da garotinha havia contado-lhe que antes do período da batalha que resultou na expulsão das tropas portuguesas, os seus antepassados ainda moravam no arraial de Ponta das Baleias, hoje conhecido pelo nome de Itaparica, que na linguagem indígena tupi, quer dizer cerca de pedras, por causa dos recifes que circundam a ilha, e, que também funcionava como uma proteção natural contra qualquer invasor, pois dificulta a navegação.

Disse-lhe também que uma de suas parentas daquele período, havia deixado um ensinamento, algo como uma espécie de abrigo, algum tipo de “chave especial”, que também recebera das pessoas que ajudaram a vencer a batalha na ilha de Itaparica. Essa tal chave, é algo raro que, para muito além de ser guardado e preservado em segurança, deveria sobretudo ser compartilhado com o máximo de pessoas, pois, a “mágica” que realiza é transportar as pessoas no tempo e quem a possuir não deve deixá-la cair nas mãos das pessoas erradas, pois, essa tal “chave especial”, tem entre outras coisas, o poder de mudar o futuro. Tão logo, a avó ainda não tinha terminado de contar toda a história dos seus antepassados, a garotinha interrompeu perguntando-lhe:

— Vovó, eu não entendo, como é que algo que deve ser guardado em segurança, deve ao mesmo tempo ser compartilhado com mais gente? Isso não faz sentido algum!

A avó percebe então, a rapidez no raciocínio da neta e sem ter como responder exatamente, ela diz:

— Isto é coisa dos antigos, pois, aquilo que achamos que nos pertence, que nos foi deixado por herança, temos que cuidar, lutar, pre-

servar e conscientizar as outras pessoas, para não se perder a essência, lembre-se sempre disso minha netinha!

Cheia de dúvidas, a garotinha ainda tentando compreender o que acabara de ouvir, bombardeia a avó de perguntas:

— Vovó, como é essa tal “chave especial”? Ela é pequena, média ou grande? Ela é tão enfeitada como a coroa de uma rainha? Onde eu posso encontrá-la?

A avó compreende naquele momento que a sua netinha já havia despertado a curiosidade e o interesse pelo assunto, e isso a deixou muito feliz e disse-lhe:

— Sim, sei sim, onde encontrar a “chave especial”. Ela é uma chave muito linda, bem aprimorada a cada vez que ela é usada, e como todos são filhos e filhas da Terra, inclusive você, minha juvenzinha, vou te dizer, não somente como encontrá-la, mas também como usá-la.

A garotinha expressou um sorriso de alegria com o que sua avó lhe dissera, e queria saber mais sobre a “chave especial”. Com uma voz de dengo, ela pede melosamente mais uma vez à avó:

— Voinha, me diga... Onde posso encontrar a “chave especial”, me diz, por favor, por favor... A avó então, não resiste ao pedido feito com tanto carinho e meiguice, e diz:

— A “chave especial” também está dentro de você. Mas, para usá-la, você tem que ir ao portal das águas antigas quando o sol estiver a pino, diretamente na fonte dos azulejos, beber um pouco das águas de cada uma das três torneiras. Em seguida levante a cabeça e acima da inscrição “Eh água fina, faz velha virá menina”, olhe no topo dessa fonte um círculo

no centro e diga três vezes as seguintes palavras: me leve para quando devo ir, me mostre para onde preciso ver!

A garotinha não terminou de ouvir todas as instruções, pois, ficara preocupada para não esquecer-se de nada que sua avó lhe dissera. Imediatamente, começou a memorizar as palavras. No outro dia, com o tempo atmosférico aberto, era um dia lindo de sol, a garotinha foi correndo até o portal das águas antigas. Chegando lá, ao meio-dia, ela fez como sua avó lhe ensinara: bebeu um pouco das águas das três torneiras da fonte de azulejos, e encarou fixamente para o círculo centralizado no topo da fonte acima da inscrição e disse em voz alta as palavras:

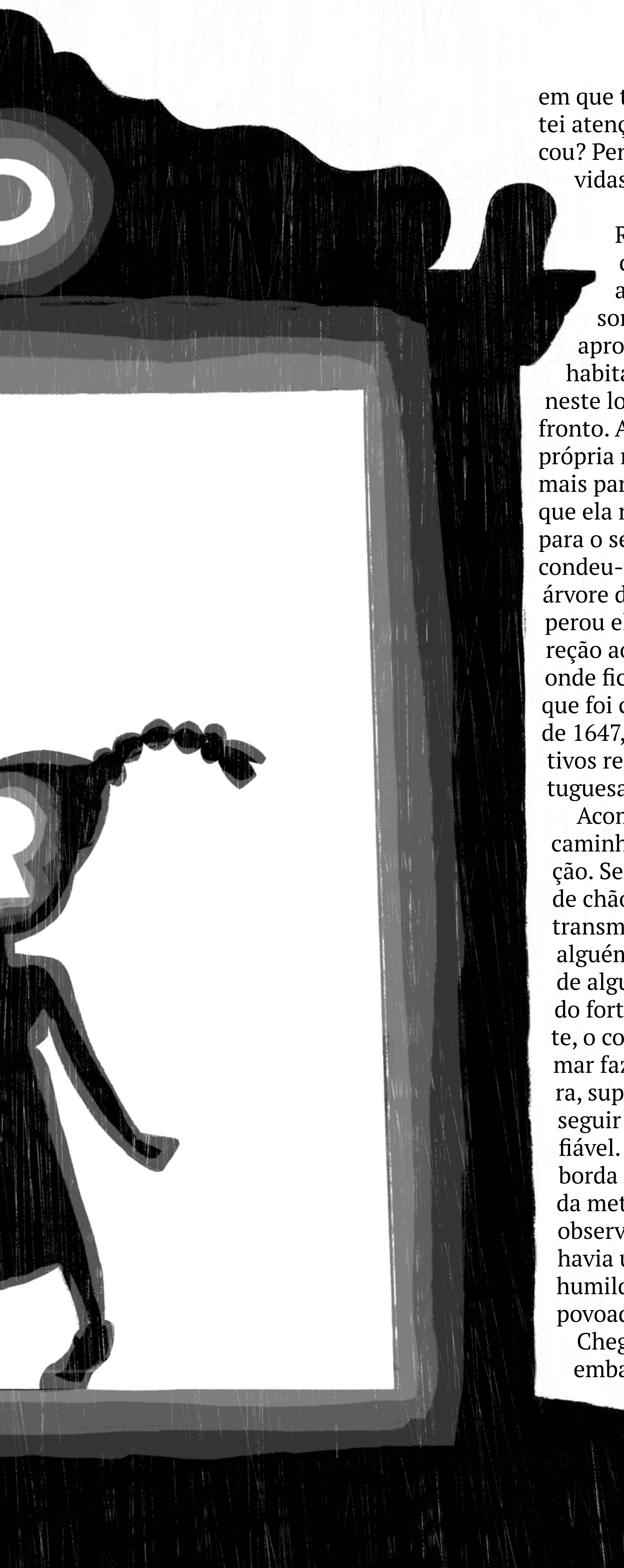
— Me leve para quando devo ir, me mostre para onde preciso ver!

De repente, abriram-se os azulejos da parede da fonte como um portão, reluziu-se com uma luz forte e brilhante, que lhe ofuscava a visão. Aos poucos, dava para ver uma passagem iluminada por águas cristalinas e brilhantes. Movida pela curiosidade, a garotinha atravessou o portal, e quando saiu pelo outro lado, já não reconhecia mais o espaço em que estava antes, pois, onde está construída a fábrica de água, o *flat* e a marina que atraca as modernas embarcações motorizadas, agora estava coberta por densa vegetação. A fonte de azulejos não estava mais ali e nem as ruas de paralelepípedo. Está agora diante da nascente das águas puras que brota do morro e corre para o mar, enchando e deixando escorregadio todo o chão em seu percurso.

Cheia de coragem, empolgada e sem ainda entender exatamente o que lhe tinha acontecido, sabia a princípio onde estava, mas não quando. A paisagem estava completamente diferente do que ela conhece. Logo, ela pensou em como voltar para casa. Entretanto, lembrou-se que durante a conversa com a avó, ela havia se esquecido de perguntar como retornar. Sozinha na nascente, ela se questiona:

— Mas como assim? Sem ruas, nem carros, nenhum tipo de transporte,





em que tempo eu estou? Por que eu não prestei atenção a tudo que minha avó me explicou? Pensou a garotinha aflita, repleta de dúvidas.

Repentinamente, ela percebeu o canto dos pássaros, sentiu o ar mais puro, a temperatura quente do sol e ouviu sons de outros animais e pessoas se aproximando. Eram os antigos povos que habitavam esta terra, estavam de passagem neste local e se organizavam para um confronto. Armados com coragem e elementos da própria natureza, faziam ressoar cânticos que mais pareciam gritos de guerra, numa língua que ela mal entendia. Sem saber como voltar para o seu tempo presente, a garotinha, escondeu-se dos indígenas, atrás de uma grande árvore de largos troncos. Ela observou e esperou eles marcharem. Estavam indo em direção ao extremo norte da ilha de Itaparica, onde fica situada a fortaleza São Lourenço, que foi construída pelos holandeses no ano de 1647, local da batalha em que os povos nativos resistiram e expulsaram as tropas portuguesas.

Acompanhando os indígenas de longe, ela caminha sorrateiramente na mesma direção. Seguindo-os pelas trilhas e antigas ruas de chão batido, em busca de alguém que lhe transmitisse segurança, parecesse familiar, alguém confiável e que pudesse ajudá-la de alguma forma. Ao aproximar-se da praia do forte, a garotinha, reconhece o ambiente, o contorno que as águas cristalinas do mar fazem nas areias alvas e quentes. Agora, supostamente, ela já sabia qual caminho seguir para tentar encontrar alguém confiável. Andou durante alguns minutos pela borda da praia, na direção da cidade sede da metrópole, quando adiante, à sua direita, observou que em meio à vegetação densa, havia um pequeno povoado com as casinhas humildes que mais pareciam cabanas, era o povoado de Amoreiras.

Chegando ao local cercado de gameleiras, embaúbas, coqueiros e amendoeiras, havia uma pracinha improvisada, sem nenhum tipo de pavimentação e com bancos feitos de madeira. Ela viu nesse local a presença de alguns moradores reunidos. Eles demonstravam ansiedade e preocupação, gesticulavam muito e

apontavam para lugares situados às margens da baía de Todos-os-Santos. Mostravam as rotas marítimas que as tropas as que tinham a direção para a cidade de Salvador a leste, local em que os portugueses oprimiam e hostilizavam os brasileiros para manter o controle sobre o território, e, as rotas a oeste, no sentido para a barra do rio Paraguaçu, acesso para a cidade heroica de Cachoeira, na qual a população baiana confrontou uma embarcação com tropas portuguesas, enviada pelo comandante Inácio Madeira de Melo, vencendo essa batalha e proclamando sua independência em 25 de junho de 1822, ficando contra a Coroa portuguesa e aliando-se a D. Pedro.

De imediato, ela lembrou-se dos indígenas marchando em direção ao forte e, quanto mais se aproximava daquelas pessoas, ela ouvia claramente, que alguns deles diziam para não ficar contra a Coroa portuguesa, pois, tinham medo de morrer. Entretanto, outros protestavam com muita intensidade:

— Não vamos mais ser escravos do homem branco!

— Vamos afundar os barcos deles!

— Vamos botar eles pra correr!

— Vamos resistir até o fim!

Ela pensou então que tais reuniões não eram coincidência, nesse momento percebeu que se tratava de grandes acontecimentos, que iriam se tornar importantes no tempo presente e que agora, no passado, ela teria a oportunidade de ver de perto e participar do fato histórico. Enfim, ela se situou no tempo, estava há duzentos anos no passado, exatamente no dia 7 de janeiro de 1823, data da independência da ilha de Itaparica, quando os povos nativos expulsaram os portugueses que obedeciam diretamente as ordens de Inácio Madeira de Melo.

Ao encostar-se à beira da pracinha, veio ao seu encontro uma senhora que imediatamente lhe perguntou:

— Menina! O que faz aqui sozinha? As outras crianças estão em local seguro, você é filha de quem?

A garotinha, sem saber o que responder, baixa a cabeça e dá um leve suspiro, pois, ela sabia que se falasse a verdade, a senhora não iria acreditar. A senhora, então, decide acolhê-la e levá-la para o local no qual estavam as outras crianças daquele povoado. Logo que começaram a andar, elas viram alguns homens e um grupo de mulheres que vinham do povoado de Gameleira e estavam de passagem. E, inesperadamente, ela ouve um nome que lhe soou muito familiar. Era Maria Felipa, que acompanhada de um grupo de mulheres chamado vedetas, se alistaram como voluntárias para ajudar na “Campanha da Independência”, criada pelo cirurgião Luiz Gonzaga da Luz. O grupo que acompanhava Maria Felipa, estava a caminho da fortaleza São Lourenço, e se juntariam com os negros, índios e demais moradores da ilha neste local.

Com um tom de voz alto, ressonante e firme, Maria Felipa, falava que combateria os invasores portugueses até a última gota de sangue. A garotinha, admirada com a liderança dessa mulher, que se fez ouvir por todos à sua volta, presença de líder marcante, escuta Maria Felipa bradar:

— Portugueses que se botar, surra de cansação vai tomar! “bora” “sotar” as cordas dos barcos deles! “bora” tacar fogo em tudo! “bora” botar eles pra correr daqui!

Ao se cruzarem-se nesse curto trajeto, Maria Felipa percebe as presenças da senhora e da garotinha e pergunta para elas:

— Pra onde vocês vão?

A senhora então responde, como quem quisesse proteger aquela garotinha de aparência indefesa:

— Estou indo levar essa menina, para ficar junto com as outras crianças para se protegerem do que vai acontecer.

Maria Felipa então convoca a todos os que estavam em condições para lutar e enfatiza:

— A luta é de todos nós! Todos devem lutar pelo que é nosso, sejam homens, mulheres, velhos e crianças que já sabem se defender! Todos nós iremos para a guerra, senão, do que vai adiantar se os homens e as mulheres luta-

rem e morrerem na batalha? Para dar de mão beijada aos portugueses, os nossos filhos e as nossas filhas para serem explorados, como nós fomos um dia?

E, sem ter como recusar a ordem, a senhora de estatura baixa, de mãos calejadas e firmes, a garotinha e todos que estavam naquela pracinha do povoado de Amoreiras, acompanharam Maria Felipa e seu grupo de mulheres para a batalha. Seguiram caminhando sobre as areias quentes da praia até a fortaleza São Lourenço, lá se reuniram com os outros grupos da Campanha da Independência como os Voluntários, Solitário de Barros Galvão e Souza Lima, Praieiros, Mulherio da Banda da Praia e Mulheres Guerreiras, que assumiriam as posições estratégicas para combater as tropas portuguesas, espalhando-se por todo o território do arraial de Ponta das Baleias e arredores. Durante o percurso, a garotinha viu homens armados e abaixados nas canoas e nos barcos ancorados no mar, e avistou também por entre as matas, pessoas armadas e camufladas nessa paisagem. Elas vigiavam as tropas portuguesas que se aproximavam da praia do forte.

Chegando à fortaleza São Lourenço, começou o confronto contra os portugueses. A garotinha, que havia ficado com a senhora e o grupo de vedetas lideradas por Maria Felipa, é perseguida por um homem branco, alto e forte, de aparência bem assustadora, vestido com uniforme rasgado e sujo das tropas militares portuguesas. Instintivamente, ela corre desesperada pelas antigas ruas de chão batido e trilhas. Quando de repente, a garotinha escorrega no chão encharcado e cai em frente à nascente das águas puras. Sem demora, o soldado lusitano a alcança. Ela, aterrorizada, cansada e sem ter mais fôlego para correr, levou as mãos ao rosto e fechou os olhos. Estava paralisada de medo e pavor do que estava por lhe acontecer a partir de agora, pois, ali naquele espaço estavam somente ela e o soldado português. Sabendo que não tinha mais força e nem coragem para enfrentá-lo, enfim, ela grita desesperadamente. Nesse exato instante, sentiu uma mão cutucar-lhe o ombro do lado direito e escuta a voz do homem dizendo:

— Maria S., acorde, dorminhoca! Você dormiu durante toda a minha explicação, a aula de

campo acabou, precisamos voltar para a escola! Era voz do professor de geografia.

Maria S., a garotinha, ainda atordoadada, contou detalhadamente tudo o que sonhara sobre uma tal “chave especial” que abriu um portal para o período da Independência do Brasil na Bahia, e indagou ao professor:

— Professor, será que existe uma “chave especial”, que está dentro de todos nós e pode mudar o futuro?

O professor de geografia, com um leve sorriso no rosto, e com sua voz calma reúne sua turma novamente e diz a todos:

— A “chave especial” existe sim e está dentro de cada um de nós. Para usá-la basta querer, pois, a “chave especial”, é nada mais nada menos que, o conhecimento, o que aprendemos da história da nossa terra, do nosso povo, preservando a memória do passado, para melhorar o nosso presente e aperfeiçoar o nosso futuro. Não podemos deixar esse conhecimento cair nas mãos das pessoas erradas, que querem mudar a nossa história, contando o que não aconteceu, ou simplesmente, não contando o que aconteceu. Nossos antepassados lutaram para que o nosso Brasil fosse um país livre, nosso povo lutou para que a nossa Bahia seja livre, nossas famílias lutaram para que a nossa ilha de Itaparica, seja o nosso lar e livre.

A Revolta do Tambor

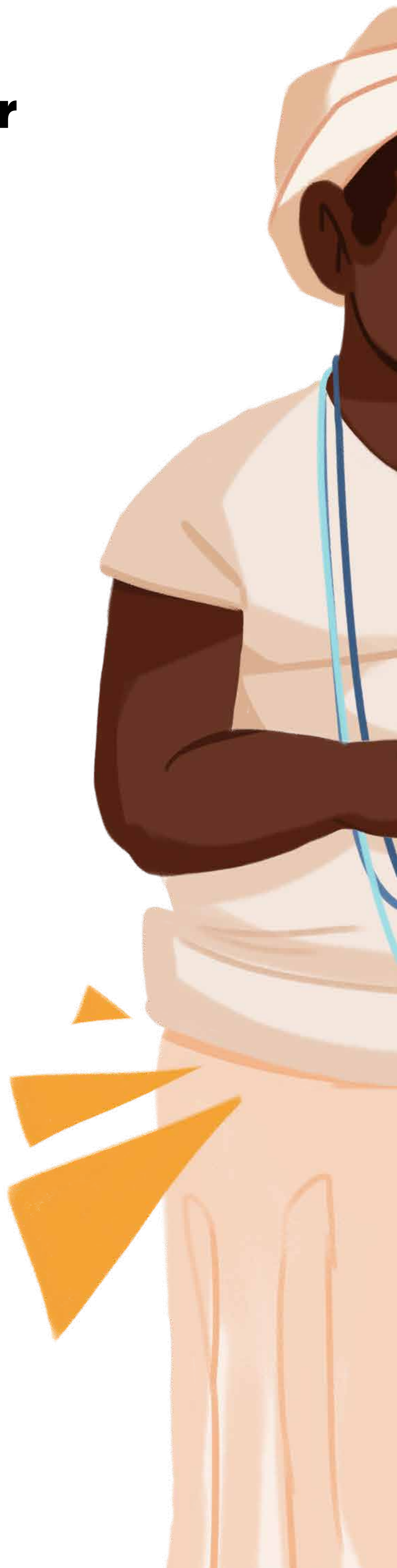
Kalypsa Kardinaly Souza Brito

Ela era a professora mais querida da escola, entregava planejamento e cadernetas sempre no prazo, ajudava nos projetos pedagógicos e, constantemente, compartilhava as novidades pedagógicas. Essa mulher também era a queridinha da diretora, entregava todas as demandas solicitadas e nunca reclamava de nenhum pedido.

Tudo mudou em uma bela manhã ensolarada de sexta-feira, quando fomos informadas que haveria uma reunião extraordinária na escola para tratar de um assunto de “máxima importância” para toda a nossa comunidade escolar. Sendo assim, as crianças seriam dispensadas após o horário do lanche, como foi informado aos responsáveis legais através de comunicado.

Após esse anúncio, em um grupo “secreto” no WhatsApp, em que havia apenas professores, inúmeras mensagens foram trocadas com especulações sobre o que poderia ser a novidade. Algumas mensagens falavam da possibilidade da escola ter conseguido um patrocínio para a tão sonhada viagem à ilha de Itaparica, na culminância do projetos Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia. Outras mensagens comemoravam uma possível sede nova, com espaço adequado para as crianças e professores. Entre as conversas, havia aqueles que comemoravam os possíveis ventiladores para amenizar o calor das salas cobertas com telhado de Eternit. Ainda tiveram comemorações com a possível chegada de um professor para a turma do 5º ano, que há dois meses estava sem aulas, em virtude da Prova SAEB que se aproximava. As mensagens também celebravam a possível chegada de material didático-pedagógico para o desenvolvimento das atividades; houve algumas pessoas que celebravam a possível participação da comunidade escolar na elaboração do cardápio da merenda. Todas as professoras se manifestaram. Todas, menos ela.

Claro que nós estranhamos o seu silêncio. Ela era uma pessoa extremamente paciente, lembro-me bem quando apresentou, por diversas vezes, o projeto “Heroína baiana que a história silenciou” na escola, isso porque a dire-





tora queria “compreender melhor” as razões de trabalhar a história de Maria Felipa de Oliveira em sala de aula, uma vez que ela, “a diretora da escola”, nunca soube da existência dessa mulher da ilha de Itaparica, muito menos que foi a responsável em comandar aproximadamente 200 pessoas e afundar navios europeus nas lutas pela independência. Na opinião da diretora, uma mulher preta não teria “capacidade” de fazer aquilo, se realmente fez o que o projeto contava deve ter sido muito bem instruída por outra pessoa. Na fatídica sexta-feira, o horário da merenda nunca foi tão longo e quando finalmente entregamos as crianças aos seus responsáveis, corremos para a sala da direção a fim de conferir a novidade. Todas correndo, menos ela, que continuava em sala de aula organizando as carteiras escolares das crianças com um olhar meio perdido. Aproximei-me e perguntei se estava acontecendo alguma coisa e ela respondeu suavemente:

— Estou tentando imaginar o que a Maria Felipa faria diante do que vai ser anunciado a vocês e eu já estou sabendo.

A reunião teve início com os agradecimentos da diretora pela colaboração que o grupo de professores da escola sempre teve. Foi então que começou a falar como sua gestão era ótima, como “ela” era ótima e super “democrática”, que fazia tudo o que nenhum diretor nunca fez naquela escola. Após quase quinze minutos de elogios a sua própria “gestão democrática” (na qual ela decidia tudo e só nos comunicava quando era conveniente, caso contrário só sabíamos na hora), finalmente anunciou que “ela” DE-CI-DIU atender ao pedido de uma professora, sua irmã de igreja. Em um tom quase teatral, informou que a partir da segunda-feira, dia 11, a escola passaria a realizar a oração do “Pai Nosso” com todas as turmas, funcionários e professoras no pátio, antes do início das aulas.

Havia uma clara divisão entre o grupo: de um lado, professoras saltando de alegria e dando glórias ao seu sagrado. De outro, professoras completamente atônitas e caladas, ainda sem acreditar que essa era a notícia de máxima importância que surrupiou o horário das aulas das crianças e iria desconsiderar as famílias que não professam a fé cristã.

Antes mesmo que pudéssemos dizer alguma coisa, fomos informadas que não era um pedido, mas uma comunicação para o bem da escola, e a diretora então concluiu dizendo que contava

com nossa “ajuda” para chegar no horário, organizar as crianças em fila e começar a oração.

Confesso que tive medo de sofrer perseguição caso externalizasse meu profundo descontentamento com uma ação dessa natureza em um ambiente onde as pessoas professam diferentes matrizes de fé. O meu medo decorre dos gritos que a pobre colega, professora do 5º ano, ouviu na frente dos estudantes por ter se recusado a utilizar os livros com textos que ela considerou racistas, mas que a diretora disse que não entendia assim. Classificou a atitude da professora como irresponsabilidade, debochou da professora, disse que a diretora era ela e quem mandava na escola também.

Fiquei calada, mas era impossível não observar que lá no centro da sala estava a professora queridinha, calada, olhando fixamente para a diretora da escola. Ela não pronunciou uma única palavra, seus ombros arquearam para frente como se tivesse carregando uma grande bola de chumbo, seu semblante tornou-se distante e quando perguntávamos o que aconteceu, ela erguia um pouco a cabeça e dava um sorriso amarelo.

Na fatídica segunda-feira, a primeira mensagem do grupo secreto foi da professora, dizendo que estava inspirada no episódio da vida de Maria Felipa de Oliveira no qual ela e um grupo de mulheres dão uma surra com galhos de cansação em marinheiros portugueses que teimavam surrupiar as terras brasileiras dos brasileiros, mesmo após o grito do Ipiranga. Após compartilhar a mensagem, ela pediu que recebessemos a sua turma e colocássemos as crianças em fila. Enviou, ainda, uma segunda mensagem explicando que iria se atrasar. Nem acreditei quando li, pois em nove anos trabalhando juntas ela nunca chegou atrasada, deve ter acontecido algo muito grave, pensei, e logo me ofereci para receber os estudantes.

A diretora chegou nesse dia à escola com uma saia longa, um coque nos cabelos e um livro religioso embaixo do braço, estava flutuando em seu salto. Conferiu todas as turmas e passou a perguntar de minuto a minuto pela colega que ainda não estava ali.

Quando finalmente a oração teria início, com um pequeno atraso de 10 minutos, percebemos que uma van parou junto ao portão da escola. De repente, reconhecemos a professora acompanhada de várias mulheres pretas, líderes comunitárias, jovens e idosos da comunidade com filhos matriculados na escola. Todos estavam de branco, com as contas de seus orixás no

pescoço, alguns traziam tambores nas mãos. Assim que entraram no pátio, a diretora tropeçou no próprio salto e quase caiu, mas foi segurada pelo porteiro. Ao se recompor, correu ao encontro do grupo e com os olhos vermelhos de raiva se dirigiu a professora:

— Mas o que está acontecendo por aqui?

— Algo muito simples! Como as crianças e professoras serão obrigadas a realizar uma oração, eu consultei as famílias que não são cristãs sobre o que achavam dessa iniciativa, então elas decidiram mostrar o que achavam dessa forma. Já que a escola resolveu permitir rituais religiosos de abertura dos trabalhos diários, vamos contribuir com nossa religiosidade, afinal sempre buscamos a parceria escola e comunidade, não é mesmo? Além disso, o nosso Hino ao 2 de Julho (Independência da Bahia) diz que:

*“(...) Nunca mais, nunca mais o despotismo
Regerá, regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros, brasileiros corações (...)”*

Enquanto a professora escurecia os fatos, pausadamente, a comunidade já havia arrumado o *RUM*, *RUMPI* e *LÊ*, do outro lado era possível ver que as crianças giravam, dançando e cantando a Revolta do Tambor com um ponto de Exu, este quem abre todo e qualquer trabalho:

*“O sino da igreja faz Belém, blém, blom! (2x).
Deu meia-noite, o galo já cantou!
Exu Barão que é o dono da Gira “ô corre gira que
Ogum mandou”*

— Tá repreendido! Parem com essa música do diabo! Quem a senhora pensa que é para não respeitar a minha hierarquia? Gritou a diretora!

Nesse momento, os tambores pararam e um silêncio assustador fez a diretora “congelar” e então ouvimos o seguinte discurso:

— Quem sou eu? Pergunta a professora.

— Ela quer saber quem sou eu? A professora dá uma grande gargalhada. — Eu sou Dandara! Eu sou Nzinga! Eu sou Zeferina! Eu sou Maria Felipa de Oliveira! Nós somos as vozes pretas que vão reivindicar a liberdade e a independência das mentes de cada um dos nossos estudantes! Além de tudo isso, no momento sou a inspeto-

ra escolar encaminhada para avaliar as práticas pedagógicas desta escola.

Mal a professora, digo, inspetora, fechou a boca e lá estava um corpo racista estatelado no chão!

O Protagonismo das Mulheres na Independência da Bahia

Danielma da Silva Bezerra Brasileiro

Somos mulheres, mães, filhas e avós
Afro-brasileiras, africanas e indígenas
Guerreiras, militares e religiosas
Encorajadas por esta terra adorada
Fomos em teu seio embaladas
Brasileiras, brasileiras corações!

Nossas mãos são sinonimo de bravura!
Aqueles mãos que cozinham, lavam, rezam e costuram
Desembainharam a espada!
Na batalha escolheram a liberdade
Pra que em vida permanecesse a dignidade!

Nós somos muitas!
E até hoje, resistentes
Estamos por toda parte:
na aldeia,
no quilombo,
no campo e na cidade.

Unidas e aliadas
Presentes!
Juntas, como sempre!
Confiantes e empoderadas
Para que nunca mais o despotismo
Conduza as nossas ações.



Marias da Independência

Gabriela Leite Gomes

“Nasce o sol ao 2 de Julho, Brilha mais que no primeiro!/ É sinal que neste dia/ Até o sol, até o sol é brasileiro/ Nunca mais, nunca mais o despotismo/ Regerá, regerá nossas ações! [...] É como se estivesse, nesse momento, escutando este hino, nos meses de julho, na fila da entrada de minha escola primária, Coriolano Carvalho. Isso há mais de trinta anos. Foi tão pouco cantado, que nunca decorei a letra. Lembrei-me dele no momento em que vi no BA TV, jornal do meio dia, que estava tudo pronto para a comemoração do Bicentenário da Independência da Bahia, o famoso 2 de Julho que eu só sabia que existia por causa do feriado. Nunca me incentivaram a atentar para a importância dessa data histórica. Instigou-me uma curiosidade instantânea e lá fui para o Campo Grande, palco da festa. Que surpresas estariam à minha espera?

Assim que chego ao local, pipocado de gente, lembrando os eternos carnavais, vejo passar o presidente, o governador e outras autoridades a desfilarem em carro aberto no cortejo. O desfile vai passando e uma parte da comitiva desperta minha atenção, quando passam diante de mim garotas e mulheres caracterizadas de personagens históricas. O povo, ao redor delas aplaudiam. Elas representavam a Cabocla, Joana Angélica, Maria Quitéria e Maria Felipa. Destas só reconheci Maria Quitéria, por ela fazer parte de algumas vivências pessoais.

Estudei o início do ginásio na Escola Maria Quitéria, hoje fechada, um antigo prédio parecia uma casa antiga, na praça Fróes da Mota em Feira de Santana. Lá, o único fato que lembrava nossa heroína, além do nome da escola, era uma tela com a foto bem pequena na entrada da secretaria. Nunca falaram nada dela, nem nas aulas de história. Surpreendente, não é? Só havia uma homenagem de nome e nada mais. Quem era? Quais seus feitos? Qual a sua representação para as mulheres de hoje? Um silêncio

Outra vivência com nossa personagem histórica foi quando há uns 10 anos fui dar aula no distrito de Maria Quitéria, durante 2 anos em uma escola que recentemente foi renomeada como Escola do Campo Maria Quitéria. Lá

também não me fizeram conhecer muito além do básico que todos sabem, Maria Quitéria, a mulher que se vestiu de homem para poder lutar. Nunca conheci os detalhes que vejo aqui num livrinho comprado no caminho do cortejo; a admirável forma como Maria Quitéria, ainda jovem, se opôs à condição imposta às mulheres daquele período. A família queria que ela fizesse as tarefas da casa, mas ela se recusava, pois seu desejo era cavalgar e usar espingarda. Quando a Junta Provisória instalada para governar chegou ao Recôncavo baiano à procura de homens para participar da luta armada a favor da independência do estado, Quitéria tentou convencer seu pai a deixar que ela participasse da guerra, mas o pedido foi prontamente recusado. Então, ela pegou a roupa de seu cunhado, José Cordeiro de Medeiros, cortou os cabelos e virou o “Soldado Medeiros”. O seu traquejo na montaria e tiro ao alvo fazia diferença naquela guerra e mesmo sendo descoberta, o major deixou que a jovem continuasse no batalhão.

Imagino aqui, o que essa jovem passou em uma sociedade machista e patriarcal, indo na contramão da história. Salientando que, não foi somente uma mudança física, vestir uma roupa masculina, envolvia entrar num lugar que era exclusivamente masculino. Mas, surpreendentemente, ela corresponde perfeitamente ao que era esperado, quebrando a lógica da sociedade em que mulheres não adentravam num espaço que era tipicamente de homens

Agora, que tomo ciência do quanto imprescindível foi a atuação dessa Maria na guerra de independência, questiono, hoje, esse silêncio nesses espaços educacionais em que convivi. Por que essa lacuna justamente num espaço de conhecimento? Lembrei-me das aulas de redação em que incentivo meus alunos a usarem Michel Foucault nessas temáticas de exclusão e opressão. Esse sociólogo defende que na sociedade pós-moderna, os temas são silenciados para que sejam mantidas as estruturas do poder. Creio ser essa a questão.

Queria que duas prós de História, amigas de longa data, estivessem aqui, neste momen-

to para dialogarmos. Seria uma boa discussão ! Se bem que uma delas é bem capaz de estar rodando por aqui! Difícil é alguém ver mensagem aqui! A outra Maria representada pelas mulheres é Maria Filipa e, como quase nada sei, pego um livrinho seu também. Vejo que igualmente Quitéria essa mulher, também guerreira, contribuiu de forma decisiva na expulsão dos portugueses da Bahia. Segundo relatos, Maria Felipa era uma baiana, negra, nascida na ilha de Itaparica e comandou um grupo de cerca de 40 mulheres que atuou na luta pela independência do país. Dizem que ela conseguiu junto com seu grupo queimar 42 embarcações portuguesas. Ainda afirmam ter usado uma planta que provoca sensação de queimadura ao toque com a pele — o cansanção — para bater nos portugueses. Também relatam que jogou de surpresa água quente nos soldados. Sem falar em suas técnicas de sedução para distrair os soldados portugueses. Corajosa e arteira hein? Rsr. Uma criatividade muito oportuna! Eu que já fui tantas vezes na ilha e desconhecia essas proezas, a partir de hoje, nas próximas viagens a esse lugar, não tem como não lembrar das peripécias dessa Maria! O lado triste é que igualmente a Maria Quitéria, Maria Filipa encontra-se silenciada em seu importante legado para a nossa independência, sendo lembrada apenas em uma data específica.

Afasto-me um pouco da multidão e ouço alguém gritar ao meu lado, “olha o refrigerante, a água mineral!”. Compro uma água e sento-me para descansar na calçada ao redor, meditando no que aprendi até aquele momento. Ao conhecer um pouco dessas duas Marias, uma Quitéria e outra Filipa, veio-me à mente “Maria, Maria” uma famosa música de 1978, muito conhecida até hoje, do cantor Milton Nascimento. Ela fala assim: “Maria, Maria/É um dom/Uma certa magia/Uma força que nos alerta [...] /Mas é preciso ter força/É preciso ter raça/É preciso ter gana, sempre/Quem traz no corpo a marca”... A música nos faz lembrar das Marias que enfrentam as dificuldades da vida com raça e coragem. Hoje, depois de saber da vida dessas duas marias do 2 de Julho, toda vez

que escutá-la vou lembrar-me também de Maria Quitéria e Maria Filipa, mulheres guerreiras, corajosas, que aos seus modos usaram as armas que tinham. Uma usou armas de fogo, a outra usou artimanhas naturais e, assim, desafiaram seu tempo, servindo de exemplo para todas as mulheres do nosso Brasil, que enfrentam jornadas duplas de trabalho e casa, enfrentam assédios e violência por muitos que querem calar suas vozes e vontades. Essas duas Marias também são exemplos para as minorias que vi representadas no desfile,: negros, pobres... E quantos não sabem nada delas e vão continuar sem saber?

É o fim do cortejo e o início de uma nova consciência e uma nova forma de pensar e ver o 2 de Julho. Esta data é a partir de agora, muito mais que um simples feriado sem aula. Dirijo-me ao estacionamento, refletindo que esse evento canta o passado, reflete o presente e tem pretensões de mudar o futuro. Em 1823 ficamos livres de Portugal, mas a luta continua no palco do Campo Grande. Os protagonistas de nossa história e o povo comum acirram novas lutas por liberdade. A luta contra o preconceito, contra o genocídio das comunidades indígenas e quilombolas, contra a homofobia... Novamente relembro Foucault, no livro *A microfísica do poder*, em que diz “onde tem poder há resistência”. Essa resistência é precisa e oportuna para haver mudanças. Desejo que essas Marias não sejam só lembradas em dia de festa, mas sejam motivo de reflexões dia a dia de nossas escolas para que valorizem suas raízes

Já em casa, ao assistir a repercussão da festa na TV, escuto que a Secretaria de Educação da Bahia, numa bela iniciativa está promovendo um concurso cultural, objetivando valorizar também as mulheres da independência, que vão muito além das Marias destacadas por mim, a exemplo de Joana Angélica, as pescadoras de Saubara, entre outras. Soube também pela TV, que o historiador Tiago Medeiros, um amante de tecnologia e especialista em inteligência artificial, recriou as imagens dos personagens símbolos da independência, Maria Quitéria, Ma-

ria Filipa, Joana Angélica e o Corneteiro Lopes. A sua intenção é aproximar estes com a juventude, dando uma visibilidade nacional a esses personagens históricos, dando o devido reconhecimento a eles. Ao ouvir essa notícia corri para o Google para procurar as imagens criadas por ele. Que coisa linda, gente! Fiquei deslumbrada com a perfeição, parece que estou frente a frente com elas. Printei e mandei rapidamente para uma colega,pró de Literatura, natural do distrito de Maria Quitéria, que tem uma paixão pelos causos envolvendo essas Marias.

Fico feliz de que a história dessas mulheres poderá viajar outros espaços além da Bahia. Olho para meus livrinhos que comprei no desfile, guardo-os e já estou pensando a quem convidar para ir comigo no próximo ano. E, como estou tão próxima das duas Marias aqui homenageadas, meu olhar se voltará para as outras figuras do cortejo. Quem sabe não surgirá outra crônica? Aguardem!





É festa na Bahia

Helenilda Santos de Meireles Almeida

Vem cá, dona Maria

Coloca flores na janela

É dia de alegria

Data muito bela

Arrumem os carros

Preparem os cortejos

Cuidados com os esbarros

Muita gente no festejo

A data é Dois de Julho

Vamos relembrar

Estufa o peito com orgulho

Festa para comemorar

Corre aqui seu Manoel

Coloca a bonita gravata

Pega o chapéu

Compra chuva de prata

Prestem bem atenção

Uma história vou contar

De uma corajosa expulsão

E uma vitória coroar

A Bahia era subjugada

E não aceitava a opressão

Mas tinham pessoas encorajadas

Em se livrar dessa agressão

Foi assim que nasceram os heróis

Da simplicidade do anonimato

Se tornaram como faróis

Ao inimigo dando ultimato

E as heroínas...

Mulheres da sociedade machista

Moças, meninas

Por natureza fetichista

O ano era 1822
Crescia o sentimento federalista
Não dava para deixar para depois
Necessária era essa conquista

Foi um movimento social
E também militar
Necessidade real
Era a hora de lutar

Uma irmã, freira baiana
Chamada Joana Angélica
Atingida por uma baioneta tirana
Trazida pela morte frenética

Foi de uma coragem extrema
Defender o convento
Não aceitava o sistema
Morreu nesse evento

Mas no campo de batalha
Disfarçada de soldado
Não se importou com a muralha
Caráter bem moldado

Maria Quitéria era seu nome
Lutou bravamente
Coragem seu sobrenome
Queria viver livremente

Uma descendente de escravizados
Também surge nessa história
Deixou navios incendiados
E seu nome na memória

Estou falando de Maria Filipa
Liderando mulheres fortes
Deixou uma tripulação aflita
Pelos corpos muitos cortes

Vigiou as praias
Enviou mantimentos
Arregaçou as saias
Voz ativa no movimento

Um habilidoso general
Pedro Labatut estrategista
Organizador governamental
Passou a tropa em revista

A ordem era para recuar
Mas em sua experiência
O comando fez trocar
Avancem com inteligência

O inimigo enganado
Dá meia volta às carreiras
Estão eles reforçados
Não estão pra brincadeira



169

Ele não foi um traidor
Português que lutava por justiça
Abandonou o grupo destruidor
Que a raiva atiga

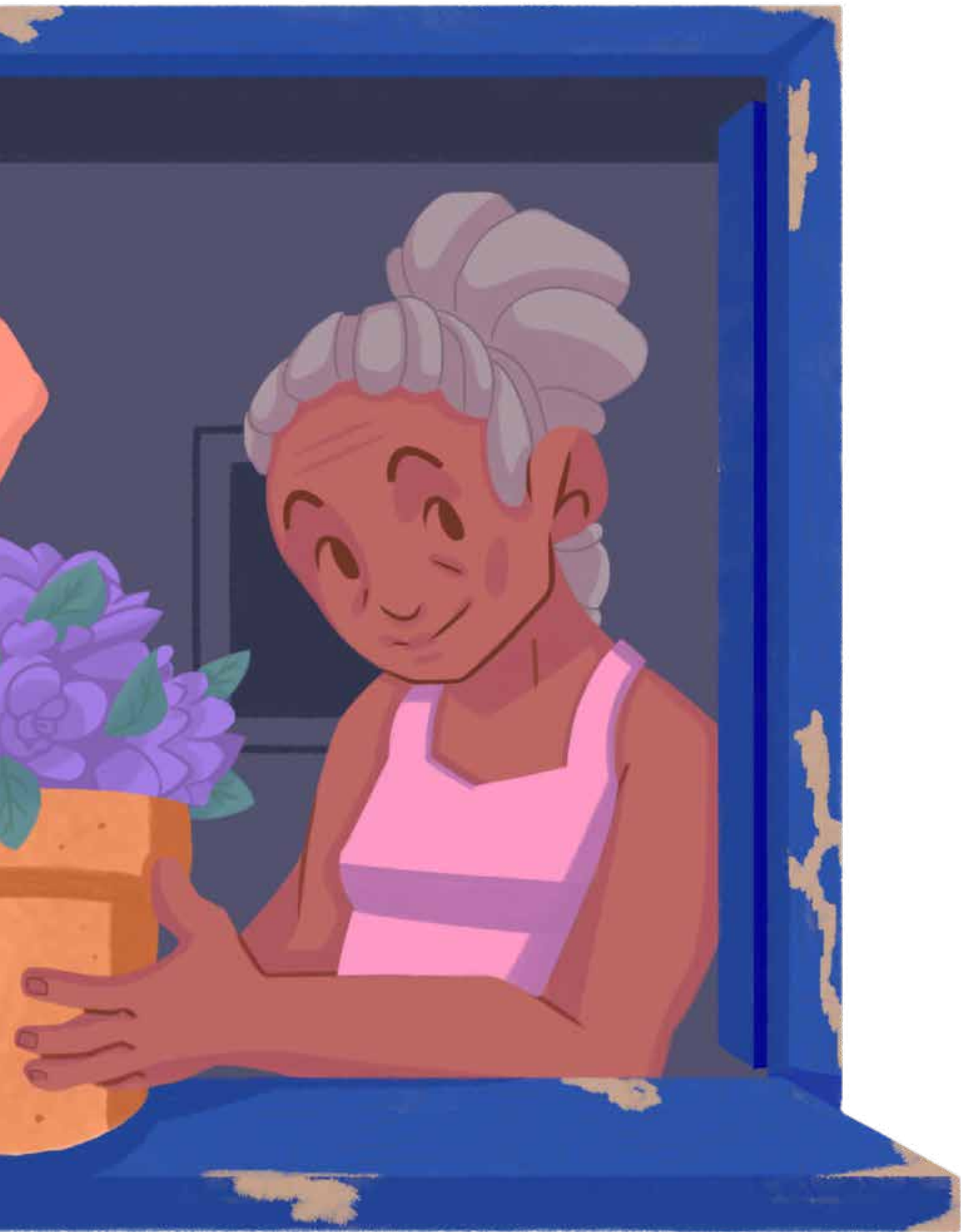
João das Botas foi assim
Corajoso militar
Repudiou o exército ruim
Para mais injustiças não causar

Era um religioso
Vivia a rezar
A fé o fez corajoso
Pronto para pelejar

Frei Brayner se preparou
Homens foi recrutar
O exército baiano ampliou
Mais pessoas para lutar

Escondidos no sertão
Um povo miscigenado
Os encourados de Pedrão
Não se deixaram ser escravizados

Aproveitaram o momento
Na cidade de Cachoeira
Havia chegado o tempo
Juntaram-se à trincheira



Muitas heroínas teria que falar
Mulheres que não se intimidaram
Para sua terra libertar
Se fizeram fortes e lutaram

Entendem agora minha euforia
É Dois de Julho, festa dos guerreiros
Estamos na Bahia
Um “viva” aos brasileiros

170

Graças à coragem do povo baiano
Que lutou sem clemência
Considerado provinciano
Abriu caminho à independência

Viva a liberdade
E respeitem estas terras
Mais amor e igualdade
Menos ódio e guerras

Se aqui continuar
Muitos heróis aparecerão
Caciques, corneteiros para ajudar.
Lista imensa para coroação

E lá se vão duzentos anos
Com batalha, luta
Muitos danos
Árdua labuta

Estamos no bicentenário
De uma batalha histórica
Expulsão de exército arbitrário
Coroando a vitória heroica

Canta e dança minha gente
O momento é de alegria
O trabalho diligente
Abençoou nossa Bahia.

Conquista da Independência do Brasil foi na Bahia!

Gilmar Ferreira

A todos peço atenção
Agora pra este cordel,
Pois este texto fiel
Retratará com emoção
Fatos da nossa nação
Que inspiram resiliência.
Bahia foi resistência;
Foi terra de missionário,
Por isso há bicentenário
Da nossa independência!

No cordel o fato histórico
Será aqui retratado;
Também será registrado
Algum caso que é folclórico.
De um jeito categórico
Dá destaque a personagem
Que sim demonstrou coragem
E lutou com competência
Aqui pela independência
E terá nossa homenagem.

Nosso poeta maior,
Castro Alves, da Bahia,
Um dia com alegria
Fez o poema melhor
Para se saber de cor
Sobre a nossa independência
E pra se ter consciência
Fez “Ode ao Dous de Julho”,
Do qual sinto muito orgulho,
Pois, retrata a nossa essência.

E o ‘Poeta Condoreiro’
Aqui vou ‘ressuscitar’,
Pois é preciso lembrar
De quem decantou primeiro
O porvir tão altaneiro
Que nos trouxe a galhardia
E também toda alegria
De hoje termos sapiência:
Conquista da independência
Do Brasil foi na Bahia!

Castro Alves disse: “Uma voz
Se elevou clara e divina [...]
Liberdade peregrina [...]”
Ele alertou todos nós
Pra desatar muitos nós...
Lembrar que somos guerreiros,
Que lutamos nos terreiros,
Nos campos, rios, mar, forte...
Saibam do sul até o norte:
Brasil é dos brasileiros!

O ‘Poeta dos Escravos’
Mostrou o protagonismo
E todo o antagonismo
Da luta dos nossos bravos;
Que em busca dos agravos
Frente à ‘treva foi clarão’;
‘Foi pulso contra o ferrão’,
Pois lutou, sim, de verdade
Em busca da ‘liberdade
Frente à escravidão’.

Luta de ‘águia contra abutre’,
Castro Alves descreveu...
E bem assim farei eu
Para que o povo se nutre
E assim nunca se frustrre
E saiba toda a verdade
Pra amar com mais vontade
Nossa querida Bahia
Que buscou com galhardia
Caminhos pra liberdade.

E essa história ‘começou’
De uma forma tão bacana:
A Conjuração Baiana, (1798)
Acredite, incentivou.
Pois, ela influenciou
A nossa emancipação;
Luta contra a expansão
De Portugal no Brasil,
A conjuração viril
Combateu a servidão.

Narrar aqui essa história
É construir o presente.
Para que assim a gente
Faça um futuro com glória.
2 de Julho foi vitória,
Pico da nossa odisséia
De gente rica e plebeia
Que lutou com consciência,
Conquistou independência!
Leia toda essa epopeia...

173

A Revolução do Porto (1820)
Ocorrida em Portugal
Influenciou geral;
O Brasil foi absorto
Não quis zona de conforto
Quando Madeira de Melo
Quis mostrar o seu 'cutelo'
E Salvador atacou. (19.02.1822)
O povo se revoltou
E fez movimento belo.





Portugal com força bélica
Deixa o povo em desalento.
Pois, mata até num convento
De forma maquiavélica;
Matou a Joana Angélica (20.02.1822)
Lá no convento da Lapa.
Pro povo isso foi um tapa,
Pois a freira era heroína
Portugal buscou ruína,
Logo o Brasil lhe encaçapa.

Batalha de Pirajá
Felipa mostrou bravura
Lutou com desenvoltura
Com toda força que há.
Outra igual não haverá,
Ela lutou com emoção
Tal qual a cada vaqueiro
Do meu sertão altaneiro:
“Encourados de Pedrão”.

175

Joana Angélica fica
Mártir do patriotismo!
E também com heroísmo
Na ilha de Itaparica
Surge Maria Felipa,
Pescadora e marisqueira
Que se transforma em guerreira
Que lutava com facão
E usava cansação
E em Portugal deu carreira...

Lutou firme a vaqueirama
E ajudou na vitória
Que ao Brasil deu a glória,
Apesar de tanto drama...
Não quis a pátria na lama
O indígena, o escravizado,
Deixaram um bom legado
Que foi nossa independência
E aqui fica a experiência
Fatos do nosso passado.

A guerra produziu morte
E também muita miséria.
Mas com Maria Quitéria,
Uma mulher de pulso forte,
Que ao Brasil deu um norte
E ajudou na vitória
Contamos esta história
Que sempre será lembrada
Para ficar registrada
Pra sempre em nossa memória.

A Bahia terra amada
É o nosso chão, nosso sol,
É a luz do arrebol;
É a coisa mais sagrada!
Por isso ela é decantada
Com carinho e com louvor
A Bahia tem valor
Ela é nossa inspiração
Bahia é meu coração
Bahia é o meu amor!

Sempre é bom comemorar
A nossa independência!
É preciso consciência
E faz bem acreditar.
Por isso aqui vou falar
Conheça a sua Cultura
E quem lutou com bravura
Muita raça e coragem
E aqui fica essa homenagem
Para a geração futura.

Dois de Julho, um dia para lembrar!

Joselania de Souza Silva

duzentos anos depois
enche o peito de alegria
o baiano que celebra
sua carta de alforria
conquistada em 2 de Julho
a Independência da Bahia

a luta dessa província
marcada por resistência
de um povo insatisfeito
que lutou sem clemência
expulsando os lusitanos
de sua dependência

essa luta foi marcada
pela participação
de mulheres arretadas
que ‘foram’ revolução
e com garra e coragem
trouxeram a emancipação

muitas delas esquecidas
nesse contar de histórias
por vezes despercebidas
no relembrar das memórias
embora contribuíram
‘pro’ alcançar das vitórias

vou relembrar três mulheres
guerreiras batalhadoras
que abateram muita gente
segundo os historiadores
libertando a Bahia
dos lusos opressores

primeiro Maria Quitéria
uma grande heroína
que lutou várias batalhas
mas de forma clandestina
desafiando os costumes
com bravura genuína

177





por conta de ser mulher
não podia combater
mas uma mulher de coragem
jamais se deixa abater
por convenções que a impedem
de se desenvolver

com as roupas de seu cunhado
Quitéria se disfarçou
virou ‘Soldado Medeiros’
com as tropas ela lutou
e com ânimo e destreza
na luta se destacou

tem também outra
Maria lembrada pela coragem
ela incendiou navios
nos portos de ancoragem
e combateu marinheiros
em busca da liberdade

mulher negra e guerreira
ela é Maria Felipa
lutava até capoeira
enfrentava as barricadas
fortificando as trincheiras
da ilha de Itaparica

esta última irmã
morreu com dignidade
protegendo o convento
de sua irmandade
Joana Angélica
é símbolo de religiosidade

e esses são só exemplos
de tantas outras Marias
que enfrentaram pelejas
e venceram com maestria
ajudando a alcançar
a Independência da Bahia

que a cada 2 de Julho
possamos nos recordar
que ‘pra’ chegarmos aqui
muitas vieram a lutar
abrindo novos caminhos
para podermos trilhar

2 de Julho é um marco
da nossa independência
mas é também um lembrete
de que somos resistência
nesse mundo desigual
e cheio de inconsistência.

Agora sim: independentes, meu rei

Daniela Lima Pimentel

Nasce o sol a 2 de Julho? Despotismo? Maria Felipa? Maria Quitéria? E Joana Angélica?? Não sabe o que é isso? O que significa? Pois é. Aqui vai um resumo, bem resumido, espremido e enxugado para tu entrar no meio da história.

Foi em 7 de setembro de 1822, às margens do rio Ipiranga, que Dom Pedro, que aqui carinhosamente chamado de Pedroca, deu um grito de independência, dizendo que o Brasil estava livre de Portugal. Só que, apesar de dizerem que foi tudo em paz, oxe! Na Bahia o pau ainda tava quebrando lá no centro de Salvador. Era tiro para todo lado, porrada e bomba, uma agonia doída. O Recôncavo baiano ainda era o centro de produção açucareira, e no centro, bem no meio de Salvador, os portugueses ainda ocupavam fortes praças comerciais. E os baianos lá, na luta pela nossa independência. Botaram os portugueses para arredar o pé e se mandar daqui, e em 2 de Julho de 1823 a Bahia sai vitoriosa. Por isso que nesse dia o sol brilha mais, e é mesmo viu! Cês pode reparar.

E tá pensando que a luta foi pouca? Não foi nem um pouco. E tenho certeza que os portugueses não contavam com a resistência e força baiana, com a qual entrou nessa guerra, que foi a participação das mulheres. Joana Angélica, Maria Quitéria e Maria Felipa, foram verdadeiras heroínas nessa luta pela liberdade.

Naquela época não podia mulheres no exército, mas isso não foi problema pra baiana Maria Quitéria. Ela se vestiu de homem pra poder entrar no Exército brasileiro. E ela foi, lutou bravamente contra as tropas portuguesas e ficou reconhecida pela sua coragem e habilidade em combater. Ela foi tão assim, que quando descobriram que ela era mulher, deixaram ela ficar. E o resultado foi esse, Quitéria marcando a história da Bahia.

Maria Felipa, a marisqueira retada de Itaparica. Muito pouco se sabe sobre sua história e o que sabemos é que ela era um mulherão, alta, corpulenta, marisqueira e trabalhadora braçal. Vendo os portugueses atacarem a ilha de Itaparica, pensou ela que poderia ajudar e foi. Jogou seu charme para os portugueses, tapiou os homens e invadiu as embarcações deles e tacou fogo em tudo. Depois enfrentou outros grupos de portugueses e

deu-lhes uma surra. Sabe de quê? Folha de cansação, um trem que queima e dá uma coceira doída. Tudo isso deu uma queda grande no número de soldados da tropa.

A outra foi Joana Angélica, era uma religiosa e abadessa do convento da Lapa, lá mesmo em Salvador. As tropas portuguesas começaram tocar o terror, invadiram a casa de todo mundo e tentaram invadir o convento. Preocupada com a integridade das irmãs, a abadessa Joana Angélica prostrou-se à porta do convento, e soltou a famosa frase que dizemos até hoje: Para trás bandidos! Respeitem a casa de Deus! Só entrarão passando por cima do meu cadáver! E não é que passaram por cima! Joana Angélica foi morta a golpe de baioneta, uma espécie de faca. Sua morte deu mais alento à luta pela independência travada pelo povo baiano. A religiosa se tornou um símbolo da resistência contra o autoritarismo português e a primeira mártir do movimento de independência.

Pois bem! Essas mulheres foram declaradas heroínas da pátria brasileira. Elas foram e ainda são a representatividade de um povo. Afinal de contas, o que pouco se fala sobre a Independência da Bahia é que um exército, com 15 mil pessoas que estavam ali lutando diariamente, faziam parte do nosso conjunto, faziam parte do povo. Esses 15 mil soldados, pessoas como eu, como você, como Maria Felipa, Joana Angélica e Quitéria, elas não receberam nenhum tipo de treinamento militar. Eram só mulheres, moradoras da Bahia, que entenderam como podiam ajudar na guerra e mostrar realmente de maneira ativa como colaborar e trazer a nossa independência. A Independência da Bahia veio graças à força, à garra e à coragem de lutar do povo baiano. É por isso que é bom demais quando nos perguntam: – Cê é de onde? Ah meu fi, é de encher o peito de orgulho e dizer: Eu sou da Bahia.

Salve, salve nossas heroínas!

Salve a Bahia!

Viva o povo baiano!



À beira do rio

Ana Cláudia Valverde Santos

Voltava mais uma vez da escola com aquela inquietude de quem sente que precisa se aprofundar nos estudos, Bia nunca havia entendido e aceitado o fato de na sua escola não se falar tanto da Independência da Bahia e ter um aprofundamento do 7 de setembro com desfile e tudo, sem tratar das lutas que ocorreram na Bahia.

Naquela manhã, estava convencida que devia fazer algo. Ao chegar em casa navegou pela internet e começou a conhecer os personagens que se destacaram nas lutas pela independência. Lhe chamou atenção o fato de nunca ter ouvido sobre vaqueiros que lutaram para expulsar os portugueses na Bahia.

De repente uma queda de energia impede que continue sua pesquisa. Frustrada, resolve ir à biblioteca de sua cidade, mas, antes precisa descansar um pouquinho, afinal o dia fora corrido, cheio de tarefas escolares.

Ao acordar para ir à biblioteca Bia estranhou sua casa. Em sua frente não via mais o computador, a casa tinha um aspecto antigo, as janelas eram largas e estavam abertas, ela correu em direção à sala procurando seus pais, não os encontrou.

Ao passar pela porta que dava acesso à rua, se deu conta que não estava em sua casa, não reconhecia ao certo aquele lugar, parecia as fotografias dos livros de história.

Casarões de arquitetura antiga, uma igreja, as ruas não tinham o asfalto característico, eram revestidas de pedras escuras. Saiu andando, buscando um rosto conhecido, encontrava poucas pessoas, não as reconhecia, elas pareciam não enxergar!

O desespero tomava conta do seu corpo, o choro embargado, queria correr, mas para onde? Quando se deu conta estava às margens de um rio, nunca estivera ali antes, e ao longe viu uma senhora que caminhava em sua direção.

Ao aproximar-se dela a pegou pela mão e disse:

— Minha filha, tenha calma, vai ficar tudo bem? Venha comigo, quero te mostrar uma coisa.

Naquele momento tinha tantas perguntas e tanto medo que não sabia muito o que pensar, como chegou até aquele lugar? Onde estava? Era um sonho? Mas, ela se sentia bem acordada, se beliscou para ver se acordava, não funcionou.

Aquela senhora, uma mulher negra, lhe parecia familiar, o brilho nos olhos lhe mostravam um sentimento de coragem e ao mesmo tempo de dor que não sabia compreender. Identificou-se como Maria e a chamou para sentar à beira do rio e molhar os pés na água.

— Minha filha, muita gente já passou nesta terra, sabe ?

— Onde estou?

— Onde você queria estar. Essa região representa toda história que você quer contar. Muito se fala da Independência do Brasil, como sendo um ato heroico no dia 7 de setembro, mas você já sabe essa parte da história né filha?

— Eu sei do seu desejo e da sua curiosidade em saber porque nós que demos nosso sangue para expulsar aquele tanto de soldados portugueses, nem sequer estamos nos livros de história, da sua vontade de contar ao mundo que a Independência do Brasil se confirmou aqui neste chão!

— Como assim? Naquele momento seu coração disparava, sua cabeça estava girando...

— Calma, minha filha. Eu não sou um fantasma, só quero lhe falar de como tudo aconteceu, de como fizeram de tudo para esconder o que realmente foi a nossa luta!

Bia observava atentamente para tentar reconhecer algum traço familiar naquela senhora, mas não encontrava nada de Maria Quitéria nela, pensou nas poucas representações de Maria Felipa, não viu semelhança. Por fim, resolveu perguntar: Como a senhora pode saber o que aconteceu ? Estava lá ? Quem é a senhora dona Maria ?

— Tenha paciência minha filha, assim como as águas desse rio refrescam o ambiente lentamente eu tirarei suas dúvidas. Bia olhou ao redor e percebeu que conhecia aquela cidade, não seria possível! Estava em

Cachoeira! Cidade simbólica para as lutas pela Independência na Bahia,

— Mas como eu cheguei até aqui? Quem é essa mulher? Devo estar louca, será que eu morri?

— Bia, muita gente já passou por essa terra. Muitos dos nossos ancestrais batalharam para sobreviver. E alguns deles deram o sangue literalmente por essa terra!

— Quero te mostrar que mulheres como eu, embora muitos façam questão de apagar da história, fomos heroínas e lutamos para conquistar o sonho da liberdade! lutamos com as armas que tínhamos, muitas vezes arriscando tudo pelo nosso ideal. Uma menina como você tem o poder de manter a nossa memória viva! Acredite no seu potencial!

Bia escutou ao longe alguém chamá-la, mas, não conseguia desprender os olhos daquela mulher que tanto a fascinava, havia nela uma energia, uma potência que a deixava feliz, mesmo sem ter certeza de quem estava ali ao seu lado. Ao ouvir o seu nome mais uma vez e olhar, se viu em seu quarto novamente com o computador ligado. Assustada procurou Maria, não a viu, se dava conta que era um sonho! Mas, quem seria Maria na história? Estava fissurada nele, pesquisou por ela na internet até que achou uma representação aproximada de Maria Felipa e se deu conta que era ela!

Agora as ideias fervilhavam na sua cabeça, não via a hora de encontrar com a professora de história e mostrar todas as suas ideias para juntas criarem projetos em sua escola. Sentia que a memória de Maria Felipa estava viva, Pulsante nela, uma menina preta de apenas 15 anos! Sentia-se como se tivesse 200!



Bicentenário da Bahia: um canto de liberdade com história

Cleane Alves Santos

No ano de 2023, com honra e orgulho,
A Bahia comemora um feito notável,
O Bicentenário da Independência, um estandarte,
De um povo que mostrou ser seguro.

Neste cordel, real e singelo,
Narrarei a saga que nos fez livres,
Na Bahia, a independência foi um desejo,
Que surgiu nas almas, como rios a fluir.

Numa Salvador de séculos a seduzir,
O local da batalha, onde a história se entrelaça,
Os baianos se aliaram, sem hesitar,
Com coragem e bravura, cada passo era uma lança.

Em 1823, tropas portuguesas adentraram com gana,
Bahia, corajosa, não se deixou subjugar,
Nas ruas, a guerra ebulia como chama,
A independência era uma utopia a conquistar.

Joana Angélica, Maria Quitéria, nomes a soar,
Mulheres destemidas, heroínas sem igual,
Na trincheira da luta, a desbravar,
O destino da independência, com fervor ancestral.
“Pela pátria e pela liberdade, avante!” - Joana Angélica

Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias,
Ordenou com coragem as tropas brasileiras,
Na diligência contra o invasor, com maestria,
Indicou que a Bahia tinha suas bandeiras.

Cipriano Barata, líder brilhante,
Com suas frases, inspirava a nação,





Na busca da liberdade, estava ao lado,
Dos que lutavam com paixão.

Maria Felipa de Oliveira, uma batalhadora audaz,
“Antes morrer livre que em paz subjugar.” – Maria Felipa
Padre Feijó, de fé e pensamento excêntrico,
Defendia a causa da independência com fervor,
Com termos e ideias, estava ao lado,
Do povo que lutava por um Brasil melhor.

Manuel Lopes Rodrigues, de marca firme no leme,
Nas batalhas pela independência, foi um guia,
No comando do brigue *Constituição*, o creme,
Da marinha que enfrentou com maestria.

No 2 de Julho, a vitória resplandecia,
As cores verde e amarelo, o céu a colorir,
A Bahia, enfim, sua independência via,
Nas estrelas da bandeira, a se desenrolar.
“Independência ou morte!” - Grito de Dom Pedro I

Bicentenário da Bahia, um marco de magnitude,
Com sua cultura original, diversidade a pulsar,
Nossos ritmos, danças, com toda graça,
Na celebração, o coração a transbordar.

No Hino ao Dois de Julho, a Bahia se evidencia,
Orgulho e identidade, na canção a soar,
Relembramos nossa história, cada estrela a centelha,
No palco da independência, a Bahia a brilhar.

Narrativas de luta, de esforço e glória,
Neste cordel que teço, com inspiração e paixão,
Apresentam os elementos de nossa trajetória,
No Bicentenário da Independência, em gratidão.

Que esta história, dita em versos e rima,
Inspire a todos com sua peculiaridade,
Bicentenário da Bahia, na infinitude da estima,
Numa homenagem à nossa identidade e à liberdade.

200 anos de Independência

Leda Soares da Silva

200 anos de Independência

Do Brasil na nossa Bahia,

200 anos de um feito histórico

Que nos enche de alegria;

Salve o sol de Dois de Julho

E a grandeza desse dia.

A insatisfação com Portugal

Motivou muitas disputas,

Colonos e portugueses

Desencadearam essas lutas;

E o nosso povo resistente,

Lutou com unhas e dentes

Sangue, suor e labutas.

Foram muitas as batalhas

E tamanha a agitação

Que tomou conta da Bahia

E de toda a região;

Uma província descontente,

Lutando com sua gente

Pra defender nossa nação.

Inconformados com a tirania

Da coroa de Portugal,

O povo brasileiro

Resistiu sem igual;

Planejaram suas ações,

Dominaram embarcações

Em momentos cruciais.

Tendo a Bahia como cenário,

Instaurou-se a resistência,

Marcando a luta do nosso povo

Pra conquistar a independência;

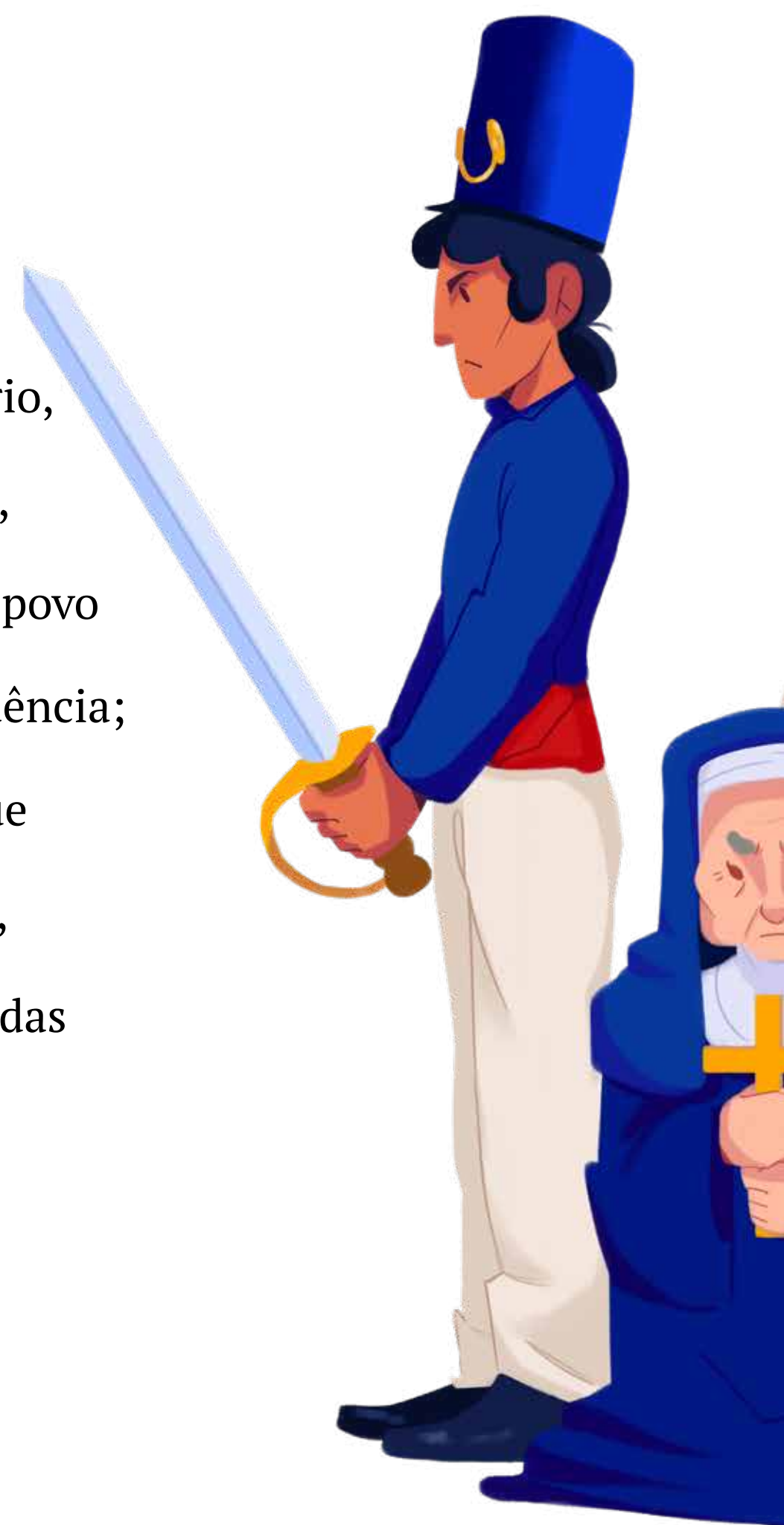
E assim, merecem destaque

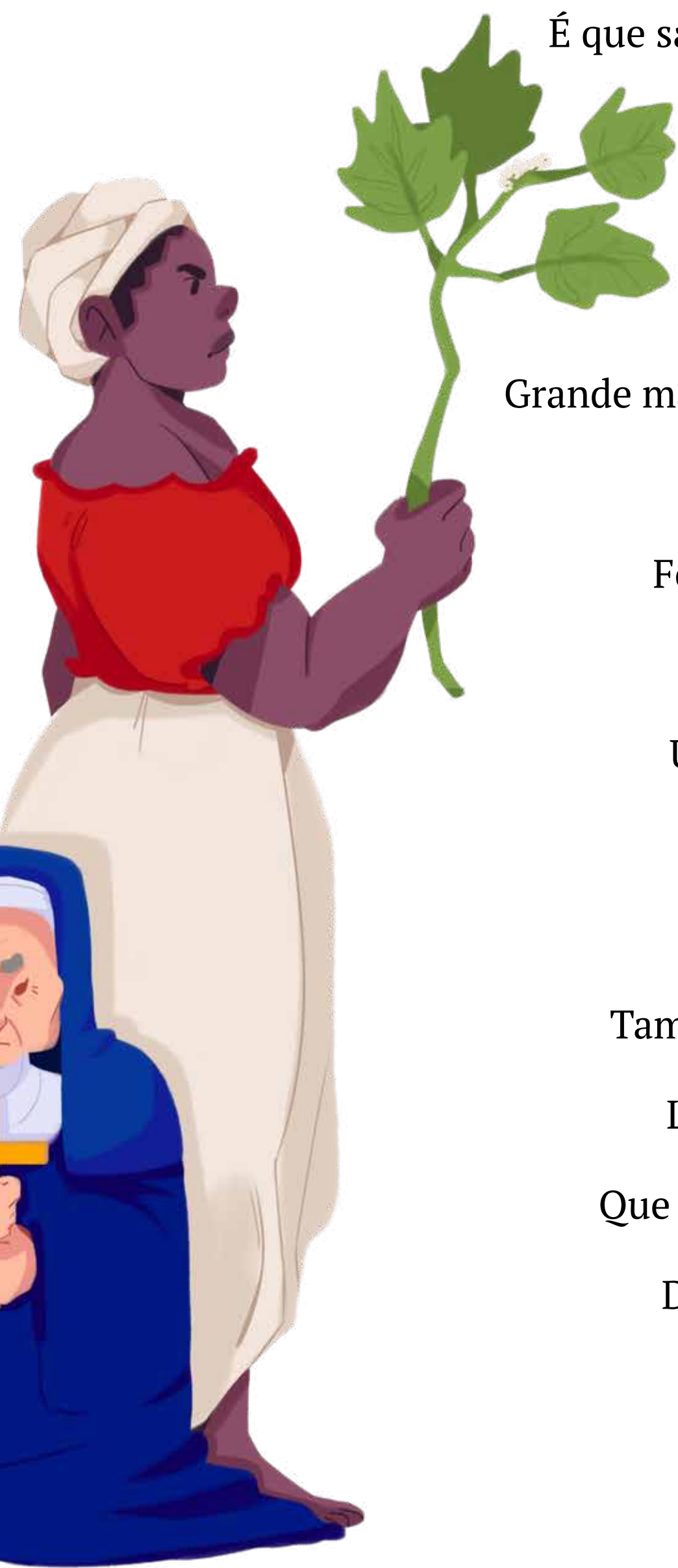
Entre esse povo tão gentil,

Personalidades pouco citadas

Na história do Brasil.

185





A jovem Maria Quitéria
Nas astúcias femininas,
Apresentou-se ao Exército
Trajando roupa masculina,
Por sua relevância nos combates
E o destaque dessa menina

É que saudamos com muita honra
A bravura dessa heroína.

A sóror Joana Angélica,
Grande mártir dessa independência;
Em defesa da nossa causa
Foi alvejada sem clemência,
Mulher estimada e de fé
Um símbolo de resistência.

Maria Felipa de Oliveira
Também merece essa menção,
Líder do grupo de vendetas
Que lutaram pela consolidação
Da Independência da Bahia
Com maestria e exatidão;

Isso foi lá em Itaparica,
Onde quarenta mulheres e Felipa
Fizeram revolução.

Armadas com suas peixeiras,
O grupo de marisqueiras
Incendiaram a embarcação;
E os tiranos portugueses
Nossas guerreiras detiveram
Com uma surra de cansação.

Pelas filhas dessa pátria,
As guerreiras da Bahia,
Que comandaram com bravura,
Liderança e valentia,
Pelo sol de Dois de Julho
E o seu brilho que irradia,
Pelo povo baiano, sua fé e alegria:
O nosso grito é uma prece
De resistência todos os dias.

Seja a Bahia de Jorge Amado,
De Quitéria e Joana;
Seja a terra de Maria Felipa,
João Ubaldo e Bethânia;
Nossa Bahia é história,
É a cultura que emana em mim
Saudações ao povo baiano,
E viva o Senhor do Bonfim.

Uma prece para Marias

Silvia Letícia da Silva santana

187

Oh, Maria!	E agora, Maria?
Vieste de ti os gritos	Quantos c-á-l-i-c-e-s ouviste
Abafados	Papéis lhe eram negados
Silenciados	Mas isto não foi impedimento
Apagados,	Para romper o exército
e	De imposições...
(De) formados	
Ao longo da história?	Lutaste bravamente, oh Maria!
	Ao som do berimbau, atabaques e agogôs
Teus poemas, oh Maria!	Tu és o tambor
Uma prece silenciosa	De vozes-mulheres
Rompe a métrica e a rima do poeta	E raízes ancestrais.
Em tapetes de sangue retinto	
A escrevivência de uma vida	Na luta pela (in)dependência, oh Maria!
De luta	A força te guiaste
Dor	O cansaço, um aliado
...E RESISTÊNCIAS!	E o Axé seu amuleto.





És tu, Quitéria? PRESENTE

És tu, Felipa? PRESENTE

És tu, Joana Angélica? PRESENTE

SIM... Somos, Marias! PRESENTE

Somos Marias

Buscando a liberdade de ser e existir

E nossos corpos

Regulados

Violados

e

Vigiados

Sangram todos os dias...

E agora, Marias?

Que sejamos resistências

E tenhamos a força das caretas do mingau

Para afastar de nós o que nos coloniza

Aprisiona

Impede de caminhar

E ver o que está além dos emparedamentos sociais.

E se Evaristo diz que escrever é sangrar

Sangramos todas juntas

Para renascer como fênix

E

SER

BAOBÁ.

Fingir liberdade

Janildes Almeida Chagas

— Fica quieto, Ari! Se eles *encontra* a gente, *nós* tá perdido!

— Quando a gente se casar e sair daqui, *nós* não vai se esconder mais, Benta.

— A gente é criança, Ari!

— *Nós* vai crescer, Benta, aí *nós casa*.

— Aí, está! Saiam daí! Benta e Ari! *Ocês* sabe que Dona Liana não gosta de bagunça por aqui, *bora* sai daí logo!

Eu e Ari *cresceu* junto. Nós entrava na Casa Grande para se fingir de livre. O que era fingir de livre? Era brincar que a gente tinha uma casa tão bonita quanto aquela, um sofá, uma mesa... Nós não *queria* pessoa escravizada para nos servir, a gente sabia que ser escravizado era ruim, eles roubavam nossa alma, dizia que a gente era porta, às vezes uma porta tinha mais valor que a gente. Nossa brincadeira era de ter alma, sorriso, sonhos, mas quando mãe encontrava a gente, saía correndo, porque se Sinhá Liana nos visse, a castigava, eu tinha medo de entrar lá, mas o desejo de fingir liberdade era mais forte.

— Acorda, Benta! *tá* aí parada feito estátua, pensando em quê? Tem muito trabalho aqui.

— Tava lembrando de eu e Ari, mãe!

— Tem tempo pra isso, não, fia! Ari é passado, ele se foi. Tome! Leve esse recado que Dona Liana deixou para o *coroné*. Ele tá lá na usina de açúcar.

— Ah...vou lá nada,mãe..aquele seu Tomé me dá nojo

— Não é pra seu Tomé. Vai logo, Benta! É só entregar ao *coroné* Antônio e *vim* embora.

— Tá bom, mãe!

A fazenda Belo Alto ficava na vila de Cachoeira, no Recôncavo baiano. Ali, os escravizados eram divididos entre a plantação de fumo e a usina de açúcar. A casa de D. Liana e de coronel Antonio era pintada de branco e azul, cheia de quartos, de salas, quadros. Eles não *tinha* filhos, o povo dizia que Dona Liana não podia ter, ela até fez promessa, começou a ensinar as crianças negras da fazenda a ler e escrever, mas parece que não deu certo, não emprenhou, a partir daí passou a odiar as negras que eram mães, se a gente fizesse alguma coisa que desagradasse a ela, batia nas mães. Deixou de ensinar e passou a perambular pela fazenda.

— Garcia e Brandão já marcaram lá em Belém a reunião.

— Isso vai dar certo, mesmo, coronel? Não é perigoso, não?

— Que perigoso,Tomé? Já passou da hora de termos o país para nós. Só trabalhamos para enriquecer Portugal. É hora de expulsar os marotos e nos tornarmos independentes.

— Tem que tomar cuidado, coronel, para os negros não se assanharem. Ouvi dizer que tem até mulher negra na liderança de luta, pras bandas de Itaparica, uma tal de Maria Felipa.

— É o que menina? Que tá fazendo aí parada, escutando a conversa?

— Dia! Sinhá Liana mandou trazer para o senhor *coroné*!

— Liana e suas amolações, só presta para pensar em futilidades. Pra me dar filhos, nada!

— Essa é a filha de Glória, né, coronel?

— É Tomé... cresceu...! Me dê esse bilhete e vá se embora, menina!

Benta já contava com 18 anos de idade. Sua mãe, Glória, era alforriada. Dona Liana tinha lhe dado a liberdade, mas não à Benta, então Dona Glória era escravizada duas vezes, porque era livre, mas continuava trabalhando na fazenda para ficar junto de Benta. Sua avó foi capturada na região do Benin e viveu escravizada no Brasil. Seu pai não conheceu, morreu antes dela nascer. Segundo contam foi líder de uma revolta de escravizados na região e sumiram com ele.

— Mãe, eu ouvi...

— Ouviu o quê, Benta? Tem tanta coisa pra fazer, se Sá Liana chega e vê a gente conversando aqui...

— Mãe, vai ter guerra, eles vão expulsar os marotos, os portugueses, e virar independentes de Portugal.

— Cachoeira?

— Não, mãe! O Brasil todo.

Os dias que se sucederam depois da reunião no distrito de Belém foram de agitação. No dia 25 de junho de 1822, na Casa da Câmara de Cachoeira foi proclamada a Independência do Brasil de Portugal, o povo que festejava na praça, foi alvejado pela canhoneira dos portugueses disposta no rio Paraguaçu, foi um banho de sangue. A guerra se iniciou de vez.

— Benta, onde *tu tava*?

— Dei um jeito de ir à cidade ver o que está acontecendo.

— Você tá doida? Se pegam você?

Fui ver a luta pela Liberdade, mãe! Eu vi um batalhão de soldados, têm pretos lá. Tem mulher lutando também. Já tinha ouvido da conversa de seu Tomé mais coroné Antônio, e Lúcia

confirmou, que lá pras bandas de Itaparica, tem até preta líder, o nome dela é Maria Felipa. Eu também vi uns barcos chegando com muitos soldados, diz que vinham do sertão.

— Benta!

— Sim, *coroné*!

— Vá até a cidade e entregue esse bilhete ao intendente. Vou à plantação, Glória. Quando Liana aparecer avise que chegarei tarde.

— O *coroné* já saiu, agora posso falar, tu não vai, não quero que você se perca, se você for, tu não volta, eu sei, meu coração *tá* dizendo.

— Fique em paz, mainha! *Tu* não vive dizendo que nós mulheres da família, somos descendentes de guerreiras africanas? Eu volto com a liberdade presa em minhas mãos. Não chore, não!

Na sua ida anterior à cidade, Benta já sabia a qual grupo iria se juntar, quando chegou, já foi direto conversar com Lúcia que lhe orientou no trabalho de cuidar dos feridos e fazer a leva de mantimentos para as tropas brasileiras à noite. Recebeu dela uma faca para defesa e a instrução de usar quando disso dependesse da sua própria vida. Chegando a noite, as mulheres se reuniram e foram pela trilha aberta no mato, a fim de levar comida para o acampamento dos soldados brasileiros. Benta estava com elas. Tomava os maiores cuidados, quase não respirava para não fazer barulho. Temia ser descoberta e pôr tudo a perder.

— Que barulho é esse? Lúcia? Lúcia?

Benta não conseguia ver nada. Só ouviu os gritos. Por impulso, começou a correr, correu em disparada, já estava chegando perto do acampamento, até que se lembrou de voltar e pegar os mantimentos que deixou pelo caminho, deu de cara com dois soldados portugueses que já tinham capturado as outras mulheres, puxou a

faca, atingiu um deles no olho, mas agora estava desarmada. Foi descoberta. Acabou. Fechou os olhos. Se viu brincando com Ari. Viu o rosto de sua mãe Glória. Ouviu um tiro. Seria livre em outro lugar. Ouviu outro tiro. Abriu os olhos. O sangue se espalhou. O corpo do segundo soldado português caiu a seus pés. A Liberdade atira?

— Benta!

— Ari? Ari? É você? Você tá vivo?

— Não é visage, não! Sou eu! Voltei pra lutar, te vi de longe quando cheguei naqueles barcos, sabia que era você. Sabia que ia lutar.

— Onde você estava, Ari? Você foi embora e nem falou comigo.

— Eu estava pelos lados do rio São Francisco. Coronel Antonio me vendeu para as Gerais, juntei dinheiro, comprei minha alforria e me mocombeei numa terra perto do rio das Rãs, aqui na Bahia. Essa terra é minha também, Benta, é nossa e ela me chamou para a luta.

— Não posso voltar para Belo Alto, Ari. O que vou fazer?

— Nós vamos continuar lutando, Benta, e quando isso acabar, vamos juntos para o sertão, eu e você não vamos mais fingir liberdade.

— E minha, mãe, Ari?

— Ela vai ficar bem, Benta.

As lutas pela Independência da Bahia continuaram pelas ruas de Cachoeira e cidades do Recôncavo baiano. As forças brasileiras obtiveram inúmeras vitórias. As histórias das conquistas do grupo liderado por Maria Felipa em Itaparica chegavam aos ouvidos dos populares de Cachoeira. As mulheres, principalmente, se viam incentivadas pela sua coragem. Benta e Ari lutaram lado a lado até que a guerra contra os portugueses foi vencida. O coronel Antônio deu pela falta de Benta, mas ao contrário do que se pensava, não deu muita importância, já que enfrentava uma revolta na usina. Dona Glória recebeu a notícia que algumas mulheres foram pegadas pelos portugueses, mas uma tinha escapado e ela sabia que era Benta. Não tinha mais motivo para ficar. Foi embora da fazenda.

...

— Eita, quanta água! Esse rio São Francisco é bonito, né Ari?

— É bonito mesmo, Benta! Mas, o que foi?

— Oxe! Achei aqui o bilhete do *coroné* Antônio que eu não entreguei.

Senhor Intendente,

Ao final da guerra, prendam todos os pretos e pretas que lutaram. Não deixe que pensem que essa terra é deles.

— Eles não quiseram entender que a luta pela liberdade não era só deles, Benta!

— Eles não entenderam, mas a terra entende. Ela, a terra, nunca mais se esquecerá de nós. Pode se passar 200 anos ou mais, por onde se pisar, a terra vai gritar nossos nomes, ainda que não nos pintaram, nem tenha registro nos papéis. Negros e negras lutaram e conquistaram a independência desse país.

E é por isso, Ari que essa criança que carrego no meu ventre, não irá fingir liberdade, ela já a tem por sobrenome.





Escurecendo a história: protagonismo feminino e as lutas pela Independência da Bahia

Fabiana Correia Moura

Quando observamos as narrativas da maioria dos livros didáticos de História do Brasil o grito de Independência ou Morte aparece sempre enaltecendo o grito do Ipiranga “Independência ou Morte”. Muitos autores(as/es) ao apresentarem as lutas pela independência abrem o capítulo com o Hino ao Dois de Julho, enaltecendo os conflitos desencadeados Brasil afora, mas, as mulheres aparecem muito superficialmente nas narrativas.

Entre as lutas que se destacam pela Independência do Brasil, os embates que culminam no 2 de Julho são divisores de águas. A historiografia oficial e comumente noticiada é narrada pela ótica dos “vencedores” e seus emblemáticos chavões tantas vezes repetidos. As memórias silenciadas, enterradas escamoteiam a atuação feminina tão latente.

Aqui vamos nós pelas mãos de Maria Felipa, mulher preta, cingida de força e coragem herdadas da condição histórica dos seus ancestrais.

No percurso nos encontramos com Joana Angélica e Maria Quitéria e entre rezar e manejar as armas abriram os baús do tempo que exalta a potência do sagrado feminino, elas ousaram se posicionar na marcha.

A conjuntura violenta exigia coragem, Portugal como todo europeu, não negocia quando o lance é ceder privilégios, tudo se resolvia na violência, na porrada e na bala. O triunfo dos exércitos geralmente enunciado pela lógica patriarcal, obscurecem memórias que enaltecem a potência e o protagonismo feminino nas batalhas. Em pleno século XXI ainda somos subjugadas em nossas guerras, mas seguimos (re)existindo e protagonizando em meio as batalhas.

A história oficial assegura o tempo todo que no 7 de setembro de 1822, às margens do riacho Ipiranga, o príncipe regente proclamou a Independência do Brasil. Qual independência? Autonomia política e descolonização dos territórios?

Na verdade, ainda hoje, no seio da era da grande revolução tecnológica, os ecos da colônia ainda circundam a realidade, são fantasmas góticos e ganham corpo na latência do machismo, do patriarcado e da misoginia reverberada nas micros e macroestruturas.

O intrigante nesta história é pensar que as mulheres insurgentes e divergentes do contexto são silenciadas e suas batalhas vilipendiadas. O documento oficial elaborado durante o mandato do governador Jacques Vagner escrito por Ubiratan Castro de Araújo reconhece a importância de mulheres assumindo postos combatentes, a começar pela tomada do Forte de São Pedro que resulta na morte da abadessa sóror do convento da Lapa, Joana Angélica. Segundo os autores “Joana Angélica heroicamente tentou impedir a entrada de soldados portugueses no claustro feminino do convento da Lapa.”

Além da enaltecida abadessa, Maria Quitéria é conhecida pela subversão às condições históricas patriarcais que lamentavelmente até hoje limitam espaços de protagonismo feminino.

Maria Quitéria de Jesus, nascida em 27 de julho de 1792, em São José das Itapororocas, atual município de Feira de Santana - Bahia, fugiu de casa, usando disfarce de homem, fardamento emprestado pelo seu cunhado, lutou contra os portugueses, posicionou-se politicamente numa época em que a sociedade subjuguava as mulheres submetendo-as à obediência cega aos pais e maridos e limitadas aos cuidados dos filhos e do lar.

Quitéria em ato de rebeldia “Apresentou-se como soldado Medeiros ao batalhão dos voluntários do príncipe, chamado “dos Periquitos”, por causa da cor verde da farda. Por seus atos de bravura em combate, o general Pedro Labatut conferiu-lhe as honras de 1º cadete. Ela também participou do desfile das tropas brasileiras em Salvador em 2 de Julho de 1823, sendo recebida



festivamente no largo da Soledade, onde hoje há uma estátua em sua homenagem”.

Louvável a bravura, a coragem e ousadia de Quitéria. Sua trajetória anuncia às mulheres uma mensagem de força e uma convocatória além dos ideais da independência; sua bravura desvela a importância de nós mulheres questionar os ditames patriarcais, questionarmos as ordens, transpassar a experiência da maternidade romantizada ou dos papéis sociais pré-definidos. Maria Quitéria nos ensina que é preciso coragem para transgredir o liame das forças opressoras.

À medida em que escavamos os túmulos e memórias silenciadas pela narrativa eurocêntrica, patriarcal e racista, nos questionamos: numa batalha travada no seio do estado baiano em quais capítulos entram as mulheres negras? A resposta é Maria Felipa. Quem lutava com ela? Tantas outras pretas que embravecidas contra o domínio exploratório da Coroa portuguesa entenderam que seu “lugar de fala” era na verdade o “lugar da luta”.

Maria Felipa de Oliveira, “uma negra alta e audaz que, sendo uma forte liderança em sua comunidade, tornou-se fundamental na organização da resistência insular”. Na ilha de Itaparica, comandou dezenas de homens e mulheres, negros e índios, na queima de 42 embarcações portuguesas durante a batalha de 7 de janeiro de 1823.”

Para muitos historiadores Maria Felipa de Oliveira é “uma representação de como a comunidade de Itaparica encarou sua participação na Guerra de Independência. Seu caráter popular e aguerrido, suas atividades laborais – marisqueiras, no comércio de baleias, ganhadeira – sua identidade étnico-social – negra e pobre – fazem dela uma heroína que agrega em si as características de um grupo que teve uma participação significativa no processo de libertação da Bahia, mas que permanece, sob vários aspectos, ignorado.”

Ignorar a presença da negritude como personalidades de importância nas lutas da independência, assim como em toda história do Brasil é típico da historiografia eurocêntrica. É impossível não questionar os recursos discursivos que enaltecem Joana Angélica, a condecoração de Maria Quitéria e o que resta a Felipa? O anonimato?

Maria Felipa não é apresentada como religiosa, não usa qualquer disfarce, assume sua identidade e promove o engajamento de índios

e negros em Itaparica. Sua força, seu pertencimento, sua luta é a cartografia do cenário realista marcado pelo racismo estrutural.

Escurecendo a história, reconhecemos a força do protagonismo feminino, contudo, enaltecer a memória de Felipa, expor sua força, seu legado, seu pertencimento, protagonismo e abnegação é lançar ao mundo a potência da mulher negra e de todas(es) e emanar ao universo a força do sagrado feminino.

